



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

CARLOS ANDRÉS ERAZO GIRALDO

Judas, o beijo como simbólica da traição
Contributos da figura de Judas Iscariotes em Amos Oz e
Leonid Andreiev para uma hermenêutica Bíblica e
Teológica

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutora Luísa Almendra

Lisboa
2021

Dedicatória

Quero agradecer a Deus por esta oportunidade que me tem concedido de poder aprofundar e consolidar, a partir dos estudos, a minha experiência de fé.

Em segundo lugar, agradeço às mulheres que fazem parte da minha vida. As que me têm motivado e animado para poder concluir este trabalho, de maneira especial à Professora Luísa Almendra, pela paciência e companhia.

Em terceiro e último lugar, aos Missionários da Consolata, que ocupam um lugar especial no meu coração.

Índice

Dedicatória	2
Resumo	5
Abstract	5
Siglas e abreviaturas	6
<i>Bíblia</i>	6
<i>Outros</i>	6
Introdução	7
<i>Estrutura</i>	7
<i>Metodologia</i>	8
CAPÍTULO I - A FIGURA DE JUDAS ISCARIOTES NO TEXTO BÍBLICO	11
1. <i>O testemunho textual implícito e explícito</i>	11
1.1 <i>Nos evangelhos</i>	11
a. <i>Evangelho Segundo Marcos</i>	11
b. <i>Evangelho Segundo Mateus</i>	15
c. <i>Evangelho Segundo Lucas</i>	23
d. <i>Evangelho Segundo João</i>	30
1.2 <i>Nos atos dos Apóstolos</i>	42
2. <i>Estudos de exegeses recente sobre judas</i>	45
CAPÍTULO II- REFLEXOS LITERÁRIOS DA FIGURA DE JUDAS EM AMOS OZ E LEONID ANDREIEV	49
1. <i>Alguns ecos Literários da figura de Judas na história</i>	49
1.1 <i>Século XIV, Dante Alighieri e a “Esfera da Judeca”</i>	50
1.2 <i>Século XVII-XX a revindicação de Judas</i>	53
1.3 <i>Borges e as “Três Versões de Judas”</i>	58
1.4 <i>Século XXI o repensar de Judas</i>	60
2. <i>Judas em Amos Oz</i>	63
2.1 <i>Estrutura e contexto literário</i>	65
a. <i>Personagens</i>	65
b. <i>Espaço geográfico</i>	67
2.2 <i>Temáticas da obra</i>	70
a. <i>Jesus sempre amou a todos?</i>	70
b. <i>“Eles o chamaram de traidor”</i>	72
3. <i>Judas em Leonid Andreiev</i>	75
3.1 <i>Estrutura e contexto literário</i>	76

3.2	<i>Temáticas da obra</i>	77
a.	<i>Jesus chamou-o para o seu lado, dando-lhe um lugar entre os eleitos</i>	79
b.	<i>Quando se ama, não se pergunta o que se deve fazer</i>	80
CAPÍTULO III - CONTRIBUTOS DA LITERATURA PARA UMA HERMENÊUTICA BÍBLICA E TEOLÓGICA, AS QUESTÕES ESQUECIDAS		82
1.	<i>A Tradição como ponto de reflexão</i>	82
1.1	<i>A memória de Judas, uma tradição presente</i>	89
2.	<i>Os sentimentos como fonte do agir humano</i>	90
2.1	<i>O desespero de Judas</i>	93
3.	<i>As perguntas não feitas</i>	94
3.1	<i>As perguntas que nos deixa Judas</i>	96
4.	<i>A traição como um novo paradigma de reflexão</i>	96
4.1	<i>Judas é o traidor?</i>	98
5.	<i>Uma nova reflexão teológica sobre a figura de Judas</i>	101
Conclusão		103
Bibliografia		105
1.	<i>Edições da Sagrada Escritura e Instrumentos de Apoio</i>	105
2.	<i>Literatura</i>	106
3.	<i>Bibliografia geral</i>	106
4.	<i>Artigos</i>	109
5.	<i>Sites:</i>	113

Resumo

Este estudo insere-se numa abordagem que tenta observar a Bíblia como literatura. Neste caso, estudar-se-á a figura de Judas Iscariotes, um personagem enigmático e misterioso, que é diretamente relacionado com a traição.

Dividindo-se em três capítulos, o presente trabalho abordará num primeiro momento a figura de Judas, na Bíblia e, depois em dois textos literários de dois autores de diferentes momentos históricos e nacionalidades: Amos Oz de Israel e Leonid Andreiev, da Rússia. A partir do estudo realizado gostaria de apresentar uma reflexão teológica a qual é alimentada pela Bíblia e pela literatura. Neste sentido, o estudo mostrará como estas duas áreas podem dialogar e complementar-se.

Palavras-chaves: Judas Iscariotes, Bíblia, Literatura, Amos Oz, Leonid Andreiev, Traição, Beijo

Abstract

This study is part of an approach that tries to look at the Bible as literature. In this case, the figure of Judas Iscariot will be studied, an enigmatic and mysterious personage, who has been directly related to the betrayal. This thesis is divided into three chapters and will address, firstly, the figure of Judas in the Bible and then the same figure represented in two literary texts by two authors of different nationalities and historical periods, Amos Oz and Leonid Andreyev, an Israeli and a Russian. Based on the above, it will present a theological reflection that is fed by the Bible and literature. In this sense, it will show how these two can dialogue and nourish each other.

Keywords: Judas Iscariot, Bible, Literature, Amos Oz, Leonid Andreyev, Betrayal, Kiss.

Siglas e abreviaturas

Bíblia

Gn	- Géneses
Êx	- Êxodo
Zc	- Zacarias
Jr	- Jeremias
Lc	- Lucas
Mc	- Marcos
Mt	- Mateus
Atos	- Atos dos Apóstolos

Outros

ed.	- edição
et al.	- et alii
etc.	- etcaetera
dir.	- diretor
intr.	- introdução
ss.	- seguintes
trad.	- tradução
vol.	- volume

Introdução

Judas Iscariotes¹ o traidor, o apóstolo que com um beijo entregou ao seu Mestre, representa um personagem enigmático e misterioso; o credor dos maiores pejorativo da história. Pensa-se que basta para este homem um julgamento e exame a partir do que ficou exposto literariamente no texto bíblico. Não parece ser este o entendimento de alguns autores, que manifestam uma certa indiferença relativamente a questões importantes: se na verdade Judas é o verdadeiro culpado Daquele que será condenado? Por que é que Judas entregou Jesus? Será que Judas não merece o perdão que Jesus anunciou?

É um facto que determinadas leituras desenvolveram rituais populares onde Judas é queimado, apedrejado e linchado, ocupando o papel do traidor por excelência em diferentes sociedades. Esse papel, tão sublinhado na sociedade, tem despertado o interesse de diferentes artistas, escritores e músicos que, usando a sua imaginação e os seus dons, quiseram ir além do aparente. Nesse sentido, vemos como Judas foi mais estudado pelas ciências seculares do que pela religião, e nessa sequência, tem sido mais abordado pela literatura do que pela própria teologia.

Considerando o anterior, este trabalho enunciará um debate entre o texto literário bíblico sobre a figura de Judas e em dois textos literários de dois autores de diferentes momentos e nacionalidades históricas: Amos Oz e Leonid Andreiev, um israelita e um russo. Decidi abordar esses dois escritores devido à sua extensa produção literária e à maneira como abordam a figura de Judas. São dois textos muito diferentes e, nesse sentido, representam uma grande riqueza. No entanto, este trabalho não se limitará apenas a esses dois autores, senão que, será enriquecido por outros escritores e livros, os quais aportaram uma ajuda para a reflexão teológica. Nesse sentido, veremos como a literatura tem muito a contribuir para a teologia.

Estrutura

Esta tese estará dividida em três capítulos, os quais tentarão fazer uma abordagem teológica e literária sobre este personagem enigmático que suscita muitos sentimentos e opiniões. O primeiro capítulo será orientado para a figura bíblica de Judas Iscariotes. Nesse sentido, num primeiro momento veremos como Judas Iscariotes aparece na Bíblia. Para tal, trataremos os textos em grego para, assim, reconhecer algumas particularidades que não são visíveis nas traduções.

¹ Nos evangelhos é o nome do apóstolo que aparece com mais frequência depois de Pedro

No segundo capítulo, examinaremos alguns ecos literários de Judas no percurso da história, os quais nos ajudarão a pensar e ver como esse personagem foi abordado nos diferentes séculos e pelos diferentes autores. Nesta sequência, encontraremos o que diferentes autores pensaram e imaginaram sobre esta figura bíblica. Durante esse processo histórico, surge uma mudança na maneira como esse personagem foi pensado nessa continuidade. Podemos identificar que o Judas que Dante pensava não é igual ao Judas que Amos Oz nos propõe em seu livro.

Seguidamente, será realizada uma reflexão sobre a figura de Judas a partir dos escritores escolhidos: Amos Oz e Leonid Andreiev. Num primeiro momento, observaremos o livro de Judas de Amos Oz e examinaremos os seus personagens e o seu espaço geográfico. Além disso, veremos como este escritor israelita reflete sobre esta figura enigmática e nos coloca como ponto de análise a traição e a pacificação. A seguir, analisaremos o escritor russo, Leonid Andreiev, que claramente tem uma singularidade, onde propõe um Judas muito diferente de Amos Oz. No seu livro devemos destacar duas características importantes: a eleição e o relacionamento que Judas tem com Jesus e os apóstolos. Certamente, esses dois literatos oferecem-nos uma grande riqueza na reflexão desta figura misteriosa.

Finalmente, encontramos o terceiro capítulo, que propõe algumas contribuições que a literatura pode dar à reflexão teológica. Nesse sentido, veremos como a literatura pode enriquecer a teologia. Além disso, pode ser uma ótima ferramenta para o estudo da Bíblia e uma grande ajuda para a hermenêutica bíblica, pois oferece perguntas e questões inquietantes que além de válidas são existenciais. Nesse sentido, veremos como a literatura pode dialogar com a teologia e, neste diálogo, lhe pode oferecer caminhos de reflexão para perceber as realidades humanas.

Metodologia

O diálogo entre teologia e literatura tem sido incentivado nos últimos anos. No entanto, este não é recente, de facto, desde o século V a.C. os filósofos gregos, a partir da razão, começam a questionar os mitos, interrogando o seu valor e o seu sentido. No entanto, durante um bom período, a literatura assim como a filosofia estavam ao serviço da teologia, ou seja, não tinham o seu espaço nem a sua liberdade. Mas isto vai mudar consideravelmente a partir do século XVIII, a partir deste momento, encontramos uma separação. No início foi um divórcio brusco, no qual houve uma forte crítica por parte da literatura para com a doutrina e, da doutrina para com os escritores.

Este divórcio não favoreceu o diálogo entre a literatura e a teologia. De facto, a separação foi cada vez mais prolongada e a teologia foi ficando para trás. Neste contexto, enquanto as artes dialogavam com uma sociedade cada vez mais secular, a teologia ficava fechada no seu fazer teológico, deixando de lado as questões existências. No entanto, houve uma particularidade, enquanto a teologia ficava nos seus princípios, a literatura foi à procura dos textos bíblicos como fonte de inspiração. Assim, enquanto a literatura se aproximava mais da Bíblia, a teologia fechava-se nos seus princípios, deixando a Bíblia em segundo plano.

No entanto, no século XX houve uma mudança e uma aproximação não da teologia para com a literatura, senão uma aproximação para com a Bíblia. A Bíblia que parecia ser ocupada pelo protestantismo passou a ter de novo um papel importante na reflexão teológica.

Seguidamente, com o Concílio Vaticano II, encontramos uma aproximação por parte da teologia com as outras ciências, embora este já fosse um processo que tinha começado há alguns anos atrás. O Concílio foi um grande impulso para dialogar com as outras ciências e, neste caso, com a literatura. No entanto, a partir do anterior, surge uma questão por parte de alguns teólogos, os quais mostram receio de se aproximar de outras ciências, já que estas não têm a certeza que possam oferecer algo ao fazer teológico.

Seguidamente, considerando que a teologia tem a ver com Deus, implicitamente tem a ver com a sua criação, e nesta sequência com tudo o que é próprio do ser humano. Assim, a teologia deve aprofundar a pesquisa antropológica; as perguntas que são próprias da existência do Homem. E estas estão muito presentes na literatura. Assim, na relação que é feita entre a teologia e a literatura deve haver um método. Considerando a diversidade do ser humano existem vários métodos para realizar esta aproximação. Entre eles encontramos: teopoética, correlação, estudos comparados, perspectiva mística, método antropológico, entre outros.

A partir do anterior, considerando o carácter de Judas que é conhecido pela sua traição, drama que acompanha a todos os seres humanos, o método que é utilizado para a presente dissertação é o método antropológico. Ademais porque os livros escolhidos abordam esta realidade. De facto, a literatura não conhece o humano de maneira quantitativa, como acontece com outras áreas do conhecimento, mas afirma-o refere-se aquilo que ele é. Desde as suas vivências e experiências. Assim, o método antropológico oferece uma base importante para estabelecer o diálogo entre a teologia e a literatura. A diferença entre as outras ciências e a literatura não fica no aparente senão que vai ao mais íntimo da humanidade. Assim, esta procura ir à compreensão do que significa o ser humano, no mundo.

Considerando que a literatura envolve tudo aquilo que é humano, a religiosidade e a fé são também pontos do seu estudo. Neste aspeto procura ver essa relação que o ser procura com o Absoluto; com o Criador, o com Aquele Ser nomeado por alguns e, sem nome para outros. A

partir disto, a teologia ocupa também seu espaço no qual vai abordar o ser desde a sua relação com o Absoluto assim como também tudo aquilo que faz referência à sua religiosidade que pode ser fruto da sua escolha de vida, da cultura ou da história.

Neste diálogo, as ciências não devem mudar a sua essência, não devem deixar de ser aquilo que são. Assim, a literatura importa à teologia na medida que é autêntica, e vice versa. Estas não devem mudar, mas sim aproximar-se com sensibilidade e atenção, abertas ao desconhecido, mas humano. Porque afinal, a realidade humana ainda não é totalmente conhecida. Como criaturas de Deus, ainda continuamos a ser mistério. Assim, esta aproximação não tem como sentido final encontrar a verdade, se não se comunicar e aprender mais do mistério. Assim, a literatura constitui uma referência que possibilita caminhar no conhecimento de Deus pelo conhecimento do humano.

CAPÍTULO I - A FIGURA DE JUDAS ISCARIOTES NO TEXTO BÍBLICO

A nossa atenção centra-se num primeiro momento nos textos bíblicos, que referem em diferentes momentos a figura de Judas Iscariotes. O quatro texto, de evangelho, detém-se na construção deste personagem. No entanto, na análise dos mesmos, encontramos diferenças substanciais. Será de vital importância identificar as características e qualidades que cada evangelista sublinha sobre este personagem. Nesta análise, encontraremos como Judas se torna numa personagem decisiva no drama da vida e morte de Jesus Cristo. Um drama que envolve não só a sua existência, mas também o seu destino final.

1. O testemunho textual implícito e explícito

Temos como certo que as narrativas bíblicas têm uma clara intencionalidade. Neste sentido, aproximarmo-nos da figura de Judas coloca diferentes desafios em relação às possibilidades de conhecer ou não esta intencionalidade. Esta figura está marcada por uma grande falta de informação, que se justifica pela prioridade que os autores atribuíam à figura de Jesus Cristo e ao facto de Judas representar uma figura controversa e até mesmo embaraçante.

1.1 Nos evangelhos

Na narrativa dos evangelhos, encontramos diferentes micronarrativas que a alimentam, estas estão carregadas por diferentes personagens, contextos e tempos. Judas Iscariotes é uma destas personagens, que aparece referenciada em todos os evangelhos. No entanto, não são todos consensuais. Existem entre eles diferenças substanciais sobre as causas que motivaram seus atos.² Judas é um personagem enigmático, que desenrola um papel muito importante na morte do seu Mestre. Procurar entender a razão pela qual ele entregou Jesus, constituirá sempre um desafio a redescobrir constantemente na narrativa e na leitura.

a. Evangelho Segundo Marcos

A primeira referência que encontramos de Judas está presente no evangelho segundo Marcos. Aqui descobrimos quatro narrativas que fazem referência a Judas Iscariotes. Claramente isto vai-nos oferecer bases para uma primeira aproximação bíblica.

² Cf. J. B. Bauer, «Judas», em *Dicionário de Teologia Bíblica*, 230

Mc 3,19

19 καὶ Ἰούδαν Ἰσκαριώθ ὃς καὶ παρέδωκεν αὐτόν.	19. e Judas Iscariotes, que o entregou,
--	---

A partir do texto citado, podemos identificar que o relato da lista dos doze apóstolos termina com um timbre negativo caracterizado pela palavra *παρέδωκεν*³ que coloca de imediato o leitor em alerta sobre a figura de Judas. O texto cria uma tensão literária que estará sempre presente cada vez que Judas é nomeado. Neste sentido podemos ver que, não obstante em Mc 14,10 Judas seja apresentado como *εἷς τῶν δώδεκα*⁴, existe uma gravidade do seu ato, que Mc 3,19 sublinha⁵.

Mc 14,10-11

¹⁰ Καὶ Ἰούδας Ἰσκαριώθ ὁ εἷς τῶν δώδεκα ἀπῆλθεν πρὸς τοὺς ἀρχιερεῖς ἵνα αὐτὸν παραδοῖ αὐτοῖς ¹¹ οἱ δὲ ἀκούσαντες ἐχάρησαν καὶ ἐπηγγείλαντο αὐτῷ ἀργύριον δοῦναι καὶ ἐζήτηε πῶς αὐτὸν εὐκαίρως παραδοῖ	¹⁰ Então Judas Iscariotes, um dos Doze, foi ter com os chefes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. ¹¹ Ao ouvi-lo, eles alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele procurava o momento oportuno para o entregar.
---	--

O texto de Mc 14, prossegue dizendo que Judas foi ter com os chefes dos sacerdotes e que estes se alegram. O evangelista não explica o motivo da alegria. No entanto, é de destacar que perante um desígnio de morte, estes se alegram e lhe prometam dinheiro. Este ponto é de destacar, já que, segundo o evangelista, Judas não entrega Jesus por dinheiro, esta não é a motivação que o leva a entregar a Jesus senão uma recompensa.⁶

Tudo indica que Judas, desiludido com Jesus de Nazaré de quem esperava um testemunho messiânico unicamente encontrava um messianismo espiritual. Por esse motivo, ele (que era zelote) não teve outra alternativa senão livrar-se do Mestre, por isso foi ao encontro dos chefes dos sacerdotes⁷. Além disso, podemos reparar que entregar Jesus consistiu não em revelar ou apontar quem era a pessoa de Jesus de Nazaré, que já seria bem conhecida pelos chefes dos sacerdotes, mas em indicar uma ocasião e lugar em que fosse possível prender Jesus, sem que o povo se revoltasse⁸.

³ Esta palavra corresponde ao Verbo, aoristo, ativo, indicativo, 3 pessoa singular do verbo *παραδίδωμι*, o qual significa: entregar, dar, entregar com uma sensação de envolvimento próximo (pessoal) e trair. Prefiro utilizar a palavra entregar já que esta é a que mais se aproxima ao seu eu sentido original.

⁴ Que significa um dos Doze.

⁵ Cf. Secundino Castro Sánchez, *El sorprendente Jesús de Marcos: el evangelio de Marcos por dentro*, (Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2007) 393

⁶ Cf. Secundino Castro Sánchez *El sorprendente Jesús de Marcos: el evangelio de Marcos por dentro*, 394.

⁷ Cf. A. Cunha de Oliveira, *A Morte do Justo, Angra do Heroísmo* (Instituto Açoriano de Cultura, 2013) 69.

⁸ Cf. A. Cunha de Oliveira, *A Morte do Justo, Angra do Heroísmo*, 70.

Mc 14,17-21

¹⁷Καὶ ὀψίας γενομένης ἔρχεται μετὰ τῶν δώδεκα
¹⁸Καὶ ἀνακειμένων αὐτῶν καὶ ἐσθιόντων ὁ
Ἰησοῦς εἶπεν Ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι εἷς ἐξ ὑμῶν
παραδώσει με ὁ ἐσθίων μετ' ἐμοῦ ¹⁹ἤρξαντο
λυπεῖσθαι καὶ λέγειν αὐτῷ εἷς κατὰ εἷς Μήτι ἐγώ
²⁰Ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς Εἷς τῶν δώδεκα ὁ
ἐμβαπτόμενος μετ' ἐμοῦ εἰς τὸ (ἐν) τρύβλιον ²¹
ὅτι ὁ μὲν Υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ὑπάγει καθὼς
γέγραπται περὶ αὐτοῦ οὐαὶ δὲ τῷ ἀνθρώπῳ
ἐκεῖνῳ δι' οὗ ὁ Υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου παραδίδοται
καλὸν αὐτῷ εἰ οὐκ ἐγεννήθη ὁ ἀνθρώπος ἐκεῖνος

¹⁷Ao cair da tarde, chegou com os Doze. ¹⁸E,
enquanto estavam reclinados à mesa e comiam,
Jesus disse: «Amen vos digo: um de vós, *que
come comigo*, me há de entregar». ¹⁹Começaram
a entristecer-se e a dizer-lhe, um após outro:
«Não sou eu, pois não?». ²⁰Mas Ele disse-lhes:
«É um dos Doze, o que põe comigo a mão no
prato. ²¹Porque o Filho do Homem parte, tal
como está escrito acerca dele, mas ai daquele
homem por quem o Filho do Homem é entregue!
Melhor seria para esse homem não ter nascido».

Seguidamente, a narrativa de Marcos vai mostrar que foi durante a última ceia que Jesus anuncia que será entregue. Este anúncio tem uma característica especial, é feito de maneira impessoal, não se faz referência a alguém em específico. No entanto, Mc 14,18b deixa claro que «“um de vós, que come comigo” ... “É um dos Doze, o que põe comigo a mão no prato”» (Mc 14,20). Estas palavras de Jesus, no contexto de uma refeição, não deixam de surpreender dado o forte sentido que a refeição tinha, sendo um momento de grande intimidade. Normalmente, nas refeições, além de existir o prato pessoal, existia uma travessa central⁹ da qual cada um se podia servir¹⁰. Neste contexto, as palavras de Jesus sugerem que ele será entregue por alguém que tem uma intimidade com Ele, lembrando o Sl 41,10 «um amigo o vai trair». Reconhecemos aqui dois aspetos significativos: o primeiro é caracterizado pela reação dos doze, que se sentem numa situação de tristeza e de dúvida perante as palavras de Jesus¹¹; e um segundo, marcado pela predição da atitude de Judas que não toma por surpresa Jesus¹². A partir de estes dois pontos mencionados, surge a questão sobre os sentimentos de Judas ao saber que Jesus tem conhecimento daquilo que pensa fazer.

No final da terceira narrativa encontramos um caso redaccional bastante interessante. A seguir, Marcos conclui com uma frase aforística que ainda hoje usamos na linguagem corrente. Mc 14,21b «“ai daquele homem por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor seria para esse homem não ter nascido”», ma em nenhum caso vai afirmar a condenação de Judas.¹³ O que procura expressar é que a existência daquele que o entregará, estará marcada por uma tristeza

⁹ Possivelmente este é composto de frutos e azeite (harōset) onde se molhavam as ervas amargas

¹⁰ Cf. A. Cunha de Oliveira, *A Morte do Justo, Angra do Heroísmo*, 40.

¹¹ Cf. Secundino Castro Sánchez, *El sorprendente Jesús de Marcos: el evangelio de Marcos por dentro*, 399.

¹² Cf. Ernest Best, «The role of the Disciples in Mark», in *New Testament Studies*, vol. 23 (1977): 377-401.

¹³ Cf. Deven K. MacDonald, *Allegiance, Opposition, and Misunderstanding: A Narrative Critical Approach to Mark's Christology*, (London: Wipf and Stock, 2018) 60.

muito profunda, resultado de uma vida envolvida pelo fracasso.¹⁴ No entanto, o anterior não implica que esta frase não cause um forte impacto no leitor.

Mc 14,43-45

⁴³Καὶ εὐθὺς ἔτι αὐτοῦ λαλοῦντος παραγίνεται ὁ Ἰούδας εἷς τῶν δώδεκα καὶ μετ’ αὐτοῦ ὄχλος μετὰ μαχαιρῶν καὶ ξύλων παρὰ τῶν ἀρχιερέων καὶ τῶν γραμματέων καὶ τῶν πρεσβυτέρων ⁴⁴Δεδώκει δὲ ὁ παραδιδούς αὐτὸν σύσσημον αὐτοῖς λέγων Ὅν ἂν φιλήσω αὐτός ἐστιν κρατήσατε αὐτὸν καὶ ἀπάγετε ἀσφαλῶς ⁴⁵καὶ ἔλθων εὐθὺς προσελθὼν αὐτῷ λέγει Ῥαββί καὶ κατεφίλησεν αὐτόν.

⁴³E imediatamente, ainda Ele falava, apareceu Judas, um dos Doze e, com ele, uma multidão com espadas e varapaus, da parte dos chefes dos sacerdotes, dos doutores da lei e dos anciãos. ⁴⁴O que o ia entregar tinha-lhes dado um sinal, dizendo: «É aquele que eu beijar; prendei-o e levai-o bem seguro». ⁴⁵Ao chegar, foi imediatamente ter com Ele e disse: «Rabi!», e beijou-o efusivamente.

Na quarta e última narrativa, o evangelista Marcos faz referência a Judas no momento da entrega de Jesus. Este está caracterizado pelas palavras ditas pelo apóstolo e também pelo seu agir. Considerando o anterior, encontramos beijar (*φιλήσω*) um sinal que será a chave para prender Jesus, e as palavras que Judas disse àqueles que o acompanhavam: «prendei-o e levai-o bem seguro». Nesta sequência, podemos encontrar que o advérbio *ἀσφαλῶς*, que significa: firmeza, vigilância, segurança ou estabilidade, pode expressar o medo ou temor de Judas pelo que poderia fazer Jesus quando fosse apanhado. Nesse aspeto, alguns autores, como Secundino e os professores de Salamanca, propõem que Jesus conseguisse fazer algum milagre, com o qual se conseguisse libertar.¹⁵ Isto parece ser muito interessante, já que Judas embora estivesse a entregar o seu Mestre, reconhecia que ele tinha a capacidade de fazer milagres¹⁶. Além disso, encontramos o sinal. Este, num primeiro momento, é descrito por um verbo simples *φιλήσω*¹⁷, e um verbo composto quando fala da ação de Judas *κατεφίλησεν*.¹⁸ Considerando o anterior, devemos ter presente que o beijo era comum entre os homens do oriente, nas saudações e nas despedidas¹⁹. Mas pelo que se deduz do texto original, em grego, Judas não só beijou Jesus de Nazaré, tal como faziam os discípulos aos seus Mestres, mas o beijou de um modo muito especial. Isto pode expressar o grau de proximidade entre Judas e Jesus. ²⁰ Deste modo, Marcos, deixa claro que o beijo de Judas não foi um simples gesto de cortesia, mas um beijo muito

¹⁴ Cf. Secundino Castro Sánchez, *El sorprendente Jesús de Marcos: el evangelio de Marcos por dentro*, 401.

¹⁵ Cf. Secundino Castro Sánchez, *El sorprendente Jesús de Marcos: el evangelio de Marcos por dentro*, 419.

¹⁶ Cf. Profesores de Salamanca, *Biblia comentada. V: Evangelios (I)*, 720.

¹⁷ Significa entre o mais, acolher a alguém com agrado, dar sinal de amor, beijar

¹⁸ É o verbo *φιλήσω* com a preposição grega *κατα*, que tem a função de reforçar a ideia fundamental do verbo. E por tanto se deve traduzir como beijar ternamente, beijar de modo muito significativo de agrado, amor, admiração

¹⁹ Cf. Secundino Castro Sánchez, *El sorprendente Jesús de Marcos: el evangelio de Marcos por dentro*, 722.

²⁰ Cf. Jean Delorme, *Para ler o Evangelho segundo S. Marcos*, (Lisboa: ed. Difusora Bíblica, 2005): 120.

significativo. Neste sentido, podemos encontrar um grande paralelismo entre um gesto carregado de proximidade e um ato cheio de afastamento.

Nesta sequência, poderíamos relacionar esta última cena com a profecia de Isaías, a qual foi citada por Jesus em outra ocasião Mc 7,6 «este povo honra-me com os lábios, mas o coração deles está longe de mim». Juan Mateos confirma que Judas não é só um indivíduo, senão o representante de um sector de Israel, o qual depois de escutar e ver alegremente os atos de Jesus pede a sua morte.²¹ Foi neste sentido, que a exegese chegou mesmo a levantar uma série de questões sobre a historicidade da figura de Judas; se na verdade ele existiu ou se é unicamente a representação de uma parte de Israel.

Finalmente, considerando tudo o que foi dito, no Evangelho Segundo Marcos podemos identificar cinco pontos que são muito importantes na construção do perfil de Judas:

- Pertence ao grupo mais íntimo de Jesus, ao grupo dos doze apóstolos.
- A motivação pela qual Judas entrega a Jesus não é pelo dinheiro, este é oferecido como recompensa.
- Existe uma intimidade entre Judas e Jesus, esta é caracterizada pelo fato de comer na mesma mesa e o beijo.
- A astúcia de Judas em indicar uma ocasião e lugar em que fosse possível prender Jesus sem que o povo se revoltasse.
- O poder que Judas reconhece em Jesus.

b. Evangelho Segundo Mateus

Num primeiro momento, é importante destacar que o evangelho segundo Mateus é baseado em fontes como o evangelho segundo Marcos e na Fonte Q²². Por disso, podemos encontrar a grande semelhança nas narrativas nos dois evangelhos. No entanto, esta semelhança não significa que não possamos encontrar algumas novidades narrativas, as quais nos possam acrescentar alguns dados importantes sobre a figura de Judas Iscariotes. Nesta sequência, é de identificar que Mateus será o primeiro a fazer referência à morte de este personagem. Assim como também, aportará alguns elementos sobre a motivação que o levou a entregar Jesus.

Seguidamente, é de identificar que neste evangelho vamos encontrar cinco narrativas que nos falam diretamente de Judas Iscariotes.

²¹ Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Marcos: Análisis Lingüístico y Comentario Exegético*, (Madrid: Fundación Épsilon, 1993), 345.

²² Cf. Jonh Nolland, *The Gospel of Matthew*, (Grand Rapids: ed. Eerdmans, 2005), 74.

Mt 10,4

⁴ Σίμων ὁ Καναναῖος καὶ Ἰούδας ὁ Ἰσκαριώτης ὁ καὶ παραδοὺς αὐτόν	⁴ Simão, o cananeu, e Judas Iscariotes, que o entregou
---	---

Considerando o texto já citado, podemos identificar, num primeiro momento, como Judas faz parte do grupo dos doze apóstolos. Como já foi mencionado anteriormente, Mc e Mt têm grandes semelhanças, nesse sentido, podemos reconhecer como o relato da lista dos doze apóstolos termina com Judas Iscariotes²³ junto ao epíteto παραδοὺς²⁴. Isto vai dar consistência ao que já foi mencionado por Marcos. Podemos, portanto, constatar aquilo que vai ser decisivo na vida de este personagem.

Mt 26,14-16

¹⁴ Τότε πορευθεὶς εἰς τῶν δώδεκα ὁ λεγόμενος Ἰούδας Ἰσκαριώτης πρὸς τοὺς ἀρχιερεῖς ¹⁵ εἶπεν Τί θέλετέ μοι δοῦναι κἀγὼ ὑμῖν παραδώσω αὐτόν οἱ δὲ ἔστησαν αὐτῷ τριάκοντα ἀργύρια ¹⁶ καὶ ἀπὸ τότε ἐζήτει εὐκαιρίαν ἵνα αὐτόν παραδῶ	¹⁴ Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os chefes dos sacerdotes, ¹⁵ disse: «Quanto quereis dar-me se eu vo-lo entregar?». <i>Eles estabeleceram com ele trinta moedas de prata.</i> ¹⁶ E, desde então, procurava uma boa oportunidade para o entregar.
---	---

Nesta segunda narrativa, podemos encontrar num primeiro momento, como esta cena é narrada depois da unção de Betânia²⁵, o qual tem como intenção mostrar um contraste entre o amor leal e generoso da mulher e ato que Judas vai cometer. ²⁶ Nesse sentido, em Mateus vamos encontrar um dado muito significativo, que não está presente em Marcos. Este é marcado pelo facto de ser Judas quem toma a iniciativa de perguntar qual recompensa que receberá por entregar Jesus. O valor acordado, “trinta moedas de prata”²⁷, é o resultado de uma transação entre o apóstolo e os chefes dos sacerdotes, que o autor vai descrever como: ἔστησαν (estabeleceram). A fixação do preço da venda em trinta siclos, revela um ato de desprezo por Jesus. O valor é semelhante ao preço a ser pago ao proprietário por um escravo que se houvesse inutilizado: "trinta siclos de prata" (Êx 21.32). Por outro lado, o profeta Zacarias renuncia a

²³ Resulta importante destacar como o Iscariotes (Ἰσκαριώτης) é um elemento importante e distintivo o qual nos ajuda a reconhecer a identidade de este personagem, no entanto, o seu significado por enquanto resulta ser um mistério que será desvelado no Evangelho segundo João.

²⁴ Este verbo corresponde ao aoristo, ativo, participio, esta maneira é apresentada unicamente duas vezes nos evangelhos sinópticos e de maneira específica no evangelho segundo Mateus 10,4; 27,4. Esta conjugação pertence ao verbo παραδίδωμι, que como já foi mencionado, significa: entregar, dar, entregar com uma sensação de envolvimento próximo (pessoal) e trair.

²⁵ O mesmo acontece no evangelho segundo Marcos, é de ressaltar o comportamento dos discípulos perante a ação da mulher, os quais, criticam este ato, considerando que o balsamos poderia vender-se a um bom preço e dar-se aos pobres.

²⁶ Cf. António Couto, *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*, (Lisboa: ed. Paulos, 2015.) 55

²⁷ Estas trinta moedas, deveriam corresponder ao siclo (shekel) do templo, a qual cada uma tinha um valor de dez denários aproximadamente.

apascentar do rebanho de Israel e pede o seu salário; e eles me deram, diz ele, um salário de "trinta siclos de prata" (Zc 11,12-13). Este é lançado para o tesouro do templo, por ter sido taxado a preço de escravo. É de destacar que este valor, relativamente baixo, pode suscitar dúvidas e questões sobre a verdadeira motivação que levou a Judas a entregar Jesus. Mesmo assim, Mitch Curtis vai indicar que a motivação da entrega, não corresponde unicamente a um caráter ideológico, mas que é influenciado pela avareza²⁸. Nesta mesma sequência, encontramos J. Mateos, o qual afirma que Judas é o homem que não optou pela pobreza e que o seu desejo de dinheiro o leva a trair a mensagem de Jesus²⁹. Por outro lado, Leander E. Keck vai indicar que Mateus não procura uma representação psicológica de Judas, senão que a sua intenção é indicar o contraste entre o reino de Deus inaugurado por Jesus e o reino oposto dominado pelo interesse egoísta do dinheiro.³⁰ Posteriormente, veremos que a tarefa de entregar Jesus, vai significar, encontrar o lugar e o momento oportuno de tal maneira que não possa causar possíveis perturbações populares. A partir daqui, identificamos a inteligência e a astúcia do discípulo. O qual é capaz de cumprir com o propósito.

Mt 26,21-25

²¹καὶ ἐσθιόντων αὐτῶν εἶπεν Ἀμήν λέγω ὑμῖν ὅτι εἷς ἐξ ὑμῶν παραδώσει με ²²Καὶ λυπούμενοι σφόδρα ἤρξαντο λέγειν αὐτῷ εἷς ἕκαστος Μήτι ἐγὼ εἶμι Κύριε ²³Ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν Ὁ ἐμβάνας μετ' ἐμοῦ τὴν χεῖρα ἐν τῷ τρυβλίῳ οὗτός με παραδώσει ²⁴ὁ μὲν Υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ὑπάγει καθὼς γέγραπται περὶ αὐτοῦ οὐαὶ δὲ τῷ ἀνθρώπῳ ἐκείνῳ δι' οὗ ὁ Υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου παραδίδοται καλὸν ἦν αὐτῷ εἰ οὐκ ἐγεννήθη ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος ²⁵Ἀποκριθεὶς δὲ Ἰούδας ὁ παραδιδούς αὐτὸν εἶπεν Μήτι ἐγὼ εἶμι ῥαββί Λέγει αὐτῷ Σὺ εἶπας.

²¹e, enquanto eles comiam, disse: «Amen vos digo: um de vós me há de entregar». ²²Profundamente entristecidos, começou cada um a perguntar-lhe: «Não sou eu, Senhor, pois não?». ²³Ele, respondendo, disse: «O que pôs comigo a mão no prato, esse me entregará. ²⁴De facto, o Filho do Homem parte, tal como está escrito acerca dele, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor seria para esse homem não ter nascido». ²⁵Em resposta, Judas, que o ia entregar, disse: «Não sou eu, Rabi, pois não?». Ele disse-lhe: «Tu o disseste!».

A seguir, na terceira perícopie, encontraremos três declarações que Jesus faz para denunciar aquele que o entregará. Deparamos nestas narrativas com um processo que parte primeiro de uma declaração geral, passa depois para uma ambígua e finalmente uma mais específica e determinada. A primeira declaração é feita por Jesus, estando a comer. Sem antes haver uma pergunta. De improviso faz uma afirmação que causa uma impressão e um sentimento de uma profunda tristeza naqueles que estavam junto a ele, ««Amen vos digo: um de vós me há de entregar»» (Mc26,21). Perante estas palavras, encontramos uma resposta por

²⁸ Cf. Curtis Mitch, Edward Sri, *The Gospel of Matthew*, (Grand Rapids: ed. Baker Academic, 2010), 45.

²⁹ Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*, 241.

³⁰ Cf. Leander E. Keck, *The Gospels and Narrative Literature, Jesus and the Gospels, Matthew, and Mark*, The New Interpreter's Bible Commentary Volume VII: (Oxford: Abingdon Press, 2015) 467.

parte dos discípulos: «“Não sou eu, Senhor, pois não?”» (Mt26,22b) esta contestação vai colocar em causa a fidelidade daqueles homens, já que, sentem que são capazes de agir de tal maneira³¹. Logo, na segunda afirmação, deparamos com uma resposta³² ambígua perante a pergunta dos apóstolos. Esta tem como intenção expressar o grau de amizade e familiaridade entre Jesus e aquele que o entregará³³. Seguidamente, é importante ressaltar a segunda parte da resposta de Jesus, a qual exprime a gravidade do ato que vai ser cometido, «“mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor seria para esse homem não ter nascido”» (Mt 26,24b) esta réplica, que é usual, não alude ao castigo que Judas poderá ter na outra vida, senão à monstruosidade do ato de vender o seu Mestre, e nesse sentido o drama existencial que isto pode trazer à sua vida. Por último, a terceira declaração de Jesus, distinta das anteriores, vai ser mais específica e determinada. Apesar disso, é uma resposta individual àquele que o entregará³⁴. Reparámos como Judas faz a mesma pergunta que fazem os outros apóstolos, entretanto a novidade radica na palavra que utiliza Rabi (ῥαββί), enquanto os outros onze usam a palavra: Senhor (Κύριε). A resposta de Jesus é um modismo hebraico, «Tu o disseste!» (Mt26,25b), equivalente a uma afirmação do que se tem perguntado³⁵. Depois desta resposta não encontramos outra narração. No entanto, este silêncio pode induzir a pensar sobre a sensação de Judas ao ser descoberto naquele momento³⁶. Nesta sequência, é de identificar que a finalidade deste versículo é mostrar que Jesus sabe exatamente quem é aquele que o vai entregar.³⁷ Este aspeto, mais do que oferecer uma resposta, pode levantar várias perguntas ao leitor, as quais podem ser: se Jesus sabia quem o ia a entregar, por que não fez nada para o impedir? Jesus não ajudou Judas a discernir sobre aquilo que pensava fazer, porquê? Claramente, o evangelista não tinha como intenção responder a estas questões, já que o seu interesse era mostrar que Jesus sabia aquilo que lhe ia acontecer, portanto, não é apanhado de surpresa.

Mt 26, 47-50

⁴⁷ Καὶ ἔτι αὐτοῦ λαλοῦντος ἰδοὺ Ἰούδας εἷς τῶν δώδεκα ἦλθεν καὶ μετ’ αὐτοῦ ὄχλος πολὺς μετὰ	⁴⁷ Ainda Ele falava, eis que chegou Judas, um dos Doze e, com ele, uma numerosa multidão com
--	---

³¹ Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*, 245.

³² Esta evoca o Sl 40,10 “até o meu melhor amigo, em quem eu confiava e comia do meu pão, até ele se levantou contra mim”

³³ Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*, 255.

³⁴ Segundo Mitch, Curtis, esta resposta não se pode imaginar como pronunciada em alta voz, já que Jesus não podia delatar abertamente ao traidor ante os demais discípulos, porque estes houvesse tentado impedir a realização de tal plano.

³⁵ Esta resposta não é muito frequente na Bíblia, no entanto, é bíblica e extra bíblicamente conhecida.

³⁶ Cf. José Maria Bover, *El Nuevo Testamento: Traducido del Griego y Comentado*, (Barcelona: Balmes, 1946), 445.

³⁷ Cf. Salvador Carrilo Alday, *El Evangelio Según Mateo*, (Estella: ed. Verbo Divino, 2010), 78.

<p>μαχαιρῶν καὶ ξύλων ἀπὸ τῶν ἀρχιερέων καὶ πρεσβυτέρων τοῦ λαοῦ ⁴⁸ Ὁ δὲ παραδιδούς αὐτὸν ἔδωκεν αὐτοῖς σημεῖον λέγων Ὅν ἂν φιλήσω αὐτός ἐστιν κρατήσατε αὐτόν ⁴⁹ καὶ εὐθέως προσελθὼν τῷ Ἰησοῦ εἶπεν Χαῖρε ῥαββί καὶ κατεφίλησεν αὐτόν ⁵⁰ Ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ Ἐταῖρε ἐφ' ὃ πάρει Τότε προσελθόντες ἐπέβαλον τὰς χεῖρας ἐπὶ τὸν Ἰησοῦν καὶ ἐκράτησαν αὐτόν</p>	<p>espadas e varapaus, da parte dos chefes dos sacerdotes e anciãos do povo. ⁴⁸O que o ia entregar dera-lhes um sinal, dizendo: «É aquele que eu beijar; prendei-o». ⁴⁹E, indo imediatamente ter com Jesus, disse: «Salve, Rabi!», e beijou-o efusivamente. ⁵⁰Jesus disse-lhe: «Amigo, a que vieste?». Então, avançando, deitaram as mãos a Jesus e prenderam-no.</p>
--	--

Seguidamente, na quarta narrativa, encontramos uma clara relação com o evangelista Marcos. No entanto, apontamos alguns dados específicos que oferecem pontos importantes de análise: o primeiro é marcado pelo grupo que acompanha a Judas, que em Mateus, à diferença de Marcos, não fala dos doutores da lei. É importante reconhecer esta ênfase do autor ao indicar a pertença de Judas ao grupo dos doze. Isto claramente adiciona dramatismo ao que vai acontecer. Em seguida, vemos uma clara distinção entre o verbo utilizado como sinal e o verbo que indica o beijo que deu a Jesus. Beijo que expressa uma intensidade e proximidade, mas também a ambivalência do ser humano³⁸. É de ressaltar as palavras ditas pelo apóstolo, Rabi (*ῥαββί*), no evangelho segundo Mateus. Judas é o único personagem que chama Jesus por estas palavras. Em Marcos, esta palavra é utilizada por Jesus, Pedro e Judas. Nessa sequência surge a pergunta sobre o sentido da palavra Rabi. Segundo Mateus, isto significa que Judas equipara Jesus com os doutores da lei, mostrando assim a falta de rutura com a instituição judaica e os seus princípios³⁹. A partir do precedente, o autor também manifesta o caráter simbólico de este personagem, o qual pode representar Israel ligado às tradições dos letrados e fariseus, que são incapazes de aderir ao projeto de Jesus. Ao mesmo tempo representa as multidões que têm seguido Jesus; que o têm reconhecido como profeta, mas que não têm superado a ideologia do passado.⁴⁰

A seguir a estas palavras, enunciadas pelo apóstolo, encontramos uma novidade, que radica na resposta de Jesus, a qual é introduzida por uma palavra chave: *Ἐταῖρε*. Normalmente esta tem sido traduzida por amigo. No entanto, o seu sentido não expressa propriamente amizade, senão, companheiro, camarada. Este termo ligeiramente formal e irónico, também é usado em Mt 20,13 e Mt 22,12, para indicar que alguém está equivocado naquilo que faz⁴¹. A partir do anterior, surge a questão sobre a intenção do evangelista ao utilizar esta palavra. Porém, a segunda parte, a qual diz: *ἐφ' ὃ πάρει*, parece esclarecer. Ainda assim, deparamo-nos com outra questão, a qual surge como uma pergunta ou como uma afirmação. Nesse

³⁸ Cf. Salvador Carrilo Alday, *El Evangelio Según Mateo*, 79.

³⁹ Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*, 261.

⁴⁰ Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*, 262.

⁴¹ Cf. Salvador Carrilo Alday, *El Evangelio Según Mateo*, 80.

sentido, encontramos algumas traduções que podem traduzir como pergunta⁴² e outras por afirmação⁴³; nessa sequência, a bíblia de Jerusalém apresenta:

«antes que uma pergunta (por que estás aqui?) ou uma censura (que estás fazendo aqui?) deve tratar-se de uma expressão estereotipada que significa “(faz) para aquilo que estás aqui”, (ocupa-te da tua tarefa). Jesus põe término a esses cumprimentos hipócritas: é hora de passar à ação.»⁴⁴

Nessa sequência, podemos reconhecer uma cena carregada por um forte dramatismo, na qual se concretiza a entrega de Jesus por parte de um dos doze. Isto claramente vai manifestar a ambivalência humana, onde as palavras e os gestos que podem indicar amizade, proximidade e respeito, se tornam em símbolos que concretizam uma ação que acabará com a morte de Jesus.

Mt 27, 3-10

<p>³ Τότε ἰδὼν Ἰούδας ὁ παραδιδούς* αὐτὸν ὅτι κατεκρίθη μεταμεληθεὶς ἔστρεψεν τὰ τριάκοντα ἀργύρια τοῖς ἀρχιερεῦσιν καὶ πρεσβυτέροις ⁴ λέγων Ἥμαρτον παραδοῦς αἷμα ἀθῶον Οἱ δὲ εἶπαν Τί πρὸς ἡμᾶς σὺ ὄψη ⁵ Καὶ ῥίψας τὰ ἀργύρια εἰς τὸν ναὸν ἀνεχώρησεν καὶ ἀπελθὼν ἀπήγγαστο ⁶ Οἱ δὲ ἀρχιερεῖς λαβόντες τὰ ἀργύρια εἶπαν Οὐκ ἔξεστιν βαλεῖν αὐτὰ εἰς τὸν κορβανᾶν ἐπεὶ τιμὴ αἱματός ἐστιν ⁷ συμβούλιον δὲ λαβόντες ἠγόρασαν ἐξ αὐτῶν τὸν ἀγρὸν τοῦ κεραμέως εἰς ταφὴν τοῖς ξένοις ⁸ διὸ ἐκλήθη ὁ ἀγρὸς ἐκεῖνος Ἄγρος αἵματος ἕως τῆς σήμερον ⁹ τότε ἐπληρώθη τὸ ῥηθὲν διὰ Ἰερεμίου τοῦ προφήτου λέγοντος Καὶ ἔλαβον τὰ τριάκοντα ἀργύρια τὴν τιμὴν τοῦ τετιμημένου ὃν ἐτιμήσαντο ἀπὸ υἱῶν Ἰσραὴλ ¹⁰ καὶ ἔδωκαν αὐτὰ εἰς τὸν ἀγρὸν τοῦ κεραμέως καθὰ συνέταξεν μοι Κύριος.</p>	<p>³Então Judas, o que o tinha entregado, ao ver que Ele tinha sido condenado, arrependendo-se, devolveu as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos, ⁴dizendo: «Pequei, ao entregar sangue inocente». Mas eles disseram: «Que temos nós com isso? É lá contigo!». ⁵Então ele, depois de atirar as moedas para o templo, afastou-se e foi enforcar-se. ⁶Os chefes dos sacerdotes, apanhando as moedas, disseram: «Não é permitido lançá-las para o tesouro do templo, uma vez que são preço de sangue». ⁷E, depois de se terem reunido em conselho, compraram com elas o Campo do Oleiro, para sepultura dos estrangeiros. ⁸Por isso, aquele campo é chamado o "Campo de Sangue", até hoje. ⁹Assim se cumpriu o que foi dito por meio do profeta Jeremias, que diz: <i>E apanharam as trinta moedas de prata, o preço com que foi avaliado aquele que os filhos de Israel avaliaram;</i> ¹⁰e pagaram com elas o Campo do Oleiro, como me tinha ordenado o Senhor</p>
--	--

Depois, na quinta e última narração, encontramos algo único nos evangelhos e é o relato da morte de Judas, como já vimos anteriormente, Marcos não se preocupou por apresentar o que aconteceu depois do momento da entrega de Jesus. Nesse sentido, podemos ver no início, algo particular, o epíteto de Judas já não faz referência a sua pertença ao grupo dos doze, senão que é chamado por: «o que o tinha entregado» (Mt 27,3a). De facto, esta é a única narrativa nos

⁴² A Bíblia da conferencia episcopal portuguesa, assim como também a bíblia sagrada dos capuchinos e de Jerusalém em versão portuguesa traduzem, por que vieste?

⁴³ Cf. La Sacra Bibbia apresenta, “per questo qui!?”; por outro lado a versão em francês da Bíblia de Jerusalém traduz, “ce that you are venu faire, fais-le”; a versão em espanhol diz: “¡a lo que estás aquí!” e a versão em inglês: “do what you are here for”

⁴⁴ Cf. *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2002. 1753.

evangelhos sinópticos onde não podemos identificar a pertença deste personagem ao grupo dos doze, isto pelo fato que as narrativas evangélicas onde aparece Judas, é apresentado ou companhia dos outros apóstolos ou pelo epíteto “um dos doze”. A partir do anterior, poderíamos ver uma separação e distinção ao Judas antes de concretizar a entrega, e ao Judas depois de ter realizado a entrega. A seguir do precedente, deparamos que a condenação de Jesus traz em si um sentimento, que é narrado por *μεταμεληθεῖς*, o qual pode causar confusão e perguntas, já que, pode ser traduzido por arrependimento⁴⁵ ou remorso⁴⁶. Nesse sentido, é importante num primeiro momento esclarecer a tradução mais indicada, dado que existe uma diferença entre estas duas palavras. Perante o anterior, encontramos que há dois verbos utilizados no novo testamento para traduzir arrependimento, *μετανοέω* e *μεταμέλομαι*, e um substantivo, *μετάνοια*. No entanto, é de indicar que a primeira opção é a mais utilizada, no NT aparece 34 vezes, enquanto a segunda, aparece só 6 vezes, e nos evangelhos só aparece em Mateus, 3 vezes. Por outro lado, o substantivo, *μετάνοια*, aparece 24 vezes⁴⁷. Em seguida, é de considerar que *μετανοέω* e *μετάνοια*, expressam mudança, transformação, reflexão, e finalmente conversão. Por outro lado, *μεταμέλομαι*, alude a um sentimento de culpa, de pena, de pesar, mas não de mudança.

Nessa sequência, segundo o estudo diacrónico de Rafael Aguirre *μετανοέω* e *μεταμέλομαι* não são sinonimo, o primeiro é utilizado num contexto moral que exprime uma mudança sempre do mal para o bem, e o segundo, faz referência a um estado emocional, o qual pode ser o remorso, arrependimento ou pena⁴⁸. Nesta mesma continuidade, encontramos a Richard France, o qual considera que *μεταμέλομαι* designa a experiência de arrependimento por uma falta, um pecado, além disso expressa um sentimento de culpa; enquanto que *μετανοέω* significa o afastamento consciente do pecado, uma mudança de mentalidade.⁴⁹ Considerando tudo o anterior, podemos perceber o sentido do autor ao utilizar a palavra *μεταμέλομαι*, o qual tem como intenção expressar que Judas tem um sentimento de pena, de remorso, de arrependimento pelo acontecido, mas este arrependimento em vez de ser um motivo para a mudança de vida transforma-se num elemento que determinará seu destino⁵⁰. O precedente faz-

⁴⁵ A Bíblia da Conferencia Episcopal Portuguesa traduz como: “arrependendo-se”, nessa mesma sequência encontramos a Bíblia de Jerusalém versão em francês que diz, “repentit”; ao igual a Sacra Bíblia traduz por “pentit”, no entanto resulta ainda mais interessante como a The New American Bible traduz por “deeply regretted”

⁴⁶ A Edição da Bíblia dos Capuchinos traduz por “remorso”; nessa continuidade encontramos a Bíblia de Jerusalém versão em Inglês que diz “remorse”; e a versão em espanhol por; “remordimiento”.

⁴⁷ Cf. Lothar Coenen, Colin Brown, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, II*, (São Paulo: ed. Vida Nova, 2000): 150.

⁴⁸ Cf. Rafael Aguirre, Antonio Rodriguez, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, (Estella: ed. Verbo Divino, 2012): 235.

⁴⁹ Cf. Richard Thomas France, *Matthew. Tyndale New Testament Commentaries*, (Michigan: ed. Inter Varsity, 1997): 230.

⁵⁰ Cf. José Maria Bover, *El Nuevo Testamento: Traducido del Griego y Comentado*, 473.

nos lembrar o que fora dito por Jesus em Mt 26,24b e Mc 14,21b. Este sentimento de culpa vivido pelo apóstolo, faz com que devolva as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos, e reconhecendo a sua culpa diga: “*«Pequei, ao entregar sangue inocente»*” (Mt27,4a). Nesta sequência, é de destacar que a legislação ideal judia estabelecia que para a proteção e garantia dos acusados, poder-se-ia protestar e apelar até mesmo no caminho do suplício⁵¹. Neste contexto a retratação do delator, que reconhece que Jesus é inocente, deveria haver feito reconsiderar todo o juízo celebrado antes. E assim Jesus deveria ser colocado em liberdade e Judas condenado à morte⁵². No entanto, os dirigentes não aceitam a retratação de Judas e pelo contrário recebe um frio desapeço e a ironia, a qual acaba por aumentar a sua desesperação⁵³. Perante esta resposta, o apóstolo deita o dinheiro no chão do templo, o qual indica o forte desejo em desfazer a execução de Jesus. Tudo isto nos revela como Mt sublinha a má fé dos sumos sacerdotes e senadores, que perante uma situação atuam como se não tivessem nada a ver com ela. Logo, encontramos o final trágico da vida de Judas, o qual é apresentado pelo evangelista de uma maneira muito sintética, “afastou-se e foi enforcar-se” (Mt27,5b). Judas executa em si mesmo a sentença que deveriam ter dado os dirigentes, mostrando assim o profundo remorso que tinha por aquilo que tinha realizado.

Seguidamente, deparamos com um contraste na atitude dos chefes dos sacerdotes, os quais num primeiro momento não executam corretamente a lei judaica, mas depois se mostram observantes da mesma, ao proibir dedicar ao templo o dinheiro de procedência infame.⁵⁴ Este será utilizado para uma obra piedosa, «comprar o Campo do Oleiro para sepultura dos estrangeiros» (Mt27,7). Vemos como o dinheiro impuro é aceite e serve para comprar um lugar impuro e é destinado como lugar de enterro para os forasteiros que morressem em Jerusalém e não tivessem uma sepultura familiar.⁵⁵ Nesta sequência é de sublinhar o nome que é dado, "Campo de Sangue"⁵⁶, o qual indica que foi comprado com o preço de sangue, e não como indicativo ao lugar onde Judas se suicidou. Finalmente, esta narrativa termina citando a Jeremias, no entanto, esta corresponde exatamente a uma mistura entre Jeremias (32,6-15) e Zacarias (11,12-13). A partir do precedente, Mateus quer destacar como se concretizam as escrituras. Nesse sentido, na sua citação vai destacar, primeiro a compra de um campo (Jr); depois um oleiro (Zc), seguidamente o preço que é fixado o qual corresponde ao preço de um escravo (Ex22,32), e por último a coincidência no preço que são 30 moedas de prata (Zc)⁵⁷.

⁵¹ Cf. Profesores de Salamanca, *Biblia comentada. V: Evangelios (1)*, 574.

⁵² Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*,) 267.

⁵³ Cf. Josef Schmid, *El Evangelio según San Mateo*, versión castellana de Mercedes González-Haba. Barcelona: Herder, 1967): 528.

⁵⁴ Cf. Juan Mateos, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*, 268.

⁵⁵ Cf. Josef Schmid, *El Evangelio según San Mateo*, versión castellana de Mercedes González-Haba, 530.

⁵⁶ Que em aramaico seria ܕܡܝܢ ܕܡܝܢ.

⁵⁷ Cf. Profesores de Salamanca, *Biblia comentada. V: Evangelios (1)*, 575.

Finalmente, considerando as anteriores cinco narrativas, presentes no evangelho segundo Mateus, podemos identificar oito características particulares de Judas:

- Judas faz parte do grupo mais próximo a Jesus, os doze apóstolos.
- A entrega de Jesus parece estar motivada pelo dinheiro, já que é Judas quem pede dinheiro em troca da entrega do seu Mestre, aqui já não é sujeito passivo receptor, senão que se torna no sujeito ativo o qual está à espera de dinheiro. O anterior induz a pensar que Judas tem interesse no dinheiro.
- Existe uma proximidade e intimidade entre Judas e Jesus, isto é visível pelo fato de comer na mesma mesa e a maneira como o cumprimenta, com um beijo.
- A ousadia e ironia de Judas ao perguntar a Jesus sobre se é ele aquele que o vai entregar.
- A astúcia e inteligência de Judas, o qual é capaz de entregar ao seu Mestre sem causar um alboroto.
- Judas é o único personagem que chama a Jesus por Rabi.
- Judas tem um sentimento de culpa, remorso e arrependimento por haver entregado a seu Mestre. Este o leva a tentar desfazer a execução de Jesus, sem importar que isto implique a sua condenação. No entanto, esta emoção em vez de ser uma oportunidade de mudança de vida acaba por determinar o seu final.
- O apóstolo depois de ver que não consegue desfazer a execução do seu Mestre, o seu desespero é tão grande que deita o dinheiro recebido e enforca-se. Vemos neste sentido, como Judas coloca fim a sua vida.

c. Evangelho Segundo Lucas

O Evangelho segundo Lucas foi escrito aproximadamente no ano 80 d.C. neste sentido, é importante reconhecer que Lucas não conviveu nem partilhou diretamente com Jesus, ou seja, não terá sido uma testemunha presencial e vivencial de Jesus a diferença de Marcos e João.⁵⁸ Seu conhecimento de Jesus vem-lhe através de Paulo e o contacto com algumas comunidades cristãs. Lucas tem uma forte sensibilidade e presta muita atenção a um conjunto de situações que não são comuns aos outros textos de evangelho; o que faz dele um evangelista muito humano e sensível a tudo aquilo que representa situações e pessoas que precisam e procuram

⁵⁸ Cf. Alois Stöger, *El Evangelio según San Lucas: Volume I*, (Barcelona: Herder, 1979): 45.

ser salvas. Nesta continuidade, presta muita atenção aos marginalizados e mais frágeis da sociedade do seu tempo⁵⁹.

Considerando que Lucas não foi testemunha da primeira geração que acompanhou a Jesus, mas sim da segunda, ele não nos pode oferecer bases importantes no estudo da figura de Judas. Neste sentido, a sua singularidade não estará tanto desde o aspeto histórico, mas sim de como era reconhecido e percebido pela comunidade. Tendo presente o anterior, identificamos no evangelho segundo Lucas quatro narrativas onde Judas aparece implícita ou explicitamente.

Lc 6,16

¹⁶ καὶ Ἰούδαν Ἰακώβου καὶ Ἰούδαν Ἰσκαριώθ ὃς ἐγένετο προδότης	¹⁶ Judas filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor.
---	---

A primeira narrativa está inserida na eleição dos doze (6,12-16). A partir daqui, podemos certificar que Judas Iscariotes faz parte do grupo mais próximo de Jesus. Nesta lista encontramos algumas singularidades que não estão presentes nas outras (Mc 3,16-19; Mt 10,2-4; At 1,13)⁶⁰. A primeira é que a utilização do nome Iscariotes se torna num elemento importante que nos ajuda a distinguir, Judas Iscariotes de Judas filho de Tiago⁶¹. No entanto, ainda não encontramos bases suficientes para reconhecer o significado de Iscariotes. A segunda particularidade está centrada no aoristo meio, indicativo ἐγένετο acompanhado do substantivo προδότης, o qual é traduzido por “se tornou traidor”. Isto vai expressar que Judas Iscariotes, num primeiro momento, não era um traidor. Esta característica não fazia parte da sua identidade, pois é algo no qual se vai tornar⁶². Neste sentido, poderíamos pensar que o apóstolo tinha algumas qualidades semelhantes ao resto do grupo. Seguidamente, a terceira singularidade é o substantivo que utiliza Lucas para se referir a Judas Iscariotes, προδότης, que significa especificamente traidor⁶³. Enquanto Marcos e Mateus utilizam o verbo παραδίδωμι, que pode significar entregar, dar ou trair. Lucas vai ser mais específico e utiliza um substantivo que não deixa muitas possibilidades de interpretação ao leitor. Neste aspeto, o evangelista insere-nos num drama onde um dos doze se tornou um traidor. Considerando esta possibilidade e o contexto em que o evangelho foi escrito, identificamos um elemento importante, Judas Iscariotes era reconhecido nas primeiras comunidades como o apóstolo que se tornou um traidor.

⁵⁹ Cf. Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo II*, (Madrid, Ediciones Cristiandad, 1987), 24.

⁶⁰ Cf. R. Alan Culpepper, *Luke and John*, The New Interpreter's Bible Commentary Volume VIII (Abingdon Press, Oxford, 2015): 450.

⁶¹ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Segun San Lucas. Tomo IV*, (Salamanca, España: Ediciones Sígueme, 2010): 404.

⁶² Cf. William Klassen, *Judas: Betrayer or Friend of Jesus?* (Minneapolis: Fortress, 1996), 57.

⁶³ Cf. *Dictionnaire Encyclopédique de la Bible*, (Brepol;Turnhout, 2002), 403.

Lc 22,3-6

³ Εἰσῆλθεν δὲ Σατανᾶς εἰς Ἰούδαν τὸν καλούμενον Ἰσκαριώτην ὄντα ἐκ τοῦ ἀριθμοῦ τῶν δώδεκα ⁴ καὶ ἀπελθὼν συνελάλησεν τοῖς ἀρχιερεῦσιν καὶ στρατηγοῖς τὸ πῶς αὐτοῖς παραδῶ αὐτόν ⁵ καὶ ἐχάρησαν καὶ συνέθεντο αὐτῷ ἀργύριον δοῦναι ⁶ καὶ ἐξωμολόγησεν καὶ ἐζητεῖ εὐκαιρίαν τοῦ παραδοῦναι αὐτὸν ἄτερ ὄχλου αὐτοῖς.	³ Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era do número dos Doze; ⁴ foi falar com os chefes dos sacerdotes e os oficiais sobre o modo de entregar Jesus. ⁵ Alegraram-se e combinaram dar-lhe dinheiro. ⁶ Ele aceitou e procurava uma boa oportunidade, sem a multidão, para lho entregar.
--	--

A segunda narrativa lucana tem como base o evangelho segundo Marcos. No entanto, aparece uma novidade que é influenciada pela tradição que compartilha com o Evangelho segundo João, que considera que Judas atuou sob a influência de Satanás⁶⁴. Este ponto parece ser bastante interessante e complexo no estudo da figura de Judas Iscariotes, já que isto poderia induzir o leitor a pensar, num primeiro momento, que a ação de Judas Iscariotes não foi um ato livre, mas condicionado e, nesse sentido, o apóstolo seria liberto de toda a culpa. Perante esta ambiguidade, que se discute e estuda há vários séculos, Boaventura ajuda-nos a perceber que o ato de Judas Iscariotes não pode ser visto a partir do determinismo, mas sim a partir de uma sugestão de Satanás. Neste seguimento, vai afirmar que Satanás entrou nele, não “*per illapsum essentiae, sed per suggestionem nequitiae*”, ou seja, “não o arrastando necessariamente para a perdição, mas sugerindo o mal”⁶⁵. Nesta mesma sequência, encontramos a Smichd, Fitmayer, Manuel de tuya e Bovon os quais destacam que Judas se coloca ao serviço de satanás como instrumento e não como um possessor. Ou seja, não se pode falar de uma possessão.⁶⁶ Por isso, Stöger sublinha a autonomia no agir do apóstolo⁶⁷. Além disto, Bovon destaca que o autor, ao incluir a figura de Satanás, tem como intenção mostrar que o destino de Jesus supera a rivalidade de grupos humanos para se tornar objeto de uma disputa entre o diabo e Deus.⁶⁸ No entanto, isto não retira a responsabilidade humana. Segundo Fitmayer, o autor lucano deixa que o leitor seja impactado pelo drama da paixão, o qual terá como sujeito ativo um dos doze, mas também Satanás. Nesta sequência, constatamos que Lucas é o único evangelista sinóptico que coloca a figura de Satanás apoderar-se de Judas.⁶⁹

⁶⁴ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 243.

⁶⁵ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 250.

⁶⁶ Isto é afirmado por: Josef Schmid, *Evangelio según San Lucas*, 459/Profesores de Salamanca, *Biblia comentada. V: Evangelios (1)*, 955/ Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo II*, 295/ Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, 244.

⁶⁷ Cf. Alois Stöger, *El Evangelio según San Lucas: Volume 1*, 219.

⁶⁸ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 251.

⁶⁹ Cf. Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo II*, 295.

Seguidamente, tendo presente o texto segundo Marcos, o autor lucano vai indicar o vocábulo *ἀπελθὼν*⁷⁰, o qual tem como intenção assinalar o movimento de separação de Judas Iscariote do resto dos apóstolos e de Jesus. Neste contexto surge uma questão importante. Qual é o motivo de esta separação? À semelhança, dos outros evangelhos, Lucas não oferece nenhum detalhe psicológico. Detém-se apenas sobre o movimento físico do corpo do apóstolo⁷¹. Porém, a seguir encontramos a intenção da separação, *συνελάλησεν*⁷². Esta palavra, utilizada quatro vezes pelo evangelista, significa dialogar ou conversar. No entanto, o seu significado varia dependendo do contexto linguístico. Neste caso em específico, assume o sentido de conversar e é orientado para conspirar.⁷³ Segundo o texto em estudo, a conspiração radica em “*παραδῶ*”⁷⁴. Torna-se interessante verificar como o autor lucano aqui não é tão específico como em 6,16, quando se refere a Judas Iscariotes como “*προδότης*”⁷⁵. Segundo Bovon, a riqueza desta palavra radica exatamente na sua ambiguidade, a qual tem como intenção destacar que enquanto Judas Iscariotes entrega Jesus à morte, por meio da traição; o evangelista entrega Jesus às futuras gerações.⁷⁶

Seguidamente, verificamos que o diálogo termina com um contrato que implica as duas partes. Por um lado, os chefes dos sacerdotes e os oficiais que se alegram e combinam dar-lhe dinheiro (Lc 22,5), por outro lado, Judas Iscariotes que fica comprometido⁷⁷. Nesta perspetiva, constatamos que o dinheiro não parece ser um elemento central da narrativa senão secundário, já que este é o resultado de uma recompensa e não de uma petição inicial. Assim, compreendemos que as moedas não são a motivação pela qual Judas Iscariotes irá entregar Jesus. Também se entende que o compromisso de Judas Iscariotes reside em procurar uma boa oportunidade para entregar Jesus⁷⁸. Tendo presente o texto original, é importante destacar as palavras utilizadas pelo autor lucano: «*ἐξωμολόγησεν καὶ ἐζήτει εὐκαιρίαν*» (Lc22, 6^a). Nestas palavras, podemos constatar que a forma verbal *ἐζήτει*⁷⁹ no imperfeito expressa esforços reiterados e está em contraste com o aoristo *ἐξωμολόγησεν*, que significa aceitou, o qual exprime uma ação pontual. O contraste é estabelecido entre o acordo alcançado e os esforços

⁷⁰ Aoristo participo ativo do verbo *ἀπέρχομαι*

⁷¹ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 245.

⁷² Este vocábulo é formado por duas palavras, a preposição *σύν*, que expressa uma associação, e pode ser traduzida como com ou junto, e o verbo *λαλέω* que significa dialogar, conversar.

⁷³ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 246.

⁷⁴ Verbo aoristo conjuntivo (ativo) do verbo *παραδίδωμι* que significa entregar.

⁷⁵ Traidor

⁷⁶ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 246.

⁷⁷ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 247.

⁷⁸ Cf. Alois Stöger, *El Evangelio según San Lucas: Volume 1*, 218.

⁷⁹ Forma verbal presente três vezes em Lucas (Lc9,9; 19,3; 22,6), está igualmente presente em Mateus (Mt 26,16) e Marcos (Mc14, 1). É importante destacar que é unicamente utilizada por estes dois evangelistas nas narrativas quando se faz referência a Judas.

para torná-lo realidade em todos os seus detalhes⁸⁰. Neste sentido, compreendemos que a ação de Judas Iscariotes vai implicar um esforço reiterado para encontrar o momento e as condições adequadas. Nesta sequência, é relevante que o evangelista, à semelhança de Mateus, utilize a forma *εὐκαιρίαν*⁸¹ e não *κρόνος*. Esta forma é significativa uma vez que não indica um tempo concreto ou específico, todavia um momento oportuno. Tudo isto parece esclarecer que o momento da entrega de Jesus não estava determinado.

Lc 22, 21-23

<p>²¹ πλὴν ἰδοὺ ἡ χεὶρ τοῦ παραδιδόντος με μετ' ἐμοῦ ἐπὶ τῆς τραπέζης · ²² ὅτι ὁ υἱὸς μὲν τοῦ ἀνθρώπου κατὰ τὸ ὀρισμένον πορεύεται, πλὴν οὐαὶ τῷ ἀνθρώπῳ ἐκείνῳ δι' οὗ παραδίδοται. ²³ καὶ αὐτοὶ ἤρξαντο συζητεῖν πρὸς ἑαυτοὺς τὸ τίς ἄρα εἶη ἐξ αὐτῶν ὁ τοῦτο μέλλων πράσσειν.</p>	<p>²¹ «Mas eis que a mão do que me vai entregar está comigo à mesa. ²²De facto, o Filho do Homem parte, como está determinado, mas ai daquele homem por quem é entregue!»! ²³Então eles começaram a debater entre si qual deles estaria prestes a fazer tal coisa.</p>
--	---

Na terceira narrativa, o nome de Judas Iscariotes não aparece de maneira explícita, no entanto, considerando as narrações anteriores, percebe-se facilmente que é a ele que se faz referência. Nesta sequência, esta perícopa, que embora não descreva explicitamente o apóstolo, torna-se num elemento muito importante, no estudo da figura de Judas Iscariotes, porque nos pode fornecer dados relativos à forma como era conhecido, nas primeiras comunidades.

Tendo tudo isto em atenção, é de destacar que, diferenciando-se de Marcos e Mateus, o autor lucano colocou a designação daquele que entregará Jesus depois da instituição da Eucaristia⁸². No entanto, embora não tenha carácter de historicidade, não vai contradizer Marcos e Mateus, pois em nenhum momento descrevem que o apóstolo abandonou a ceia antecipadamente⁸³. Desta forma, identificamos que este momento é ocupado pelo autor lucano com uma intenção exortativa, a qual manifesta que participar da ceia do Senhor não é garantia de que mesmo um discípulo não o trairá.⁸⁴ Assim, Lucas quer manifestar que a comunidade da mesa e a pertença à comunidade dos discípulos de Jesus, pode não ser suficiente para garantir a salvação.⁸⁵ O evangelista quer enfatizar que a comunidade da mesa com Jesus, que também

⁸⁰ Cf. Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo II*, 295.

⁸¹ Esta palavra é formada pelo prefixo *εὐ* que pode significar bem, bem feito, bom e pelo substantivo *καιρός* que significa oportunidade, ocasião, tempo favorável.

⁸² Cf. Josef Schmid, *Evangelio según San Lucas*, 466.

⁸³ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 263.

⁸⁴ Cf. Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo II*, 350.

⁸⁵ Cf. Alois Stöger, *El Evangelio según San Lucas: Volume I*, 234.

ocorre na celebração eucarística, exige fidelidade ao Senhor da mesa, que é Jesus e os restantes. Por isso, a comunhão exige uma relação de fidelidade e amizade.

Além disto, há a destacar dois pontos. O primeiro está centrado em *μετ' ἐμοῦ*, o qual expressa a relação de proximidade existente entre o apóstolo e Jesus. Esta não se refere unicamente a uma dimensão geográfica, mas vai mais além, porque sugere laços sociais e afetivos, estabelecidos ou planejados⁸⁶. A expressão “está comigo” aumenta o drama daquilo que vai acontecer, porque Jesus vai ser entregue por um dos seus. No segundo ponto, encontramos o vocábulo *συζητεῖν*, que significa examinar em conjunto, debater, questionar, discutir⁸⁷. Este termo é extremamente adequado, já que expõe a relação entre os apóstolos, os quais debatem entre si, mas também mostra a indignação por aquilo que vai acontecer e cria desconfiança. Neste sentido, podemos indagar que não há nenhuma certeza, nem indícios que manifestem que há um apóstolo, em específico, do qual se possa desconfiar. Esta questão aponta para uma característica relevante de Judas Iscariotes em relação aos outros, pois entende-se que não desconfiavam, especificamente, dele.

Lc 22,47-48

⁴⁷ Ἐτι αὐτοῦ λαλοῦντος ἰδοὺ ὄχλος καὶ ὁ λεγόμενος Ἰούδας εἷς τῶν δώδεκα προήρχετο αὐτούς καὶ ἤγγισεν τῷ Ἰησοῦ φιλεῖσθαι αὐτόν
⁴⁸ Ἰησοῦς δὲ εἶπεν αὐτῷ Ἰούδα φιλήματι τὸν Υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου παραδίδως.

⁴⁷Ainda Ele falava, e eis que chegou uma multidão. Um dos Doze, chamado Judas, ia à frente deles e aproximou-se de Jesus para o beijar. ⁴⁸Mas Jesus disse-lhe: «Judas, é com um beijo que entregas o Filho do Homem?»

Nesta última perícopie, o autor lucano tem como fonte principal o evangelho segundo Marcos. No entanto, a questão surge se as diferenças são porque Lucas tem presente outras tradições ou são o resultado do seu trabalho redaccional. Neste sentido, sabemos que alguns autores defendem a inclusão de outras tradições e, neste grupo encontramos: W. Grundmann; V. Taylor, K. H. Rengstorf, F. Rehiópf. H. Marshall. Por outro lado, J. Finegan, J. M. Creed e G. Schneider destacam que esta narração resulta de um trabalho de redação-sobre Marcos, com algumas omissões e adições por opção do próprio evangelista⁸⁸. Este conhecimento é relevante, pois esclarece e ajuda a interpretar o sentido das narrativas.

Esta cena correspondente à entrega de Jesus e identificamos alguns elementos diferentes de Marcos que são significativos no drama da paixão e na caracterização de Judas Iscariotes. Primeiro não se percebe quem envia a multidão, no entanto, isto não aparece porque já é

⁸⁶ Cf. Alois Stöger, *El Evangelio según San Lucas: Volume 1*, 235.

⁸⁷ Cf. *Dictionnaire Encyclopédique de la Bible*, 205.

⁸⁸ Cf. Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo IV*, (Madrid, Ediciones Cristiandad, 1987): 407.

sugerido, nas narrativas anteriores. Verifica-se deste modo a capacidade de sintetizar do evangelista. A seguir, um ponto de destaque: como é nomeado o apóstolo e o lugar que ocupa. O autor lucano antes de nomear Judas, um dos doze, faz uma introdução na qual utiliza o sintagma *λεγόμενος*, que significa chamado. Isto surpreende a Cirilo de Alexandria o qual manifesta que Lucas, afundado em tristeza, não pode pronunciar esse nome sem tomar as suas precauções⁸⁹. Por outro lado, Fitzmyer afirma que a função desta palavra é lembrar que a história já falou deste apóstolo, duas vezes, e assim apontar a sua notória sinistra⁹⁰. Além disto, é de destacar que Lucas faz referência à pertença de Judas ao grupo dos doze, a qual é utilizada pelo Evangelhos sinópticos para caracterizar e destacar o drama da entrega de Jesus. Embora, de maneira especial, o drama do ato de Judas; de como um dos mais próximos é quem entregará a seu Mestre. A seguir, vemos o lugar que o apóstolo ocupa, está à frente (*προήρχετο*). Isto faz-nos refletir sobre o papel que Judas desempenha na cena. Ele é o protagonista. Este cenário também expressa a pressão que pode ter sentido naquele momento, já que, caso mudasse de opinião, teria de confrontar a multidão.

Seguidamente, o autor lucano faz mais uma referência à proximidade do apóstolo com Jesus, ao utilizar a palavra, aproximou-se (*προήρχετο*). Ao escolher este termo, procura chamar a atenção dos leitores para a posição privilegiada de Judas perante Jesus e como este tem a capacidade de se aproximar⁹¹. Depois, encontramos a referência ao beijo, o qual, está presente nos três evangelhos sinópticos. E neste sentido, aquilo que identificamos como sendo um gesto de proximidade, intimidade ou afeto, aqui torna-se em sinal de traição.⁹²

Logo depois, é de salientar que a resposta de Jesus, no evangelho de Lucas, tem uma particularidade única, pois é caracterizada pelo fato de Jesus chamar Judas pelo seu nome. Isto faz-nos lembrar que Judas já tinha sido chamado pelo seu nome, quando foi convidado para fazer parte do grupo dos doze⁹³. Foquemo-nos no drama do apóstolo que está a entregar o seu Mestre e no Mestre que está a ser entregue por aquele que chamou para ser parte dos mais próximos; aquele que fez parte da mesa da comunidade.

Por último, considerando as anteriores micronarrativas presentes no evangelho segundo Lucas, identificamos algumas características relativas à figura de Judas Iscariotes e como este era visto pelas primeiras comunidades.

- Judas faz parte do grupo mais próximo de Jesus, os doze apóstolos.

⁸⁹ Cf. Francois Bovon, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV*, 386.

⁹⁰ Cf. Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo IV*, 405.

⁹¹ Cf. R. Alan Culpepper, *Luke and John, The New Interpreter's, Bible Commentary Volume VIII*, 506.

⁹² Cf. Joseph Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo IV*, 404.

⁹³ Cf. Alois Stöger, *El Evangelio según San Lucas: Volume 1*, 256.

- O autor lucano diz de maneira bem específica que Judas se tornou traidor, no entanto, isto indica que esta característica não fazia parte si.
- A ação de Judas não pode ser vista na perspectiva do determinismo, mas sim a partir de uma sugestão de Satanás. O Apóstolo atua livremente.
- Existe proximidade e intimidade entre Judas e Jesus. O que é visível pelo fato de terem comido à mesma mesa; na maneira como Judas se aproxima e na forma como beija Jesus. De igual modo, destaca-se a forma como Jesus se dirige a Judas, chamando-o pelo seu nome.
- Os apóstolos não desconfiavam de Judas. Neste aspeto discutem entre si, tentando descobrir quem poderia ser de entre eles, aquele que entregaria Jesus.
- A astúcia e a inteligência de Judas, o qual é capaz de entregar ao seu Mestre no momento e no lugar indicado.
- Não sabemos o motivo pelo qual Judas entregou Jesus, o que continua a ser um grande mistério. Porém, sabemos que por entregá-Lo, recebeu uma recompensa.

d. Evangelho Segundo João

O Evangelho segundo João, por oposição aos sinópticos, parece estar mais preocupado em expressar os acontecimentos anteriores ao momento da entrega de Jesus. Neste sentido, podemos verificar como o evangelista vai apresentar uma trajetória na vida de Judas, na qual, vai manifestar que o grave pecado de ter entregado o seu Mestre é antecipado por uma história de vida impregnada de diferentes pecados e opções. Nesta sequência, o autor quer manifestar que o pecado tem uma história. Antes do pecado ser mortal encontramos um pecado germinal, o qual tem potencialidade de um poder mortífero,⁹⁴

Posto isto, no quarto evangelho o leitor parece estar já preparado para o ato que Judas vai cometer. Neste sentido, mais do que uma surpresa, a ação do apóstolo será uma confirmação daquilo que tem sido o seu apostolado. No entanto, pode surgir a questão se é possível utilizar como fonte de estudo um evangelho que foi escrito por volta do ano 100 d.C. Aqui, a validade e a importância do evangelho mais do que o aspeto histórico é a imagem que primeira comunidade tinha de Judas e, mais ainda, como tenta procurar uma explicação para o sucedido, que lhes é tão difícil de perceber.

⁹⁴ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan*, (Navarra: Verbo Divino, 2016): 25.

<p>⁶⁴ ἀλλ' εἰσὶν ἐξ ὑμῶν τινες οἱ οὐ πιστεύουσιν ἦδει γὰρ ἐξ ἀρχῆς ὁ Ἰησοῦς τίνες εἰσὶν οἱ μὴ πιστεύοντες καὶ τίς ἐστὶν ὁ παραδώσων αὐτόν ⁶⁵ Καὶ ἔλεγεν Διὰ τοῦτο εἶρηκα ὑμῖν ὅτι οὐδεὶς δύναται ἐλθεῖν πρὸς με ἐὰν μὴ ἦ δεδομένον αὐτῷ ἐκ τοῦ Πατρὸς ⁶⁶ Ἐκ τούτου πολλοὶ ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἀπῆλθον ἰ εἰς τὰ ὀπίσω καὶ οὐκέτι μετ' αὐτοῦ περιεπάτουv. 70 Ἀπεκρίθη αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς Οὐκ ἐγὼ ὑμᾶς τοὺς δώδεκα ἐξελεξάμην καὶ ἐξ ὑμῶν εἷς διάβολός ἐστιν 71 ἔλεγεν δὲ τὸν Ἰούδαν Σίμωνος Ἰσκαριώτου οὗτος γὰρ ἔμελλεν παραδιδόναι αὐτόν εἷς ἐκ τῶν δώδεκα</p>	<p>⁶⁴Mas há alguns entre vós que não acreditam». De facto, Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não acreditavam e quem era o que o haveria de entregar. ⁶⁵E dizia: «Por causa disto vos disse que ninguém pode vir a mim, se não lhe for dado pelo Pai». ⁶⁶Desde então muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não caminhavam com Ele. ⁶⁷Disse, então, Jesus aos Doze: «Também vós quereis ir embora?». ⁷⁰Respondeu-lhes Jesus: «Não fui Eu que vos escolhi, aos Doze? E um de vós é um diabo!». ⁷¹Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes; de facto, este estava prestes a entregá-lo. E era um dos Doze</p>
---	--

No evangelho segundo João, o nome de Judas aparece de três formas diferentes. Judas é mencionado, pela primeira vez, após o discurso sobre o pão da vida, o qual foi motivo de escândalo para aqueles que tinham presenciado a multiplicação dos pães e dos dois peixes, e ainda quando viram Jesus caminhar sobre as águas⁹⁵. As palavras pronunciadas por Jesus foram consideradas intoleráveis, por isso, causam uma primeira crise no grupo dos que o seguiam. Esta cisão culminou com a decisão de alguns retrocederem e não seguirem mais Jesus. No entanto, o evangelista, de acordo com seu costume, enfatiza que isso não foi uma surpresa para Cristo, pois sabia "desde o princípio" quem eram os "não-crentes" e quem o "haveria de entregar". Neste último ponto, podemos encontrar a primeira referência a Judas. É claramente identificável pelo fato que já conhecermos o final. Mas mesmo para quem não conhece a história, esta é já uma advertência de que algo dramático vai acontecer.

Seguidamente, é de valorizar a forma como o evangelista vai destacar a liberdade do indivíduo. A eleição por parte de Jesus, não implica um determinismo, pelo contrário esta acontece a partir da liberdade individual, pois cada um é livre de aceitar ou não.⁹⁶ Neste aspeto é de destacar que a eleição não elimina os riscos ou os perigos, bem pelo contrário pois tem presente as fragilidades e limitações da resposta humana⁹⁷.

A seguir, reparamos como a identidade daquele que haveria de entregar Jesus começa a ser revelada. Num primeiro momento, o Evangelista diz-nos que essa pessoa pertence ao grupo mais próximo de Jesus, ou seja, ao grupo dos doze. Logo, faz uma afirmação forte e dura,

⁹⁵ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan*, 80.

⁹⁶ Cf. Xavier León-Dufour, *Lectura Dell'Evangelio secondo Gioavanni. Volume II*. (Milão: Edizioni San Paolo, 1990) 146-148.

⁹⁷ Cf. Juan Mateos - Juan Barreto - Enrique Hurtado, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, (Madrid: Cristiandad, 1979): 341-345.

vincando que é um diabo! Isto claramente vai suscitar questões ao leitor, sobre o seu sentido e significado. Devemos então reconhecer que a intenção do Evangelista radica em vincular a trajetória de Judas ao grande antagonista, que é o poder demoníaco. Judas Iscariote aparece como um instrumento do diabo, cuja natureza incarna.⁹⁸ Neste caso, em particular é importante ter presente o vocábulo “diabo”, não no sentido etimológico da palavra: caluniador ou homem que incita às seduções, porém no sentido de ser ministro de Satanás⁹⁹. Num segundo momento, encontramos um elemento muito importante, o Evangelista menciona o nome daquele que haverá de entregar Jesus, Judas. Mas não fica por aqui, pois também nos dá uma novidade, ao afirmar que esta personagem é filho de Simão Iscariotes. Este dado torna-se muito importante na construção e na identificação de Judas Iscariotes. Considerando esta informação, podemos aproximar do significado do seu nome. Segundo Cunha de Oliveira: «o nome Judas é a forma greco-latina do hebraico Yehûdâh, isto é, Judá. O mais importante personagem bíblico com este nome foi o quarto filho do patriarca Jacob e de Lia (Gn29). Depois constituiu-se em epónimo da tribo de Judá.»¹⁰⁰ Além, a palavra Yehûdâh, palavra que significa "abençoado" ou "louvado". o seu sobrenome, Iscariotes, como já vimos, vem-lhe do seu pai, Simão Iscariotes. A palavra “Iscariotes” provavelmente é derivada do termo hebraico *ish Qeriyyôth*¹⁰¹, que significa “homem de Quiriot”¹⁰². Se esta interpretação estiver correta, Judas veio de Judá, pois Quiriot estava perto de Hebrom, ao sul de Judá¹⁰³. Isto seria um dado importantíssimo, já que indicaria que Judas era o único, do grupo dos dozes, que não era de Galileia. No entanto, recentemente, tem-se interpretado que esse nome talvez não seja uma referência ao patronímico ou toponímico, mas sim usado como sinónimo de "hipócrita" ou "traidor"; estigma com o qual passaria para a tradição. Propôs ainda que Iscariotes fosse uma transcrição semítica do sicarius latino, que corresponderia a uma facção radicalizada do grupo dos zelotes, os quais eram oponentes fanáticos do domínio romano.¹⁰⁴ No entanto, essa última interpretação é muito pouco provável, porque este grupo tornou-se proeminente durante a primeira guerra Judia, daí

⁹⁸ Cf. Josef Blank, *El evangelio según San Juan*, (Barcelona: Editorial Herder, 1984): 40.

⁹⁹ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan*, 90.

¹⁰⁰ Cf. A. Cunha de Oliveira, *A Morte do Justo, Angra do Heroísmo*, 80.

¹⁰¹ Embora o nome de Quiriot seja hebraico, e seja falado aramaico, foi bem explicado como nos meios judaicos os nomes hebraicos foram preservados no meio dos textos aramaicos.

¹⁰² Cf. Profesores de Salamanca, *Biblia comentada. V: Evangelios (2)*, 236.

¹⁰³ Antigo Testamento menciona dois locais com o nome de Quiriot. O primeiro era localizado em Moabe (Jeremias 48:24,41; Amós 2:2). Já o segundo, Quiriot-Hezrom, ficava localizado aproximadamente ao sul de Hebrom (Josué 15:25).

¹⁰⁴ Cf. Profesores de Salamanca, *Biblia comentada. V: Evangelios (2)*, 236.

ser pouco sensato considerar que Judas pertencesse a este grupo.¹⁰⁵ Normalmente, é aceite a designação que "Judas Iscariotes" significa simplesmente "Judas, o homem de Quiriote".¹⁰⁶ Depois da apresentação deste apóstolo, o evangelista faz novamente ênfase àquilo que ele está prestes a cometer¹⁰⁷, e ressalta mais uma vez a sua pertença ao grupo dos doze. Contudo, o evangelista quer mostrar que não basta ter sido escolhido por Jesus, pois não seria garantia de permanência e fidelidade.

Finalmente, podemos sintetizar que esta cena está inserida num contraste entre a fidelidade e a infidelidade. Muitos dos seguidores de Jesus ficaram desiludidos pelas suas palavras, as quais não correspondiam às expectativas criadas. Este momento fica marcado na memória daqueles que seguiam Jesus, já que corresponde à primeira crise que fez com que muitos O abandonassem. Desta primeira crise, Judas Iscariotes também ficará marcado.¹⁰⁸

Jo 12, 4-6

<p>⁴Λέγει δὲ Ἰούδας ὁ Ἰσκαριώτης εἰς [ἐκ] τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ὁ μέλλων αὐτὸν παραδιδόναι ⁵ Διὰ τί τοῦτο τὸ μύρον οὐκ ἐπράθη τριακοσίων δηναρίων καὶ ἐδόθη πτωχοῖς ⁶ εἶπεν δὲ τοῦτο οὐχ ὅτι περὶ τῶν πτωχῶν ἔμελεν αὐτῷ ἀλλ' ὅτι κλέπτης ἦν καὶ τὸ γλωσσόκομον ἔχων τὰ βαλλόμενα ἐβάσταζεν</p>	<p>⁴Disse Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava prestes a entregá-lo: ⁵«Por que razão não se vendeu esse bálsamo por trezentos denários e se deu aos pobres?». ⁶Disse isto não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa do dinheiro, tirava o que se ia depositando.</p>
---	--

Esta cena está presente nos evangelhos segundo Marcos e Mateus, porém, em João encontramos algumas diferenças e especificidades que nos trazem uma informação valiosa sobre Judas Iscariotes. Num primeiro momento, o evangelista enquadra a cena em Betânia, e procura estabelecer um contraste primeiro entre Jesus e Judas e depois entre Maria e Judas. Isto deve-se a um jogo antitético, pois enquanto Jesus representa a Vida; Judas representa a morte. Por outro lado, Maria retrata a fidelidade e a generosidade e o discípulo a traição e a avareza¹⁰⁹.

Seguidamente, enquanto Marcos e Mateus expressam uma indignação por parte de alguns que acompanhavam Jesus, João é ainda mais específico e coloca Judas como porta-voz

¹⁰⁵ Cf. R. Schnackenberg, *El evangelio según San Juan, versión y comentario, tomo primero*, (Barcelona: Ed. Herder, 1980) 320.

¹⁰⁶ Cf. F. Ramos, *Evangelio según San Juan, Comentario al Nuevo Testamento, 5ª Ed.* (Madrid: Verbo Divino, 1995) 220.

¹⁰⁷ O autor, para ressaltar aquilo que Judas está prestes a fazer, utiliza diferentes formas do verbo παραδίδωμι, que pode significar entregar ou trair. Com esta forma procura destacar a ambiguidade e o drama que significou para a comunidade um dos doze ter entregado Jesus.

¹⁰⁸ Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan*, 90.

¹⁰⁹ Cf. Francis J Moloney, *El evangelio de Juan*. Navarra: (Editorial Verbo Divino, 2005) 338.

daquele mal-estar¹¹⁰. É necessário destacar que o autor, quando faz referência a Judas Iscariotes, procura ser o mais particular possível. Neste contexto descreve que é um dos discípulos e faz menção àquilo que marcará a sua existência e está prestes acontecer, que é entregar o seu Mestre. Como tem sido visto anteriormente, o evangelho faz uso da forma verbal *παραδίδόμναι* para expressar aquilo que distinguirá Judas dos demais. Neste ponto, devemos lembrar a crítica ao estudo linguístico que Klassen faz perante a utilização deste verbo e ter presente a sua utilização no grego clássico, cujo significado é simplesmente entregar. No entanto, isto não pode ser aplicado ao evangelho segundo João, no qual aparece o verbo *παραδίδομναι* repetido quinze vezes, sendo que numa das suas utilizações tem um sentido neutro (19:30), quatro vezes, tem implicações negativas para Jesus, mas não tem sentido de traição (18:30, 35, 36; 19:16). As dez frases restantes, referindo-se ao ato de Judas da traição a Jesus (6:64, 71; 12: 4; 13: 2, 11, 21; 18: 2, 5; 19:11; 21:20), considerando o referido anteriormente reparamos que a proposta de Klassen não faz sentido, uma vez que este verbo tem a capacidade de manifestar conotações negativas com o sentido de "trair".¹¹¹

Posteriormente, constatamos que o perfume que a mulher derrama é uma libra de bálsamo de nardo puro, o que corresponde a 300 gramas. Judas calcula o seu valor em 300 denários; mas Marcos valoriza-o um pouco mais. Trezentos denários, representa uma soma considerável, uma vez que um denário era o salário pago por um dia de trabalho. O montante é, portanto, equivalente a quase um ano de trabalho. Esta cifra é ainda maior do que a que Felipe considerou suficiente para acalmar a fome da multidão (6,7).¹¹² Hoje, após dois mil anos, a mesma crítica que fez Judas pode surgir-nos espontaneamente. No entanto, o narrador especifica que isso era um pretexto, já que Judas, encarregado da bolsa do pequeno grupo, não se importava com os pobres. Ele era um ladrão¹¹³. Esta acusação é própria de João. Segundo Juan Mateos, não há um motivo em específico que justifique que esta acusação só esteja presente neste evangelho¹¹⁴. É verdade que na tradição havia um certo vínculo entre Judas e dinheiro. Este discípulo havia traído o Mestre pensando em receber uma recompensa, mas o epíteto de ladrão não pode ser explicitado unicamente por isso¹¹⁵.

¹¹⁰ Segundo Blank, no evangelho Segundo João, Judas dificilmente poderia ser o porta-voz de toda a comunidade de comensais, mas aqui a intenção do evangelista é mostrar Judas como o oposto de Jesus, também expressando assim nas suas palavras a opinião do "mundo" contra esse luxo excessivo.

¹¹¹ Cf. R. Schnackenberg, *El evangelio según San Juan, versión y comentario, tomo primero*, 333.

¹¹² Cf. Juan Mateos - Barreto Juan - Hurtado Enrique, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, 541-555.

¹¹³ Cf. Barret, Charles Kingsley. *El evangelio según san Juan. Una introducción com comentario y notas a partir del texto griego*. (Madrid: Ediciones Cristiandad, 200) 220.

¹¹⁴ Cf. Juan Mateos, Barreto Juan, Hurtado Enrique, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, 541-543.

¹¹⁵ Cf. Josef Blank, *El evangelio según San Juan*, 355-356.

Neste mesmo contexto, Blank indica que este título que recai sobre Iscariotes e a lenda que se tem construído à sua volta revela que só um homem de espírito desonesto e ganancioso poderia trair Jesus¹¹⁶. Além disso, é interessante que, na crítica textual, *κλέπτης*, é a mesma palavra usada para descrever quem ameaça o rebanho em 10: 1, 8, 10. Esta passagem deve ser relacionada com a expressão "não porque se preocupasse com os pobres", referente ao assalariado que não se preocupa ou cuida das ovelhas (10:13). Neste sentido, quando trai Jesus; trai as ovelhas. Importa salientar como o evangelista oferece uma informação importante sobre Judas, que prepara o leitor para o ato de traição que cometerá. A decisão de entregar o Mestre não é nenhuma surpresa, mas o resultado de uma vida que foi orientada por outros propósitos diferentes aos ensinamentos de Jesus. Com a descrição de Judas, o autor procura preparar o leitor para as ações do discípulo¹¹⁷.

De seguida, após o epíteto de ladrão, encontramos uma informação muito significativa: o grupo tinha uma bolsa em comum pela qual Judas era responsável, informação que é logo confirmada em 13,29.¹¹⁸ Este detalhe é bastante significativo, já que não está presente nos sinópticos, o que pode suscitar algumas dúvidas sobre a sua veracidade. Contudo, Brown ressalta que é possível que João apresente uma notícia histórica. Neste sentido, o evangelista oferece-nos uma informação que não foi conservada nos sinópticos e que acaba por ser logo validada no diálogo 13, 27-29. Este é o motivo pelo qual Judas ocupa um lugar privilegiado durante a última ceia 13,23. Ademais, o autor acrescenta que os sinópticos dariam a entender que o apóstolo poderia ter trinta moedas de prata sem causar suspeita, o que pode confirmar que Judas guardava a bolsa comum.¹¹⁹ Esta novidade presente no quarto evangelho acaba por trazer algumas questões e dúvidas, sobre o motivo pelo qual Jesus e os apóstolos tinham deixado a um homem com a fama de Judas administrar a bolsa de dinheiro - uma tarefa que envolve grande responsabilidade.

Finalmente, o narrador conclui ao esclarecer o motivo pelo qual Judas era considerado ladrão: “tirava o que se ia depositando”. Estas palavras são entendidas em duas perspetivas. A primeira radica na intenção do autor de estabelecer uma comparação entre a mulher e Judas: enquanto Maria é generosa e partilha; Judas é egoísta e acumulador¹²⁰. Por outro lado, a segunda perspetiva é vista como uma maneira do autor dar suporte à lenda que se tem construído nas

¹¹⁶ Cf. Josef Blank, *El evangelio según San Juan*, 357.

¹¹⁷ Cf. R. Alan Culpepper, *Luke and John*, The New Interpreter's Bible Commentary Volume VIII, 560-62.

¹¹⁸ Cf. Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan*. (Barcelona: Editorial Herder 1967): 343.

¹¹⁹ Cf. Lothar Coenen, Colin Brown, *Diccionario Internacional de Teología do Novo Testamento*, II, 782.

¹²⁰ Cf. Juan Mateos - Barreto Juan - Hurtado Enrique, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, 543.

primeiras comunidades sobre Judas; onde somente um homem de espírito desonesto e ganancioso poderia trair Jesus.¹²¹

Jo 13, 2,10-11

<p>² καὶ δεῖπνου γινομένου, τοῦ διαβόλου ἤδη βεβληκότος εἰς τὴν καρδίαν ἵνα παραδοῖ αὐτὸν Ἰούδας Σίμωνος Ἰσκαριώτου, ¹⁰ λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς · Ὁ λελουμένος οὐκ ἔχει χρείαν ἢ εἰ μὴ ἢ τοὺς πόδας νίψασθαι, ἀλλ' ἔστιν καθαρὸς ὅλος · καὶ ὑμεῖς καθαροὶ ἐστε, ἀλλ' οὐχὶ πάντες. ¹¹ ἤδει γὰρ τὸν παραδιδόντα αὐτόν · διὰ τοῦτο εἶπεν ὅτι Οὐχὶ πάντες καθαροὶ ἐστε.</p>	<p>²Durante a ceia, quando o Diabo já tinha lançado no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar. ¹⁰Disse-lhe Jesus: «Quem tomou banho não tem necessidade de lavar senão os pés, pois está inteiramente puro. E vós estais puros, mas não todos». ¹¹De facto, Ele sabia quem o haveria de entregar; por isso, disse: «Nem todos estais puros».</p>
--	---

Nesta perícopie, estamos perante o início de um dos momentos mais dramáticos do evangelho. É muito interessante como uma ceia, que representa um momento de proximidade e relação, se torna numa ocasião de grande tensão. Jesus está na ceia junto dos seus discípulos. Não se trata apenas da refeição, ritual da Páscoa, mas de um jantar comum¹²². Como já temos visto anteriormente, Judas faz parte do grupo mais próximo de Jesus, por isso não podia estar ausente deste acontecimento. É fundamental como o apóstolo é nomeado pela segunda vez como “Judas, filho de Simão Iscariote”.¹²³ Na realidade, este nome aparece em três ocasiões (6.71; 13.2.26), nas quais o apóstolo é mencionado na proximidade de Simão Pedro. Essa abordagem intencional leva a pensar que o evangelista sugere uma certa semelhança de características (representada pela coincidência do nome Simão com o patronímico de Judas) entre Judas e Pedro, os dois traidores, um em ação e outro em palavra, um entregando e o outro negando¹²⁴.

O texto apresenta novamente a figura do diabo, neste caso surge a questão sobre a intencionalidade do autor ao expressar: “βεβληκότος εἰς τὴν καρδίαν”. Assim sendo, surge a questão: este a quem pertence? Lothar pensa que é o coração do próprio diabo (o diabo decidiu-se), mas o fato de o verbo ser ativo é uma dificuldade. Outros sugerem que se refere ao coração de Judas: o diabo havia colocado no seu coração que entregaria Jesus¹²⁵. No entanto, parece que a primeira opção é a que tem mais valor. Neste aspeto, W. Bauer considera que a intenção

¹²¹ Cf. Josef Blank, Josef. *El evangelio según San Juan*, 355.

¹²² Cf. Johannes Beutler, *Comentario al evangelio de Juan*, 100.

¹²³ Cf. Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan*, 346.

¹²⁴ Cf. Xavier León-Dufour, *Lettura Dell'Evangelio secondo Gioavanni. Volume II*, 220.

¹²⁵ Cf. Lothar Coenen, Colin Brown, *Diccionario Internacional de Teologia do Novo Testamento, II*, 853.

do autor, ao nomear Judas, não é considerar um determinismo, mas sim fazer referência ao dramatismo inerente a esta ação.¹²⁶

A seguir, descreve-se o lava-pés, onde Jesus instrui os discípulos sobre o significado do seu gesto, que não pode ser considerado como um rito de purificação, mas como um serviço. Porém, nesse ato há uma exceção. Embora Jesus lhe tenha lavado os pés, Judas não está limpo. Isto indica mais uma vez que lavar não significa purificar; limpar ou não limpar precedeu a ação de Jesus, e isso não mudou a situação. Jesus, porém, não excluiu Judas ou não o privou do seu amor mesmo sabendo o que Judas faria. Jesus avisa o apóstolo que conhece a sua atitude, um alerta que pode ser percebido pelos apóstolos sobre a atitude de alguém que não compartilha os valores e propósito de Jesus¹²⁷. Neste aspeto, estas palavras desatam um alerta quer em Judas como nos demais apóstolos.

Jo 13, 18.21-31

<p>18 Οὐ περὶ πάντων ὑμῶν λέγω ἐγὼ οἶδα τίνας ἐξελεξάμην ἀλλ' ἵνα ἡ γραφὴ πληρωθῇ Ὁ τρώγων μου τὸν ἄρτον ἐπῆρεν ἐπ' ἐμὲ τὴν πτέρναν αὐτοῦ 21 Ταῦτα εἰπὼν <ὁ> Ἰησοῦς ἐταράχθη τῷ πνεύματι καὶ ἐμαρτύρησεν καὶ εἶπεν Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι εἷς ἐξ ὑμῶν παραδώσει με 22 Ἔβλεπον εἰς ἀλλήλους οἱ μαθηταὶ ἀπορούμενοι περὶ τίνος λέγει 23 ἦν ἀνακειμένος εἷς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἐν τῷ κόλπῳ τοῦ Ἰησοῦ ὃν ἠγάπα ὁ Ἰησοῦς 24 νεύει οὖν τούτῳ Σίμων Πέτρος <καὶ λέγει αὐτῷ> <πυθέσθαι τίς ἂν εἴη> περὶ οὗ λέγει 25 ἀναπεσῶν [οὖν] ἐκεῖνος οὕτως ἐπὶ τὸ στήθος τοῦ Ἰησοῦ λέγει αὐτῷ Κύριε τίς ἐστίν 26 Ἀποκρίνεται <οὖν> ὁ Ἰησοῦς Ἐκεῖνός ἐστιν ὃς ἐγὼ βάψω τὸ ψωμίον καὶ δώσω αὐτῷ βάψας οὖν τὸ ψωμίον λαμβάνει καὶ δίδωσιν Ἰούδας Σιμωνος Ἰσκαριώτου 27 καὶ μετὰ τὸ ψωμίον τότε εἰσῆλθεν εἰς ἐκεῖνον ὁ Σατανᾶς Λέγει οὖν αὐτῷ <ὁ> Ἰησοῦς Ὅ ποιεῖς ποιήσον τάχιον 28 τοῦτο δὲ οὐδεὶς ἔγνω τῶν ἀνακειμένων πρὸς τί εἶπεν αὐτῷ 29 τινὲς γὰρ ἐδόκουν ἐπεὶ τὸ γλωσσόκομον εἶχεν Ἰούδας ὅτι λέγει αὐτῷ <ὁ> Ἰησοῦς Ἀγόρασον ὧν χρεῖαν ἔχομεν εἰς τὴν ἑορτήν ἢ τοῖς πτωχοῖς ἵνα τι δῶ 30 λαβὼν οὖν τὸ ψωμίον ἐκεῖνος ἐξῆλθεν εὐθύς ἦν δὲ νύξ. 31 Ὅτε οὖν ἐξῆλθεν λέγει Ἰησοῦς Ἐδοξάσθη ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου, καὶ ὁ θεὸς ἐδοξάσθη ἐν αὐτῷ.</p>	<p>¹⁸Não falo de todos vós; Eu conheço aqueles que escolhi. Mas é para que se cumpra a Escritura: <i>O que come o meu pão</i>, levantou <i>contra mim</i> o seu calcanhar^L ²¹Tendo dito isto, Jesus sentiu-se profundamente perturbado, deu testemunho e disse: «Amen, amen vos digo: um de vós me há de entregar!». ²²Os discípulos olhavam uns para os outros, sem perceber de quem falava. ²³Ora, estava reclinado no seio de Jesus um dos seus discípulos, aquele que Jesus amava. ²⁴Fez-lhe, então, sinal Simão Pedro para que procurasse saber quem seria aquele acerca de quem falava. ²⁵Ele, assim reclinado sobre o peito de Jesus, disse-lhe: «Senhor, quem é?». ²⁶Respondeu Jesus: «É aquele a quem Eu der o bocado de pão que vou molhar». E, molhando o bocado de pão, tomou-o e deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. ²⁷E, depois do bocado de pão, entrou nele Satanás. Disse-lhe, então, Jesus: «O que estás a fazer, faz depressa». ²⁸Mas nenhum dos que estavam reclinados à mesa compreendeu porque lhe dissera isto; ²⁹alguns pensavam que, uma vez que Judas tinha a bolsa do dinheiro, Jesus lhe tinha dito: «Compra aquilo de que temos necessidade para a festa», ou para dar alguma coisa aos pobres. ³⁰Então, depois de tomar o bocado de pão, saiu imediatamente. Era noite.</p>
---	--

¹²⁶ Cf. J. B. Bauer, «Judas», em *Diccionario de Teologia Biblica*, 230.

¹²⁷ Cf. Juan Mateos - Barreto Juan - Hurtado Enrique, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, 587-96.

	³¹ Quando ele saiu, disse Jesus: «Agora foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele.
--	---

No início desta perícopa, encontramos um ponto importante: Jesus ressalta a característica de eleição, mas mais do que isto, expressa um sentimento de proximidade, ao destacar que conhece aqueles que escolheu. Entendemos uma proximidade por parte do Mestre para com os seus apóstolos. Este conhecimento não faz unicamente referência a uma personalidade senão aquilo que habita no coração dos mais próximos. Este aspeto é realçado pelo evangelista, para destacar que Jesus é o protagonista da ação e que tudo aquilo que vai acontecer não o apanha de surpresa. Contudo, isto não significa que não cause uma certa perturbação a Jesus. Este ponto é utilizado para indicar que aquilo que vai acontecer é dificilmente percebido e entendido pela primeira comunidade: é perturbador pensar que um dos mais próximos seja o responsável por entregar ao Mestre. Deste modo, vemos como esta cena narra uma perplexidade por parte dos discípulos, já que não sabem quem será o responsável por tal ato¹²⁸. O ponto anterior pode oferecer um elemento importante na relação entre os discípulos, não há ninguém entre eles do qual se possa desconfiar. Porém, o evangelista vai destacar um deles de maneira muito significativa, quando diz: “aquele que Jesus amava”. Para alguns exegetas como Browns, Mateos e Blank, isto é indicado pelo evangelista para distinguir e estabelecer um contraste entre a amizade e lealdade com a traição. E é exatamente por isso, que a seguir do discípulo amado, encontramos a figura de Simão, utilizado em diversos momentos para reafirmar a característica da fidelidade e a perseverança.

Como é narrado nos sinóticos, vemos que Jesus é quem dirige toda a cena, sendo quem determina os tempos, gestos e palavras. Jesus expressa uma clara proximidade com Judas, apesar de saber aquilo que o apóstolo pensa fazer. E é ainda mais assertivo, ao afirmar que aquilo deve ser feito depressa. Ressalve-se como os gestos e as palavras de Jesus não foram suficientes para que os que estavam presentes na ceia percebessem que era Judas aquele que entregaria ao Mestre. Mais do que oferecer uma resposta histórica, o momento anterior surge para oferecer respostas às perguntas da primeira comunidade cristã. Os acontecimentos certamente suscitaram perguntas aos primeiros crentes, e muitas delas referente à figura de Judas. Nesta perícopa, o autor joanino tenta dar respostas. Primeiro fala da proximidade entre Jesus e Judas, depois tenta explicar a identidade e a origem do apóstolo, sendo que o evangelho

¹²⁸ Cf. Juan Mateos - Barreto Juan- Hurtado Enrique, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, 578.

apresenta o nome do pai “filho de Simão Iscariotes”. Isto fornece-nos um elemento essencial da sua identidade.

Para além disto, encontramos um elemento exclusivo deste Evangelho, referente à função que o apóstolo tinha no grupo dos doze. Sabemos que nenhum dos evangelhos sinópticos descrevem esta informação. Judas era o responsável pela bolsa do dinheiro: tinha um cargo importante e estava habituado a ter dinheiro. Isto não pode ser entendido como um fato real e verídico. Para alguns exegetas, isto é descrito pelo Evangelista Joanino para indicar aos leitores o perigo do dinheiro e do impulso para praticar atos inimagináveis, como trair Jesus.¹²⁹ Isto pode tratar-se de uma advertência às primeiras comunidades: para terem cuidado com o dinheiro, que pode corroer o coração e afastar as pessoas de Jesus e da comunidade. Esta informação pode trazer confusão a alguns leitores, pelo que devemos entender os seguintes três pontos. Em primeiro lugar, devemos indagar o motivo pelo qual Jesus tinha confiado a responsabilidade da gestão do dinheiro a Judas, uma vez que o expôs a um alto nível de tentação. Por outro lado, por que razão entregou esta função a Judas e não a Tomé, quando os evangelistas relatam que este último tinha experiência neste âmbito. Por último, surge uma dúvida perante a traição de Judas: terá sido Judas o traidor por ter uma função tão importante?

Há outro ponto que carece de esclarecimento e que diz respeito à figura de Satanás. Esta não pode ser entendida como uma possessão diabólica, senão ao nível de afastamento do apóstolo.

Jo 17,12

ὅτε ἤμην μετ’ αὐτῶν ἐγὼ ἐτήρουν αὐτοὺς ἐν τῷ ὀνόματί σου ᾧ δέδωκάς μοι καὶ ἐφύλαξα καὶ οὐδεὶς ἐξ αὐτῶν ἀπόλετο εἰ μὴ ὁ υἱὸς τῆς ἀπολείας ἵνα ἡ γραφὴ πληρωθῇ	¹² Quando estava com eles, Eu guardava-os no teu nome – aquele que me deste –; protegi-os e nenhum deles se perdeu – a não ser o filho da perdição – para que se cumprisse a Escritura
--	---

Na expressão "o filho da perdição"; o termo "perdição" tem a mesma raiz da palavra grega para "perecer". No Novo Testamento, "perdição" significa "condenação" (Mt 7.13; Ap 17.8). Logo, o "luxo da perdição" refere-se a alguém que pertence ao reino da condenação e está destinado à destruição. O biblista León-Dufour considera que este tipo de expressão também pode ser encontrado no grego clássico, utilizada para expressar um sentido de condenação. O ponto anterior ajuda ao leitor a perceber o sentido do Evangelista, que coloca tudo aquilo que acontece num plano salvífico. Assim, perante a liberdade que Deus oferece ao homem, há pessoas que escolhem o caminho da perdição. Mas isto não pode ser entendido

¹²⁹ Cf. Xavier León-Dufour, *Lettura Dell’Evangello secondo Gioavanni. Volume II*, 310.

como uma falta do poder de Deus, pelo contrário, explica o nível da liberdade que o Homem tem. Neste aspeto, esta liberdade é tão forte que nem mesmo Deus contrariá-la. Esta é de facto a intensão do evangelista. Mostrar à primeira comunidade que se deve manter alerta e atenta, e em comunhão com Deus¹³⁰. Por outro lado, o contexto deste versículo expressa uma paternidade muito intensa, através da qual Jesus pede a proteção para todos, inclusive para quem estava perdido.¹³¹

Jo 18, 1-9

<p>1 Ταῦτα εἰπὼν Ἰησοῦς ἐξῆλθεν σὺν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ πέραν τοῦ χειμάρρου τοῦ* Κέδρων ὅπου ἦν κήπος εἰς ὃν εἰσῆλθεν αὐτὸς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ 2 ἦδει δὲ καὶ Ἰούδας ὁ παραδιδούς αὐτὸν τὸν τόπον ὅτι πολλάκις συνήχθη Ἰησοῦς ἐκεῖ μετὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ 3 ὁ οὖν Ἰούδας λαβὼν τὴν σπεῖραν καὶ ἐκ τῶν ἀρχιερέων καὶ ἐκ τῶν Φαρισαίων ὑπηρέτας ἔρχεται ἐκεῖ μετὰ φανῶν καὶ λαμπάδων καὶ ὄπλων 4 Ἰησοῦς οὖν εἰδὼς πάντα τὰ ἐρχόμενα ἐπ’ αὐτὸν ἐξῆλθεν καὶ λέγει αὐτοῖς τίνα ζητεῖτε 5 Ἀπεκρίθησαν αὐτῷ Ἰησοῦν τὸν Ναζωραῖον λέγει αὐτοῖς Ἐγὼ εἰμι εἰστήκει δὲ καὶ Ἰούδας ὁ παραδιδούς αὐτὸν μετ’ αὐτῶν 6 ὡς οὖν εἶπεν αὐτοῖς Ἐγὼ εἰμι ἀπῆλθον* εἰς τὰ ὀπίσω καὶ ἔπесαν χαμαί 7 Πάλιν οὖν ἐπηρώτησεν αὐτούς τίνα ζητεῖτε Οἱ δὲ εἶπαν Ἰησοῦν τὸν Ναζωραῖον 8 Ἀπεκρίθη Ἰησοῦς εἶπον ὑμῖν ὅτι ἐγὼ εἰμι εἰ οὖν ἐμὲ ζητεῖτε ἄφετε τούτους ὑπάγειν 9 ἵνα πληρωθῇ ὁ λόγος ὃν εἶπεν ὅτι Οὐς δέδωκάς μοι οὐκ ἀπώλεσα ἐξ αὐτῶν οὐδένα.</p>	<p>¹Tendo dito isto, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um jardim, no qual entraram Ele e os seus discípulos. ²Também Judas, o que o ia entregar, conhecia o lugar, porque muitas vezes ali se reunira Jesus com os seus discípulos. ³Então Judas, levando a coorte e os guardas dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus, chegou ali com archotes, lanternas e armas. ⁴Ora, Jesus, sabendo tudo o que estava para lhe acontecer saiu e disse-lhes: «Quem procurais?». ⁵Responderam-lhe: «Jesus, o Nazareno». Disse-lhes: «Eu Sou». Com eles estava também Judas, o que o ia entregar. ⁶Assim que Jesus lhes disse: «Eu Sou», recuaram e caíram por terra. ⁷Então de novo lhes perguntou: «Quem procurais?». Eles disseram: «Jesus, o Nazareno». ⁸Respondeu Jesus: «Já vos disse: Eu Sou. Se é, pois, a mim que procurais, deixai estes ir embora»; ⁹isto para que se cumprisse a palavra que dissera: «Os que me deste, não perdi nenhum deles»</p>
--	--

Nesta última perícopie encontramos algumas diferenças quando comparamos com os evangelhos sinópticos. Estamos perante um excerto com muita simbologia; com uma grande abordagem literária, que não está tão presente nos outros evangelhos.

João quer dar a impressão de um comando de captura bastante forte; embora também tente esclarecer que, desde o início, os romanos e a classe dominante judaica agiram em colaboração. Também ele utiliza o elemento hiperbólico, especialmente quando se trata do contraste entre os adversários de Jesus, inúmeros e poderosos no sentido profano, e Jesus indefeso. No entanto, as relações de poder mudam em breve. De acordo com Mc 14:43, "uma multidão de pessoas (okhlos) armadas com espadas e paus" são enviadas "em nome dos

¹³⁰ Cf. Xavier León-Dufour, *Lettura Dell'Evangelo secondo Gioavanni. Volume II*, 238-240.

¹³¹ Cf. Profesores de Salamanca *Biblia comentada. V: Evangelios (2)*, 1264.

pontífices, dos escribas e dos anciãos". Para Marcos, os únicos envolvidos ativamente na prisão de Jesus foram as autoridades do templo judeu. Apesar da superpotência numérica quase grotesca do comando de captura; Jesus não é apenas destemido, mas está muito acima deles, dominando toda a cena. Jesus sabe de antemão tudo o que virá sobre ele; Ele não está imerso em eventos de forma passiva, mas também decide o curso de ação com autoridade. Logo, vai ao encontro do pelotão.

Para além disto, importa destacar que o número de forças envolvidas na prisão mostra, por um lado, o perigo que Jesus representa para o "mundo" e, por outro, a magnitude da violência e do ódio.¹³² Todos os componentes da oposição a Jesus são apresentados: o batalhão representa o poder político romano; os guardas, os sumos sacerdotes, o poder religioso oficial e membros da aristocracia do dinheiro, e os fariseus, os defensores e intérpretes da Lei¹³³. É uma mobilização das forças do "mundo" com toda a sua capacidade repressiva. À cabeça, Judas é o líder; é ele quem leva e comanda as tropas. Ele é a figura do chefe do mundo. Na verdade, a frase está em paralelo com 14.30: é para alcançar a cabeça do mundo. Judas que tem as tropas, representantes das várias potências personifica-o nesta cena¹³⁴. Na perícopa, cada personagem ou grupo é delegado por um superior: o batalhão, pelo governador; os guardas, pelos sumos sacerdotes e fariseus; o servo do sumo sacerdote é seu representante (18,10). Judas, o inimigo (6.70), que atua como chefe, representa os círculos de poder ("o chefe do mundo")¹³⁵.

Na perícopa constatamos como Judas caminha à noite, sem luz do dia, momento em que atua a escuridão. Aparecem aqui dois termos: lanternas e tochas que mostram a necessidade da luz para encontrar um caminho. Eles carregam armas, instrumentos de morte. Escuridão e morte são identificadas. Os inimigos da vida; aproximam-se para agarrá-la e extingui-la. Tudo gira em torno de Judas; a formulação do texto faz com que seja ele, e não a tropa, que chega com lanternas, tochas e armas. Neste aspeto, o Evangelista quer mostrar que é Ele o instrumento de todos os sistemas do poder.

Finalmente, considerando as narrativas deste evangelho, podemos encontrar algumas particularidades únicas, que o diferencia bastante dos evangelhos sinópticos. Neste ponto, o evangelho segundo João oferece particularidades narrativas únicas e muito ricas.

- Judas faz parte do grupo mais íntimo de Jesus

¹³² Cf. Juan Mateos - Barreto Juan - Hurtado Enrique, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, 600.

¹³³ Cf. León-Dufour, Xavier. *Lettura Dell'Evangelio secondo Gioavanni. Volume II*. 300.

¹³⁴ Cf. Josef Blank, *El evangelio según San Juan*, 240.

¹³⁵ Cf. Alfred Wikenhauser, *El evangelio según san Juan*, 400.

- O autor joanino destaca um elemento único nos evangelhos ao dizer o nome do pai de Judas, isto além de oferecer uma característica sobre a sua identidade, também oferece um elemento que contradiz as teorias que asseguram que o sentido de Iscariotes, é um sinonimo de sicário.
- À semelhança dos sinópticos, a figura de Satanás está muito presente. Este não tem como sentido expressar um determinismo, senão a presença do maligno, que está presente e tenta. Em última análise, o apóstolo é livre em decidir, no entanto, cada decisão dá espaço a novos atos que o afastam do grupo.
- Existe uma proximidade e intimidade entre Judas e Jesus: Isto está presente em todo o evangelho. No entanto, a proximidade não é unicamente com Jesus, mas entre todos os apóstolos. Ainda assim há um elemento particular, que é o beijo. Aqui há diferença com os sinópticos: o beijo, não aparece em lugar nenhum, está ausente no evangelho.
- Os apóstolos não desconfiavam de Judas, pelo contrário, no momento que parecer ser decisivo na revelação daquilo que está prestes a fazer Judas, não há desconfiança por parte dos apóstolos para com a figura de Judas. De facto, um elemento único que está descrito neste evangelho é referente à profissão do apóstolo: o responsável da bolsa de dinheiro, o que pressupõe uma grande responsabilidade.
- A astúcia e inteligência de Judas, que é capaz de entregar o seu Mestre no momento e no lugar indicado, escolheu a noite.
- Não sabemos o motivo específico pelo qual o apóstolo vai entregar Jesus, no entanto o evangelista faz um qualificativo, ao considerar a Judas de ladrão. Neste sentido, pode incitar a pensar que foi por lucro.

1.2 Nos atos dos Apóstolos

Atos 1. 16-20;24-25

<p>¹⁶ Ἄνδρες ἀδελφοί ἔδει πληρωθῆναι τὴν γραφὴν ἣν προεῖπεν τὸ Πνεῦμα τὸ Ἅγιον διὰ στόματος Δαυὶδ περὶ Ἰούδα τοῦ γενομένου ὁδηγοῦ τοῖς συλλαβοῦσιν Ἰησοῦν ¹⁷ ὅτι καθιριθμημένος ἦν ἐν ἡμῖν καὶ ἔλαχεν τὸν κλῆρον τῆς διακονίας ταύτης ¹⁸ Οὗτος μὲν οὖν ἐκτήσατο χωρίον ἐκ μισθοῦ τῆς ἀδικίας καὶ πρηνῆς γενόμενος ἐλάκησεν μέσος καὶ ἐξεχύθη πάντα τὰ σπλάγχνα αὐτοῦ ¹⁹ καὶ γνωστὸν ἐγένετο πᾶσι τοῖς κατοικοῦσιν Ἱερουσαλὴμ ὥστε κληθῆναι τὸ χωρίον ἐκεῖνο τῇ ἰδίᾳ διαλέκτῳ αὐτῶν Ἀκελδαμάχ* τοῦτ' ἔστιν Χωρίον αἵματος.²⁰ Γέγραπται γὰρ ἐν βίβλῳ Ψαλμῶν Γενηθήτω ἡ ἔπαυλις αὐτοῦ</p>	<p>¹⁶«Irmãos, era necessário que se cumprisse o que o Espírito Santo anunciou na Escritura pela boca de David a respeito de Judas, que foi o guia dos que prenderam Jesus. ¹⁷Ele, efetivamente, era um dos nossos e tinha recebido uma parte do nosso ministério. ¹⁸Esse homem, depois de ter adquirido um terreno com o salário do seu crime, precipitou-se de cabeça para baixo, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se espalharam. ¹⁹O facto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, a tal ponto que esse terreno foi chamado na língua deles 'Haqueldamá', que quer dizer Campo de</p>
---	--

<p>ἔρημος καὶ μὴ ἔστω ὁ κατοικῶν ἐν αὐτῇ Καὶ τὴν ἐπισκοπὴν αὐτοῦ λαβέτω ἕτερος.²⁴ καὶ προσευξάμενοι εἶπαν Σὺ Κύριε καρδιογνώστα πάντων ἀνάδειξον ὃν ἐξελέξω ἐκ τούτων τῶν δύο ἕνα ²⁵ λαβεῖν τὸν τόπον τῆς διακονίας ταύτης καὶ ἀποστολῆς ἀφ' ἧς παρέβη Ἰούδας πορευθῆναι εἰς τὸν τόπον τὸν ἴδιον</p>	<p>Sanguē. ²⁰*Está realmente escrito no Livro dos Salmos: 'Fique deserta a sua habitação e não haja quem nela resida'. E ainda: 'Receba outro o seu encargo.' ²⁴Fizeram, então, a seguinte oração: «Senhor, Tu que conheces o coração de todos, indicanos qual destes dois escolheste ²⁵para ocupar, no ministério apostólico, o lugar abandonado por Judas, que foi para o lugar que merecia.»</p>
--	--

Na perícopē, encontramos um duplo propósito que impulsiona a história. Um deles refere-se ao apóstolo traidor e busca iluminar com fé e superar internamente esta queda que comoveu profundamente a primeira comunidade. O segundo propósito é o de restaurar a ordem perturbada por Judas através da nomeação de um novo apóstolo. Como a nossa prioridade está centrada na figura de Judas, centramo-nos principalmente na sua personagem e naquilo que o autor lucano quer transmitir.¹³⁶

As primeiras palavras desta memorável assembleia tratam da traição de Judas. Percebemos o quanto esses acontecimentos pesaram sobre a jovem Igreja. Já sabemos deste facto ao lermos os Evangelhos, que, com poucas palavras, mencionam a ação de Judas na história da paixão. No texto, vemos como o evento é interpretado por meio das Escrituras. Nas palavras de Pedro, a pergunta e a resposta da Igreja primitiva são evidentes. Aqui está um exemplo de como esta Igreja se esforça para tornar a sua própria experiência evidente e compreensível à luz da revelação do Antigo Testamento. De acordo com a concepção teológica da época, as palavras da Escritura são transferidas do sentido literal para um plano superior, e de lá são conduzidas de acordo com a intenção do comentador para um novo sentido. De facto, é de ressaltar o desejo profundo da primeira comunidade de ver e apresentar na história da salvação a conexão entre as velhas e as novas revelações, entre o previsto e o realizado. Quando Pedro diz que as palavras da Escritura tiveram que ser cumpridas, esta declaração não refere que Judas entregou Jesus porque foi predito. A alusão à Escritura não se refere imediatamente à traição, mas sim à situação após a entrega de Jesus e necessidade de escolher um novo apóstolo. O cumprimento do presságio não anula a responsabilidade das pessoas sobre as quais essa previsão recai. Pedro designa Judas como o "guia dos que agarrarão a Jesus". Aqui, brilha uma memória pessoal do apóstolo. Nos quatro Evangelhos, esta captura está relacionada com Judas.

¹³⁶ Cf. Joseph Fitzmyer, *Los Hechos de los Apóstolos II* (Salamanca: ed. Sígueme, 2003): 46.

O destino de Judas é, sem dúvida, algo de Lucas, embora tenha uma ligação tão estreita com o referido que parece que tudo é dito pela mesma pessoa. A garantia que Lucas o interpõe está na expressão "na sua língua", pois Pedro teria dito "na nossa língua". Ademais a tradução da palavra "Haqueldamá" do hebraico para o grego, o que Pedro não teria feito, visto que falava com hebreus. Para quem lê Lucas, este parêntese permite perceber as alusões que Pedro faz de Judas. Se eram perfeitamente inteligíveis para quem ouviu Pedro, não eram para os leitores do livro.¹³⁷

Porém, esse parêntese utilizado pelo autor serve muito bem o seu objetivo, que é o de apresentar três pontos de conflito aparente sobre o destino de Judas. Primeiramente, refere que ele caiu de cabeça, enquanto Mateus diz que ele se enforcou. Em segundo lugar, refere-se a obtenção de uma propriedade com o pagamento da sua iniquidade, mas Mateus diz que os principais sacerdotes compraram o campo com aquele dinheiro. Por último, a queda (e conseqüente morte) de Judas deriva o nome de "Haqueldamá", mas Mateus retira-o uma vez que o campo foi comprado com dinheiro de sangue (Mateus 27: 3-8).

Relativamente ao primeiro ponto, as duas histórias estão em perfeita concordância, pois Judas enforcou-se ou caiu – e Lucas diz que caiu. Se caiu e morreu, deve ter caído de uma altura considerável.¹³⁸ Caso se tenha enforcado, Judas pode ter ficado suspenso até cair, o que vai de encontro a ambas as versões sobre a morte do apóstolo. Mas se tentarmos explicar tudo isto com outra hipótese, veremos que é muito difícil imaginar as circunstâncias da morte de Judas. Assim, as duas histórias não só estão em harmonia, como a história de Lucas apoia a de Mateus.

Quanto ao segundo ponto, se Judas devolveu o dinheiro conforme descrito por Mateus e os sacerdotes compraram um campo de oleiro com ele, esse campo seria propriedade de Judas. Os seus herdeiros poderiam reivindicá-lo, uma vez que o campo fora adquirido com dinheiro que lhe pertencia a ele. Lucas poderia dizer corretamente que Judas adquirira o campo.

Face ao terceiro ponto de conflito, se o campo foi comprado com dinheiro de sangue e Judas caiu lá e morreu, o nome do campo poderia derivar de ambas as circunstâncias.¹³⁹ A probabilidade é que o valor da terra tenha desvalorizado devido às inúmeras escavações ali feitas pelo oleiro em busca do seu barro, para além da presença dos restos mortais de um traidor que ali se enforcara. Era um lugar tão horrível que o proprietário alegremente o vendeu por baixo valor, dando aos sacerdotes a oportunidade de o comprar por trinta moedas de prata. Não seria possível comprar um terreno de boas dimensões para fazer um pequeno cemitério perto

¹³⁷ Cf. W. S. Kurz, *Reading Luke-Acts. Dynamics of Biblical Narratives*, (Couisville (Kentucky): Ed. Westminster, 1993) 234.

¹³⁸ Cf. Alfred Wikenhauser, *Los Hechos de los Apóstoles*, (Barcelona:Herder, 1973): 60.

¹³⁹ Cf. W. S. Kurz, *Reading Luke-Acts. Dynamics of Biblical Narratives*, 245.

do muro de Jerusalém por uma quantia tão pequena. Servia para enterrar estrangeiros pobres demais para pagar uma sepultura escavada na rocha.¹⁴⁰

Por último, outro elemento interessante está presente no versículo 25, no qual o autor faz um jogo de palavras caracterizado pelo uso da palavra *τόπον*, que significa lugar. O autor lucano faz uma contraposição, o que é muito presente quando se fala de Judas. Esta contraposição está caracterizada por destacar o grande privilégio e a grande honra que significava o lugar apostólico, o facto de ser um dos doze escolhidos. O autor quer ressaltar que o apóstolo ocupou um lugar do qual era indigno, não hesitando em dizer que tinha ido para o lugar ao qual pertencia. No entanto, surge a questão: qual será o lugar que merecia? Segundo a premissa anterior, resultaria um lugar contrário dos dignos e dos fiéis, nesse sentido, poderíamos pensar que vai ao lugar onde vão os indignos e os infieis depois da morte.¹⁴¹

Em síntese, o livro dos atos dos apóstolos oferece ao leitor uma visão rica da percepção que a primeira comunidade tinha de Judas, para além de relatar como é que um dos doze fora capaz de guiar o grupo daqueles que apanharam Jesus. Este desconcerto é claramente difícil de perceber e, neste aspeto, as escrituras são uma valiosa explicação. A morte trágica de Judas é sinal daquilo que foi a sua vida.

2. Estudos de exegeses recente sobre Judas

Durante os últimos anos, temos presenciado um forte impulso na pesquisa em torno da figura de Judas Iscariotes, que não é obviamente um assunto que possa ser considerado novo. Pelo contrário, a temática tem estado presente nas diversas culturas e áreas académicas. Porém, a publicação do evangelho de Judas acabou por suscitar ainda mais a curiosidade por esta personagem. Mas esta curiosidade não pode ser vista unicamente por um prisma imaginativo ou fantasioso. Com o pouco conhecimento que temos sobre esta figura histórica, várias ciências têm procurado conhecer mais em torno desta personagem bíblica. A teologia não tem estado à margem desta investigação. Ao longo dos anos mais recentes, diversos biblistas têm revisto a personagem de Judas iluminados pela evidência que aparece na Bíblia. Graças ao grande avanço na hermenêutica e exegeses bíblica, hoje em dia temos mais ferramentas e métodos para nos aproximarmos das escrituras. Neste sentido, a perspectiva com que se aproximam de Judas tem mudado. O preconceito de traidor já não é a linha central ou o único filtro a partir do qual se aproximam desta personagem.

¹⁴⁰ Cf. Profesores de Salamanca, *Biblia comentada*. VI, 66.

¹⁴¹ Cf. Alfred Wikenhauser, *Los Hechos de los Apóstoles*, 75.

A exemplificá-lo, a abordagem de Deven K. MacDonald propõe estudar o Evangelho segundo Marcos. Mas em vez de se centrar naquilo que o evangelho diz de Judas, a sua análise recai na maneira como é dito. Os estudiosos da literatura e da Bíblia apontam que a caracterização ocorre principalmente por meio de duas técnicas: "contar" e "mostrar". Simplificando, "contar" ocorre quando o narrador (neste caso, o evangelista) informa ao leitor sobre a realidade. O narrador não é limitado por tempo ou espaço e não há acesso restrito aos pensamentos e emoções íntimos dos personagens. Para além disso, "to show" (mostrar) ocorre quando o narrador apresenta ao leitor as ações, palavras e pensamentos de um personagem. A dimensão de "mostrar" está ligada ao dispositivo literário da trama e do ambiente.¹⁴² Como Judas é mencionado apenas algumas vezes no Evangelho de Marcos, o narrador deve ir além de "mostrar" e fornecer trechos diretamente relacionados à personagem de Judas. A menos que a história seja esticada e tênue, a única fonte de informação sobre Judas será comunicada através de declarações diretas do narrador. A menção relativamente esparsa de Judas torna necessário para o narrador "intervir" e simplesmente contar ao leitor os detalhes sobre o apóstolo. Através dessas duas dimensões do personagem, Marcos retrata Judas de uma maneira específica.¹⁴³

A forma como Judas é caracterizado no Evangelho de Marcos é baseada no contraste, repetição e ironia. Marcos apresenta uma imagem constantemente negativa do homem e fá-lo com nuances. Na maioria das vezes, uma rápida leitura do Evangelho de Marcos revela uma imagem muito clara de Judas: o apóstolo é considerado, no sentido mais básico, o antagonista Jesus. Um trabalho mais crítico-narrativo nos Evangelhos tratou os discípulos como um grupo e Judas como um estranho. Este artigo demonstra que a atenção deve ser dada a todos os personagens, como Judas, que desempenha um papel menor. Quando isso é feito, a caracterização de Judas no Evangelho de Marcos pode ser vista como direta e focada. Judas é retratado como um personagem "plano" que não exhibe nada que se compare à virtude. Ele é "o traidor" do início ao fim.¹⁴⁴

Por outro lado, o biblista William Klassen no seu *livro Judas: Betrayer or Friend of Jesus?* analisa as evidências e conclui que, nas primeiras fontes, Judas não era um traidor. Embora o nome Judas Iscariotes evoque horror entre muitas pessoas, Klassen argumenta convincentemente que Judas pode não ter feito mal nenhum em entregar Jesus às autoridades religiosas. O livro traça a forma como Judas é retratado pelos quatro escritores dos Evangelhos, mostrando como a imagem foi cada vez mais demonizada à medida que os últimos

¹⁴² Cf. Deven K. MacDonald, *Allegiance, Opposition, and Misunderstanding: A Narrative Critical Approach to Mark's Christology*, 65.

¹⁴³ Cf. Bart J. Koet, «Judas, verrader of de trouwste leerling?». *Tijdschrift voor Theologie* 57, N°2, (2017): 108. <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=3217943>

¹⁴⁴ Cf. Luke Murray, «The Church Fathers and the Fall of Judas». *Augustiniana* 65, N° 3-4, (2015): 189. <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=3144289>

evangelhos foram escritos. Através de várias análises e do método de desconstrução, Klassen conclui que o sentido das palavras utilizado pelos evangelistas para fazer referência a Judas são mal interpretadas e que, com o passar do tempo, têm ganho um sentido cada vez mais negativo. A palavra παραδίδωμι não significa em nenhum sentido traição; logo, não pode ser utilizada para se referir a Judas como traidor.

Claramente esta reabilitação de Judas tem trazido consigo algumas análises a favor e outras contra. O biblista Patrick Chatelion Counet, especialista do Evangelho segundo João e do método moderno da exegese de desconstrução, propõe dois acréscimos à opinião de Klassen: um sobre a identificação de Judas como o discípulo que era conhecido do sumo sacerdote e o outro uma elaboração mais detalhada da suposição de Klassen de que Jesus queria estabelecer contato com as autoridades superiores. Esta suposição deve ser corroborada como sugerem os Evangelhos. Que, pelo contrário, Jesus preferia evitar as autoridades. Deve ser demonstrado que Jesus queria muito encontrar-se com as autoridades, não para as matar, mas para as convencer do Plano de Deus. Para atingir este objetivo, precisava da ajuda de um amigo que estivesse em contacto direto com as autoridades.¹⁴⁵

Outro elemento que tem suscitado diferentes leituras tem sido referente à morte do apóstolo. Na leitura tradicional, a morte de Judas é condenatória: o seu suicídio representa sua autoexclusão da salvação prometida de Jesus. Mais recentemente, vários estudiosos tentaram reabilitar Judas. Longe de cimentar a sua condenação, a morte de Judas é um sinal do seu arrependimento, caracterizado como heroico, e aponta para a redenção. Esta visão redentora é partilhada por Jeremias e Zacarias. Em alguns casos, o suicídio é considerado um ato de heroísmo, de entrega e sacrifício, considerações que têm sido associadas à personagem. No entanto, entre estas novas leituras, encontramos exegeses mais neutras, onde o título de herói ou traidor já não expressa uma categoria. Neste sentido, a teóloga canadiana Catherine Sider Hamilton vem considerar que Mateus nos dá, no episódio de Judas, a história de Jeremias e de Zacarias, uma história de corrupção e derramamento de sangue e a ruína de uma cidade. Mas Zacarias é reconsiderado, porque Judas se arrepende e Mateus vê nisso um mistério. A morte de Judas não é o fim da história, nem o Campo de Sangue é o fim da história de Jerusalém. A morte e a vida estão juntas, na história de Judas e no sangue de Jesus, como no profeta Jeremias. Ambos são verdadeiros. Uma voz é ouvida em Ramá, choro e choro amargo, o banimento do povo (Jr 31:15; cf. Mateus 2:18). Assim diz o Senhor. E assim também na morte de Jesus: «Guarda do choro e dos olhos das lágrimas... Há esperança para o teu futuro, diz o Senhor» (Jr

¹⁴⁵ Cf. William William, *Judas: Betrayer or Friend of Jesus?* 78-100.

31, 16-17). Aqui é aberta uma possibilidade que não é condenatória nem garantia de redenção.

146

Considerando o anterior, é importante destacar o sermão proferido pelo papa Bento XVI durante uma audiência geral na quarta-feira no ano 2006:

«Permanece o mistério da escolha, também porque Jesus pronuncia um juízo muito severo sobre ele: "ai daquele por quem o Filho do Homem vai ser entregue" (Mt 26, 24). Torna-se ainda mais denso o mistério acerca do seu destino eterno, sabendo que Judas "se arrependeu e restituiu as trinta moedas de prata aos sumos sacerdotes e aos idosos, dizendo: "Pequei, entregando sangue inocente" (Mt 27, 3-4). Mesmo se em seguida ele se afastou para se ir enforcar. Mt 27, 5), não compete a nós julgar o seu gesto, substituindo-nos a Deus infinitamente misericordioso e justo.»¹⁴⁷ [Bento XVI 2006]

Neste sermão, podemos identificar uma clara distinção nos argumentos que condenam a figura de Judas Iscariotes, mas também daqueles que o elevam ao estatuto de herói. Aqui encontramos um equilíbrio, que só pode ser iluminado à luz do mistério e da misericórdia de Deus. Com uma perspectiva idêntica à do Papa Bento XVI, a homília do Papa Francisco, no dia 11 de abril de 2016 na Igreja de Santa Marta, destacou o arrependimento de Judas. O centro de reflexão do Santo Papa não gira em torno da traição, mas sim do arrependimento que teve por aquilo que fez. Mas este arrependimento não é aceite pelos sacerdotes do templo os quais se fecharam à lei.

Tendo isto em conta, esta nova exegese acerca da figura de Judas expõe uma nova realidade, que foge a uma reflexão simplista e aprofunda a personagem através de diferentes âmbitos. Por outras palavras, abandona o preconceito existente para se aproximar de uma nova perspectiva. No entanto, a exegese atual pode correr o risco de cair no outro extremo, que eleva o apóstolo ao estatuto de herói.

¹⁴⁶ Cf. Hamilton, Catherine Sider. «Journal of Biblical Literature». 137 N°2 (2018), 421.

<https://muse.jhu.edu/article/699582>

¹⁴⁷ Cf. PAPA BENTO XVI, *AUDIÊNCIA GERAL, Quarta-feira, 18 de Outubro de 2006, Disponível: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061018.html*
Acesso em: 8 jun. 2020

CAPÍTULO II- REFLEXOS LITERÁRIOS DA FIGURA DE JUDAS EM AMOS OZ E LEONID ANDREIEV

A nossa atenção centra-se num segundo momento na literatura, neste capítulo num primeiro momento encontraremos como a imagem de Judas Iscariotes tem sido vista por diferentes escritores, estes desde suas experiências e devidos contextos fizeram uma aproximação a este personagem. Neste contexto encontraremos como há um processo de evolução naquilo que representa Judas quer para o escritor quer para o contexto no qual cresce. A seguir disto, abordaremos os dois textos selecionados, estes apesar de ser de diversos momentos históricos tem algo em comum que vai desde a aproximação e o olhar que se faz de Judas, existe uma perspectiva psicológica no qual o apóstolo é mais do que um traidor, antes disto é uma pessoa como os outros apóstolos e como outros personagens da história. Nesse contexto, Judas carrega os mesmo sentimentos e emoções que são comuns a todos os seres humanos. Assim como também as mesmas dúvidas e questões existências.

1. Alguns ecos Literários da figura de Judas na história

Judas Iscariotes tem sido considerado, durante muitos anos, na tradição cristã, como o traidor por excelência. Esta consideração tem sido fortemente transmitida ao ponto de utilizar o nome de Judas como sinonimo de traição e infidelidade. De facto, a animosidade popular em relação a esta personagem é fielmente expressa em diferentes rituais, como é o caso do ritual de queima, apedrejamento ou linchamento de bonecos que representam a figura do apóstolo¹⁴⁸. Esta animosidade tem atravessado diferentes planos da cultura e da sociedade. Neste sentido, a literatura, a música e a arte têm tido presente esta personagem em diversas interpretações artísticas. Nesta sequência, os artistas, condicionados por uma imagem fortemente estereotipada pela negatividade de Judas Iscariotes, têm refletido e plasmado uma personalidade quase arrepiante. No entanto, este ponto de leitura, no decorrer dos últimos anos, tem ido mudando. O condicionalismo cultural não tem sido um impedimento para os escritores, pelo contrário, tem sido uma fonte de inspiração que tem suscitado diversas perguntas e questões sobre aquilo que muitos podem considerar como óbvio.

Nesta sequência, Judas é uma personagem que tem oferecido aos artistas uma grande fonte de inspiração e justificação. A traição como drama e realidade que está presente no mundo e nas nossas vidas, surge como realidade que está sempre latente, ou como uma possibilidade

¹⁴⁸ Cf. Barbara Renger Almut-. «The Ambiguity of Judas: On the Mythicity of a New Testament Figure, » *Literature and Theology*, Volume 27, Issue 1, (March 2013):1. <https://doi.org/10.1093/litthe/frs012>

à qual todos somos suscetíveis. Neste ponto, esta figura manifesta algo que é mais comum do que aquilo que pensamos. E é por isto que, durante diversos momentos da história, esta figura tem suscitado e continua a suscitar a criatividade e a fantasia de diversos artistas, de diversas culturas e nacionalidades. Considerando o anterior, é de reconhecer que esta criatividade e fantasia parte duma base literária que é a Bíblia, mas também das diversas histórias e lendas que tem suscitado¹⁴⁹.

1.1 Século XIV, Dante Alighieri e a “Esfera da Judeca”

O poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321) é considerado o pai da literatura italiana¹⁵⁰. Isso porque a sua obra máxima, A Divina Comédia, foi escrita em toscano, não em latim, como era usual na Idade Média¹⁵¹. A Divina Comedia está dividida em três seções; Inferno, Purgatório e Paraíso. A primeira foi de longe a mais lida e memorável. Escrita no início do século 14, o Inferno redefiniu a percepção medieval da condenação eterna, uma alegoria original sobre a realidade das almas após a morte. Nunca antes o conceito de inferno impactou as massas tão intensamente, era nada menos do que uma ficção poética enraizada em alguns pensamentos teológicos.

O trabalho de Dante transformou o conceito abstrato do submundo em algo assustador. Era uma visão apaixonada, palpável e duradoura de si mesmo. Após a publicação do poema, a Igreja Católica desfrutou de um aumento incomum no atendimento de pecadores horrorizados que queriam evitar cair na versão do Inferno que o poeta florentino imortal havia transmitido.

O Inferno é composto por 33 cantos, mais uma introdução. Cada canto é subdividido em tercias cujas rimas são intercaladas. De fato, sua estrutura doutrinária faz uso constante do número três: os condenados são divididos em diversas categorias, cada uma localizada numa seção decrescente da cavidade subterrânea. A ordem das penas, como diz Virgílio no canto XI, depende da Ética a Nicómaco de Aristóteles e prefigura uma hierarquia do mal baseada no uso da razão¹⁵². A escolha das penas segue a lei do contador, que pune os pecadores pelo contrário dos seus pecados ou por analogia com eles. Nesse sentido, os pecadores "mais próximos" de Deus e da luz, ou seja, colocados nos primeiros círculos, são os incontinentes, que incluem os lascivos, os glutões, os gananciosos e os irados. Seguem os violentos, cegos pela paixão, embora com um nível de inteligência superior ao anterior. Os últimos, localizados nas

¹⁴⁹ Cf. Christophe Stener, *Judas Iscariot dans la littérature modern*, (Paris: Books on Demand, 2021), 120.

¹⁵⁰ Cf. Claire E Honess, « Leeds Centre for Dante Studies, and Matthew Treherne». *Reviewing Dante's Theology*, Volume 2, (2013): 25.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=3b7c2100-5557-3a78-b5af-1b1af7e9a02d>.

¹⁵¹ Cf. Claire E Honess, « Leeds Centre for Dante Studies, and Matthew Treherne», 26.

¹⁵² Cf. Dante Alighieri, *A divina comédia*, traduzido por Xavier Pinheiro, (São Paulo: Atena, 1995), 89-98.

Malebolge, são os fraudulentos e traidores, que conscientemente quiseram e fizeram o mal. Entre os traidores apresenta quatro categorias: Caína é a traidora da família; Antenora, representa os traidores da pátria; Ptolomeia simboliza os traidores dos seus hóspedes e Judeca, os traidores dos benfeitores e de Deus. Todos os pecadores no Inferno têm uma característica em comum: sentem a separação de Deus como a maior punição. Quanto maior o pecado, menor é o espaço físico em que habitam as almas¹⁵³.

Dante coloca os traidores no nono círculo do Inferno, reservado aos três malandros supremos da história: Judas Iscariotes, Cássio e Bruto - os assassinos de Júlio César. Segundo Dante, a traição é um dos pecados capitais, o pior deles, e foi punida com o último círculo do Inferno.

Traição, como Dante a definiu, era o ato de trair um ente querido. O exemplo mais conhecido desse pecado foi a traição de Jesus por Judas, um ato considerado por Dante tão infame que baniu Judas para uma região bem no centro do Inferno e deu-lhe o nome de Judeca em homenagem ao seu residente mais desprezível. Nesta sequência, é de considerar que este belíssimo texto é, talvez, a mais dura condenação aos traidores existente na Literatura Ocidental.

«CANTO XXXIV Finalmente, no quarto giro do nono círculo (a Judeca), estavam os que traíram seus chefes e benfeitores, embutidos no gelo e imobilizados. Excetuam-se Judas, Bruto e Cássio, torturados por Lúcifer pessoalmente. Os dois poetas [Dante e Virgílio] descendo pelos cabelos do corpo hirsuto e desmesurado do Anjo rebelde, passam o centro da Terra; e saem, no outro hemisfério, por uma galeria longa e escura, outra vez sob o céu polvilhado de estrelas.” (...) “Esse da frente é Judas Iscariote - disse-me o Mestre - que sofre pena dobrada, com a cabeça para dentro e as pernas para fora. O que é mordido pela boca preta é Bruto e o outro é Cássio. Mas em breve será noite. Está na hora de partirmos, pois já vimos tudo o que há para se ver. Agora, agarre-se em mim firmemente.”¹⁵⁴

Neste aspeto, encontramos como no seu livro a Divina Comédia, o poeta Fiorentino, responde a uma pergunta fundamental para o ser humano, e é referente à questão transcendental da nossa existência, e o que há para além da morte. Claramente a sua obra literária está fortemente influenciada pelo contexto cultural. Uma cultura marcada pela doutrina da fé, uma moral casuística e o sentido da culpa fortemente presentes. Neste sentido, o ponto de vista da Igreja Católica durante a Idade Média é que Judas pecou, e pecou gravemente. O seu pecado, ao trair o Mestre na primeira Sexta-Feira Santa, foi talvez o pior dos pecados capitais, porque

¹⁵³ Dante Alighieri, *A divina comédia*, 100.

¹⁵⁴ Dante Alighieri, *A divina comédia*, 105.

implicava trair o próprio Deus. Então, ele teria o castigo que merecia, o da condenação eterna e castigo no fogo do inferno.

Como já foi mencionado anteriormente, Judas está no nono círculo, e no quarto anel, o de Judeca, a última, mais baixa e mais infame seção de todo o inferno. Ao contrário do que seria de esperar, esta seção é uma desolação de frio polar e ventos fortes de inverno. Eles existem porque Satanás está lá, batendo as suas enormes asas numa eterna tentativa de voar e evadir-se. É o vento resultante que causa o frio impossível. Os traidores contra os seus benfeitores estão lá, envoltos em gelo. Satanás dá atenção especial a Judas, cujo corpo se dilacera, rói e morde para sempre.¹⁵⁵

A posição e punição de Judas (ele é o mais atormentado por Satanás, que não só o mastiga, mas também lhe coça as costas) derivam do fato de que Dante o considera o mais pérfido dos pecadores humanos. De acordo com a afirmação de Paffenroth¹⁵⁶, a descrição que Dante apresenta, do estado de Judas, revela mais a vontade do autor do que o castigo a que Judas está sujeito, já que este não é único no Inferno. Judas aparecerá, encaixando perfeitamente a sua punição. Segundo Lucas (22: 3), Judas associava-se a Satanás e, portanto, a sua relação reflete plenamente a existente entre Ruggieri e Ugolino: conspiradores que se comeram durante a vida e que agora devem continuar a sua aliança pecaminosa por toda a eternidade. Todos os três pecadores que cumprem a sua pena na boca de Satanás são suicidas e existem algumas lendas medievais que acusam Judas do pecado da gula; portanto, é possível que Dante tenha criado esta cena final do Inferno inspirado nas punições que ele havia planeado anteriormente.¹⁵⁷

Dante, ao contrário do castigo que infligiu a outros traidores, criou a sua própria imagem de Judas, capaz de concentrar em si o castigo para todos os pecados dos quais o ser humano pode ser culpado. Ou seja, Judas e Satanás contêm em si os pecados mais pérfidos, e ao mesmo tempo, todos os outros combinados entre si.

Segundo Dante, os pecados do amor incorreto, da paixão excessiva, eram muito menos nocivos do que os da hipocrisia, da mentira, da corrupção política ou religiosa, sendo os pecados da traição os mais graves de todos. Nem é surpreendente que uma parte do Inferno possa resultar numa punição muito mais séria do que a outra parte do Inferno, mas resultou. Assim escreveu Dante, e as suas ideias estavam em conformidade com a teologia de seu tempo.

Mas esta visão presente não é uma surpresa, de facto. As lendas de Judas circulavam e eram alimentadas com profundos imaginários de crueldade em diferentes países e tradições. No

¹⁵⁵ Dante Alighieri, *A divina comédia*, 107.

¹⁵⁶ Dante Alighieri, *A divina comédia*, 122.

¹⁵⁷ Claire Honess, «Leeds Centre for Dante Studies, and Matthew Treherne», 28.

entanto, a característica que distingue o Poeta Fiorentino de outros relatos e escritos é o impacto e a maneira como estes são apresentados. A sua riqueza literária, descritiva e categórica, suscita no leitor um forte impacto, e o leitor consciente ou inocentemente faz uma categorização de níveis de maldade. Neste sentido, Judas acaba por ser considerado um dos piores seres na história da humanidade¹⁵⁸ e acaba por alimentar um imaginário social já existente, fortalecendo assim o preconceito e a condenação que se tem por Judas.

1.2 Século XVII-XX a revindicação de Judas

Diversos artistas apresentam uma atitude crítica em relação aos textos bíblicos, mas esta crítica não era especialmente orientada para o que os textos bíblicos descrevem, mas para a forma como eram interpretados. De facto, são muitos os textos literários que têm surgido a partir dos textos bíblicos. Neste aspeto a Bíblia tem sido uma fonte de inspiração para muitos escritores, não pela luz da fé ou da doutrina, mas apenas numa perspetiva literária.

Durante muito tempo os pensamentos e as doutrinas teológicas penetraram fortemente na consciência e na vida das pessoas, no entanto, a disseminação da cultura, e a secularidade fez com que este paradigma mudasse. Diferentes objeções e discussões surgiram a partir daquilo que se considerava óbvio.

Perante um contexto onde a lei da beleza na arte no seu aspeto ético - moral acreditava em Jesus como salvador. -De facto, Jesus foi e continua a ser a personificação de um absoluto bem, Judas pelo contrário, tem sido a personificação do mal absoluto-. O drama apresentado no Novo Testamento tem atraído, desde sempre, diferentes artistas. De século em século, Judas vagou pelas páginas de obras de arte e literárias, deixando na mente dos leitores a visão de um vilão monstruoso, mas foi no século XVII que começámos a presenciar uma mudança¹⁵⁹.

Nos séculos XIX e XX, alguns autores tentaram, por razões filosófico-ideológicas ou por convicção sincera, a possível revindicação desta personagem. Gradualmente, os artistas começaram a olhar mais amplamente para os eventos bíblicos, não tendo unicamente os ensinamentos como ponto de partida, mas sim o texto, as personagens, e os acontecimentos. Neste aspeto encontramos novas visões plasmadas, em diferentes textos. Assim, Ferdinando Petruccelli della Gattina, no seu polémico romance “Les Mémoires de

¹⁵⁸ Cf. Lippi, D, P. Charlier, R. Bianucci, A. Coralli, O. Appenzeller, and A. Perciaccante. «The Autopsy of the Prophet Muhammad in Dante’s Inferno. » *Journal of Religion & Health* 59, no. 4 (August 1, 2020): 1838. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=ea87a995-72f3-313e-a193-92a34c5ce6bf>.

¹⁵⁹ Cf. Madeleine Scopello, «The Gospel of Judas in Context», *Leiden*, (The Netherlands: Brill, 31 Aug. 2008): 125. <https://doi.org/10.1163/ej.9789004167216.i-404>

Judas” (1867)¹⁶⁰, descreve o apóstolo como um revolucionário e líder da revolta judaica contra o Império Romano.

Seguidamente, é de destacar o livro “Judas” do escritor sueco Tor Hedberg, em que ele faz um impressionante trabalho num repensar artístico do ato de Judas. O autor conhecia bem as obras de Nietzsche, que residem na base das suas duas obras principais - em "Judas" e o seu poema dramático Gerhard Grim (1897)¹⁶¹. M. Schulhammar, comentando em detalhe as obras do escritor Sueco, encontra nestas duas obras claramente o paradigma nietzschiano o qual expressa uma crítica na visão do caminho terreno, estabelecida no cristianismo medieval¹⁶². Ainda mais claramente, o paradigma nietzschiano aparece na obra literária do escritor russo Leonid Andreiev. O livro do escritor russo Leonid, Judas Iscariotes, foi escrito em 1907, e seria uma tentativa de repensar artisticamente o ato de Judas, no entanto tem muito em comum com a obra do escritor sueco. Até ao início do século XX, estas duas obras literárias, são consideradas as publicações artísticas mais brilhantes, numa aproximação ao tema da relação entre Jesus e Judas¹⁶³. Como já foi mencionado anteriormente, existe uma grande relação entre estas duas obras, de fato poder-se-ia pensar que o o escritor russo segue deliberadamente o sueco, mudando acentos semânticos¹⁶⁴. No entanto, o anterior não significa que o escritor russo teve presente a obra do escritor sueco. Existem alguns relatos que afirmam que M. Gorky, ao saber que L. Andreiev estava a trabalhar numa história sobre Judas, ofereceu-lhe uma tradução do livro de Hedberg. Andreiev recusou, dizendo: «“Eu não quero, eu tenho a minha própria ideia, e isso pode confundir-me ”»¹⁶⁵. Neste caso, o escritor russo e o sueco estão unidos por uma descrição detalhada na relação que existe entre Jesus e Judas. Uma relação muito mais complexa do que se poderia passar superando os motivos do dinheiro e o diabo para finalmente oferecer uma interpretação das ações de Judas.

A narrativa de Hedberg tem tramas, que serão repetidas por Andreiev. Para ambos, Judas é um apelido e não têm dúvidas de que Jesus é o Messias¹⁶⁶. De igual forma destaca-se positivamente o Apóstolo Tomé, que honestamente não escondeu as suas dúvidas sobre a divindade. Em ambos os livros, Judas aceita, indignado, o desejo de se tornar o tesoureiro da

¹⁶⁰ Cf. Jefferson Gatrall, «The Color of His Hair: Nineteenth-Century Literary Portraits of the Historical Jesus. » *Novel: A Forum on Fiction* 42, no. 1 (March 1, 2009): 109–130.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=58bdcc31-3a16-3ff1-8f07-fcf7d5665237>.

¹⁶¹ Cf. Jefferson Gatrall, «The Color of His Hair: Nineteenth-Century Literary Portraits of the Historical Jesus. » *Novel: A Forum on Fiction* 42, no. 1 (March 1, 2009): 115.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=58bdcc31-3a16-3ff1-8f07-fcf7d5665237>.

¹⁶² Cf. Christophe Stener, *Judas Iscariot dans la littérature modern*, 127.

¹⁶³ Cf. Christophe Stener, *Judas Iscariot dans la littérature modern*, 145.

¹⁶⁴ Cf. Madeleine Scopello, «The Gospel of Judas in Context

¹⁶⁵ Cf. Stephen Hutchings, «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev. » *Modern Language Review* 85, no. 1 (January 1, 1990): 108.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=ca49db0e-c89a-392e-96e9-5d44534ff9d7>.

¹⁶⁶ Cf. Stephen Hutchings. «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev. » 110.

comunidade. Nesta sequência, vemos que nos dois livros existe uma clara diferença no estilo da narração, mas o principal é a base sobre a qual a justificação de Judas ocorre. E isso é compreensível: Hedberg é um escritor da Nova era, enquanto Andreiev, tem um estilo influenciado pela profunda crise do humanismo¹⁶⁷. Hedberg constrói a obra com base na poética do gótico crepuscular. Andreiev - neorrealista, à sua maneira lógico, psicológico¹⁶⁸. A primeira história é mística e romântica, a segunda é filosófica e psicológica.

O escritor sueco não segue estritamente a linha de eventos do Evangelho, a ideia da sua obra esta claramente delineada nas primeiras linhas da história; Judas diz a sua mãe que ele não está a seguir o seu próprio caminho pela vida, no sentido em que não está a fazer a sua própria vontade. O drama é baseado na afirmação da fatalidade dos esforços de Judas para evitar um destino maligno¹⁶⁹. O sofrimento de Judas, o desejo de se libertar do destino, está no centro das atenções do autor. Em Hedberg surge uma relação entre Jesus e Judas, na qual ambos são perseguidos pelas mesmas paixões, ambos são tentados pelo diabo, ambos acham que são predeterminados. Nesta sequência, Judas fica chocado ao sentir que "entre ele e o seu Mestre existe uma conexão secreta e incompreensível, sobre a qual ninguém sabe nada. No primeiro encontro, entre estes dois, Jesus disse que estava à sua espera"¹⁷⁰. Aqui o autor anuncia a existência dum pressentimento sinistro, no qual Judas sente, como se tivesse sido conspirado para levá-lo a um objetivo, que ele não conseguia discernir, mas que o encheu de admiração. "Judas não discerniu o propósito, mas sentiu que está relacionado com a morte vindoura do Mestre" Jesus, movido pelo amor por pessoas, enche Judas de amor e diz que tudo deve ser feito por amor ao Mestre. No meio de todo este drama, Cristo está com medo, mas esforça-se por cumprir o seu trágico final. Em Hedberg, Simão, também conhecido como Pedro, tenta Cristo à sua maneira de salvação. Ele aconselha o Mestre a permanecer sob a proteção dos discípulos, para evitar a sua morte, o que gera a raiva de Jesus e o leva a chamar Satanás, ao apóstolo. Reforçando o motivo da fatalidade, Hedberg faz um inesperado movimento entre Jesus e os fariseus, que crucificaram o Salvador, estes agem de acordo com o plano; de facto o chefe deles diz a Judas: "Tenho a mesma razão que você!"¹⁷¹. Seguidamente, O autor sueco reviu a parte final do Evangelho. Judas não comete suicídio.

Em 1944 encontramos, as "Tres versiones de Judas" do escritor argentino Jorge Luís Borges¹⁷². Nesta um teólogo, que apresenta três interpretações diferentes de Judas de forma

¹⁶⁷ Cf. Christophe Stener, *Judas Iscariot dans la littérature modern*, 150.

¹⁶⁸ Cf. Stephen Hutchings, «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev» 133.

¹⁶⁹ Cf. Zorgati Johnsrud, Bohlin Ragnhild, Anna, *Tracing the Jerusalem Code : Volume 3: The Promised Land Christian Cultures in Modern Scandinavia (ca. 1750–ca. 1920)* (London; De Gruyter, 2021),45.

¹⁷⁰ Cf. Zorgati Johnsrud, Bohlin Ragnhild, Anna, *Tracing the Jerusalem Code*, 48.

¹⁷¹ Cf. Zorgati Johnsrud, Bohlin Ragnhild, Anna, *Tracing the Jerusalem Code*, 50.

¹⁷² Cf. Jorge Luís Borges, *Ficciones*, (Madrid: Alianza Editorial, 2002)

convencional, convence-o da sua última teoria: Deus não encarnado em Cristo, senão em Judas¹⁷³. Posteriormente em 1955, o escritor Juan Bosch publica o livro: “Judas Iscariote, el caluniado”¹⁷⁴. O escritor dominicano analisa a vida deste discípulo de Jesus Cristo e o seu papel na comunidade a que pertenceu. Segundo a análise do livro, Judas Iscariotes tem sido uma vítima histórica da crença cristã, motivos pelos quais Bosch tenta recuperar a dignidade e a imagem de Judas Iscariotes, a qual, segundo o autor, tem sido atacada pelos crentes, ignorando assim que se não tivesse entregado o Mestre o sacrifício não teria sido realizado.

É de destacar, em 1975, o livro de Walter Jens “Der Fall Judas”¹⁷⁵. O escritor alemão, estudou a pessoa de Judas Iscariotes nos Evangelhos e na tradição da igreja e, num diálogo fictício, fez de advogado ao implorar por justiça para essa pessoa que é caluniada, mas ocupa um papel central no círculo dos 12 apóstolos. Tendo em conta a sua condenação impiedosa como traidor pela tradição cristã e pela Igreja, o escritor reabre o caso de Judas com o objetivo de o reabilitar. No entanto, esta reabilitação vai mais além, vai até ao ponto de considerar que Judas deve ser aceite como mártir entre os santos da Igreja. O argumento de Walter Jens radica na ideia de que, graças a ele, Jesus pôde cumprir sua obra divina de salvação na cruz. «Sem Judas não há cruz, sem a cruz não há cumprimento do plano de salvação»¹⁷⁶. De facto, para o escritor alemão, se a salvação dos cristãos está fundada na cruz, é lógico dar a Judas, como o precursor decisivo da cruz, uma participação devida neste evento de salvação.

No seu apelo por Judas Iscariotes, Walter Jens tem em consideração especialmente a história sinistra de sua representação no Novo Testamento, e chega à conclusão de que já se inicia um processo na proclamação e na literatura cristã primitivas que com o aumento da distância histórica do acontecimento, acabava por influenciar a figura de Judas com uma luz cada vez mais sombria. Segundo as considerações do escritor alemão e da sua leitura bíblica, considera que a tradição neotestamentária, e de maneira especial o Evangelho segundo São João, influem de maneira negativa na imagem que se pode ter sobre este apóstolo. O escritor considera que estes textos oferecem uma visão diabólica e ganancioso de Judas. Assim, João, não apenas executa Judas, mas também coloca todo o Judaísmo em causa. Embora, possa parecer um ponto drástico, o escritor alemão observa que o evangelista lançou sementes antijudaicas que mais tarde germinaram fatalmente no antissemitismo. Walter Jens não quer esquecer que «não foi de forma alguma um puro mal-entendido quando os antisemitas, por dois

¹⁷³ Cf. Adur, Lucas. «Un Dios Despedazado y Disperso Imágenes de Jesús En La Obra de Borges.» *Lexis. Revista de Lingüística y Literatura* 42, no. 2 (July 1, 2018): 3.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=dc3fdd33-941f-3eba-8101-9de63c358784>.

¹⁷⁴ Cf. Juan Bosch, *Judas Iscariote, el Calumniado*, (Madrid: A. Machado Libros S. A, 2009)

¹⁷⁵ Cf. Walter Jens, *Der fall Judas*, (Stuttgart, 1975)

¹⁷⁶ Cf. Nora Moll, «The Myth of Ulysses in the Postwar Novel: Tragic and Anti-Tragic Mode in Stefano D’Arrigo and Walter Jens.» *Between* 7, no. 14 (November 1, 2017): 35.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=f69aa6e2-3463-3e56-8745-4db7157c03a4>.

milênios, invocaram aquela interpretação joanina dos judeus, que torna o pogrom e a justiça do linchamento desculpáveis»¹⁷⁷. Neste aspeto o escritor alemão inspirado pela Bíblia e de maneira especial pelo evangelho segundo S. João faz, não só uma defesa de Judas, mas reivindica esta personagem até ao ponto de ser considerado um mártir. Esta atribuição não só teria uma implicação religiosa, mas também social e política. Neste aspeto, um dos pilares do antissemitismo não teria sentido.

Seguidamente, em 1977, encontramos uma das tentativas mais ambiciosas para restaurar esta personagem. Deparamo-nos com o conhecido autor britânico-americano Taylor Caldwell e o seu livro chamado “I, Judas”¹⁷⁸. O romance de Caldwell, inadvertidamente, demonstra a grande dificuldade ou mesmo a impossibilidade de escrever um relato de Judas Iscariotes que não seja apenas convincente aos olhos dos leitores que não estão familiarizados com os evangelhos canónicos, mas será plausível para aqueles que estão. Este livro é apresentado como um diário escrito pelo homem a quem a tradição cristã, desde o início, considerou como o grande traidor. Um fanático que anseia por judeus e a independência do Império Romano, anseia por um messias que vai galvanizar uma campanha militar para expulsar os ocupantes da sua pátria. Aos 29 anos, este filho de um fariseu moderadamente rico em Jerusalém foi pago pelos líderes do Sinédrio para investigar João Batista, que representará uma ameaça para o seu confortável, colaboracionista acordo com Pôncio Pilatos. Enquanto realizava esta tarefa, Judas testemunha o batismo de Jesus, a quem ele passa a considerar como o ideal para liderar a tão esperada revolta. Judas é chamado a tornar-se um dos Doze e segue fielmente o Mestre. Só gradualmente ele aceita a natureza apolítica do reino de Deus que Jesus proclama. No entanto, ele nunca abandona completamente o seu sonho de libertação nacional de Roma. Após a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, os covardes sumos sacerdotes Caifás e Anás, que juntamente com outros saduceus colaboracionistas consideram isso uma ameaça à estabilidade pública e temem uma repressão romana caso ocorresse um levantamento popular de qualquer tipo, pressionam Judas para ajudar a trazer Jesus para o julgamento. Ele relutantemente coopera depois de ter certeza de que o Mestre não sofreria grandes danos, e acredita que trazer assuntos para tal cabeça contribuiriam de alguma forma para o movimento, que ele ainda acredita que se tornará uma realidade. Depois de perceber que foi explorado e que Jesus seria executado, Judas comete suicídio enquanto continua a professar a sua inocência quase total. No anterior, Caldwell ressalta a falibilidade moral de seu protagonista.

¹⁷⁷ Cf. Walter Jens, *Der fall Judas*, 123.

¹⁷⁸ Cf. Taylor Caldwell, *Yo, Judas: La verdadera historia de Judas Iscariote contada por él mismo*, (Madrid: Maeva Ediciones, 2007).

Finalmente, considerando os anteriores livros e textos, vemos que estes, têm superado a interpretação centrada no egoísmo e na traição de Judas por novas interpretações dando assim novas características, até ao ponto de poder considerar o apóstolo como um mártir não só do seu tempo, mas como uma figura que tem sido martirizada durante 2000 anos de história.

1.3 Borges e as “Três Versões de Judas”

Embora o século XX estivesse carregado por grandes obras literária à volta da figura, de Judas, é de destacar a obra do escritor argentino, Jorge Luís Borges¹⁷⁹. Como grande leitor, Borges torna-se autor através das suas leituras, entre as quais estão a Bíblia. No escritor argentino, encontramos uma releitura e busca pelos diversos sentidos dispersos pelos múltiplos textos - esse traço borgeano carrega consigo uma reinterpretação¹⁸⁰. A esta luz, podemos dizer que as “Três Versões de Judas” são uma reinterpretação e expansão do texto bíblico. Aqui também se deve notar que as estratégias narrativas realizadas na história partem das questões dos gnósticos, cuja compreensão e interpretação da Bíblia são marcadas como heréticas. Não podemos prescindir do fato de que Borges seguiu o caminho do gnosticismo, intrigado com as diferentes versões da mesma doutrina, que ao mesmo tempo se refutam e dela se isolam¹⁸¹. Foi assim que Borges pôde ver um traidor bíblico pela primeira vez como uma filigrana essencial na história do messias: ele via-o como o único discípulo que entendia o dogma e a natureza de seu Mestre, ajudando-o a descobrir a sua própria natureza.

Assim, a narrativa borgeana mostra-se como um campo cujos caminhos divergem, tendo como base a pluralidade gnóstica - um mundo rico em alternativas que influenciam a nossa visão do mundo. Esta reivindicação do gnosticismo nos tempos contemporâneos implica algo mais fascinante - a reivindicação de Judas Iscariotes. No entanto, Borges amplia e remodela as interpretações gnósticas, acrescentando mais duas versões a essa identidade do apóstolo. Como um herege gnóstico, ele confunde as linhas de demarcação que separam os antagonistas, conseguindo assim uma relativização das oposições. A este traço encontra-se ligado um idealismo borgeano, retirado de Schopenhauer, que observa o mundo no seu caráter alucinatorio.¹⁸²

¹⁷⁹ Cf. Lucas Adur, «Un Dios Despedazado y Disperso Imágenes de Jesús En La Obra de Borges.» *Lexis. Revista de Lingüística y Literatura* 42, no. 2 (July 1, 2018): 328.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=dc3fdd33-941f-3c8a-8101-9de63c358784>.

¹⁸⁰ Cf. Ana María Barreneche, «Borges y los Símbolos», *Revista Iberoamericana*: Vol. XLIII, Núm. 100-101, (Julio-Diciembre 1977): 24.

¹⁸¹ Cf. Pablo Díaz, «Los Hilos de la Trama Oscura: La Diversidad Teológica en La Poesía de Borges», *Epos Issue* 29 (2013) 228; <https://discovery.ebsco.com/c/ljojij/pdf/lnciupdgb>

¹⁸² Cf. Pablo Díaz, «Los Hilos de la Trama Oscura: La Diversidad Teológica en La Poesía de Borges» 233.

No fundo do texto da história “Três versões de Judas” está o texto bíblico, que funciona como um palimpsesto, deixando vestígios tanto na obra de Borges, como na obra de Runeberg. Esse texto, ou seja, a narração, podemos agora considerá-lo como uma obra ficcional cuja doutrina se revela por meio de um discurso autoritário e manipulador, sublinhando uma única forma de conhecimento. O discurso nunca é inocente e independente, como aponta Foucault, investigando-o como forma de poder. Ao relacionar essa atitude com a poética da Bíblia, comprova-se que a narrativa bíblica pertence a um narrador onisciente que, com sua retórica persuasiva e numa perspectiva unificadora, privilegia certos saberes, firmados em conceitos e oposições tradicionais, deixando os demais de lado. Essas oposições conceituais tornam-se o fundamento de uma Episteme exclusiva, que mantém as distâncias entre, por um lado, conceitos aceites e, portanto, privilegiados, e por outro lado, conceitos marginalizados e marcados.

No entanto, Borges joga com as antigas oposições e os antagonistas (Judas e Cristo), e modifica a sua relação por meio de alternâncias e trocas entre identidades e diferenças. O jogo entre as ideias cristãs do messias e do traidor leva à reivindicação do traidor como um ser sacrificado e marginalizado. Pablo Díaz considera que Borges na sua narrativa de fantasia tece o mundo ficcional em torno de personagens marginais que: “seguem o rasto de uma obra ou de uma personagem mais luminosa como sombras”, acrescentando que assim se define uma ética da subordinação.¹⁸³ O que Borges nos mostra como uma sombra de Jesus e Deus é justamente o seu parceiro historicamente posicionado como seu oposto - Judas Iscariotes, que como personagem estereotipado no conhecimento humano se encaixa na ética da subordinação de Borges. No entanto, ao lançar luz sobre a narrativa fantasiosa, a sombra da personagem marginalizada, escolhido por Borges, diminui até desaparecer no final da história. No entanto, o espanto do fantástico surge, não só do investimento do traidor no herói, mas da ideia de identidade: Deus era Judas. Desta forma, Borges consegue harmonizar os privilegiados e os marginalizados, em termos pós-modernos, do investimento e do quiasmo, que se escondem nessa estrutura antinómica. Além disso, Borges inicia o jogo da reforma a partir dos limites do conhecimento - o jogo que tende a expandi-los e rompê-los.¹⁸⁴

A harmonização e igualdade entre os conceitos opostos e antinómicos pode ser entendida como a intenção com que Borges toma o casal antagónico da história bíblica, entendendo-a como mais uma ficção e a partir dela escrever a sua metaficção historiográfica. Portanto, vamos olhar para as suas personagens como conceitos de personagem.¹⁸⁵

¹⁸³ Cf. Ana María Barreneche, «Borges y los Símbolos» 26.

¹⁸⁴ Cf. Pablo Díaz, «Los Hilos de la Trama Oscura: La Diversidad Teológica en La Poesía de Borges» 234.

¹⁸⁵ Cf. Pablo Díaz, «Los Hilos de la Trama Oscura: La Diversidad Teológica en La Poesía de Borges» 237.

Devemos enfatizar que a obra de Borges compreende uma metáfora narrativa de luta entre adversários, cujas diferenças acabam por ser aniquiladas. Esse recurso narrativo serve a Borges para: "inferir a existência de fatos silenciosos ou esquecidos", pois sob a forma da luta aparece com frequência a forma do sacrifício ritual. Poderíamos dizer que este é o caso de Judas Iscariotes na historiografia borgeana, cuja inclusão no eterno antagonismo com Cristo faz parte do nosso conhecimento básico. Essa "luta" que esconde um sacrifício sob uma traição incentiva uma releitura do texto do Novo Testamento da mesma forma que Borges o fez.

Nesse caminho também começamos a pensar numa relação recíproca entre o traidor e o messias, uma vez que a posição do messias se mostra condicionada pelo ato da traição. É assim que Judas e Cristo se relacionam de antípodas interdependentes, pois: "O heroísmo do herói precisa de traidores da infâmia"¹⁸⁶.

1.4 Século XXI o repensar de Judas

As publicações sobre a personagem de Judas Iscariotes são numerosas e são objeto de uma imensa literatura, dividida em vários gêneros e ao longo de vários séculos. Isso confirma o interesse que a historiografia tem dado a essa figura bíblica antiga e enigmática, ora considerada como símbolo da traição, ora como emblema da fidelidade absoluta. Como já reparámos anteriormente, durante o curso do século anterior, autores de vários gêneros tentaram limpar o nome de Judas Iscariotes ou, em alternativa, tentaram explicar por que razão ele traiu Jesus Cristo. Nesta sequência a produção literária à volta desta personagem tem estado em crescendo nos últimos anos. Para além da curiosidade dos diferentes escritores, a isso levou o texto gnóstico e apócrifo descoberto no Egito e publicado em 2006, "L'Evangile de Judas"¹⁸⁷. No entanto, embora as publicações sejam abundantes sobre esta personagem, encontramos muito poucas teses literárias sobre esta questão.

Em 2007, o autor CK Stead, tendo presente o Evangelho de Judas, publica "My Name Was Judas"¹⁸⁸, um romance em que Judas, um octogenário, narra a sua amizade com Jesus desde a infância, quando compartilharam o mesmo Mestre, até à morte deste. O romance elegante e tranquilo foi escrito na voz de Idas de Sidon, que há muito mudou o seu nome, por conveniência, de Judas. Já velho, querido pela família e pelos amigos, ele lembra-se de uma aventura juvenil com o seu amigo de infância, Jesus da Galileia. Na versão de Stead, não havia beijo, nem prata, apenas ceticismo crescente. Judas não se enforca ou vive numa agonia de culpa, torna-se um cidadão respeitado no Egito. Tendo livrado a sua "consciência de deuses,

¹⁸⁶ Cf. Ana María Barreneche, «Borges y los Símbolos» 28.

¹⁸⁷ Cf. Kasser, *El Evangelio de Judas*, (Barcelona: RBA, 2006)

¹⁸⁸ Cf. Stead, C.K., *My Name Was Judas*, (Hardcover: Harvill Secker 2006)

fantasmas e demónios" sem dificuldade, ele prefere estudar o horizonte e os céus apenas com a razão, num esforço para compreender a natureza do mundo. Nesse conceito ousado, Judas empirista profundamente imperturbável aceita que o mundo o perceberá incorretamente com um encolher de ombros gracioso.

Stead escreve uma prosa fria e razoável, um tom monótono e amável que corresponde precisamente à quase estranha falta de culpa do homem que vemos como mais cheio de culpa. Não bíblico, mas quieto, lógico, às vezes ao ponto da monotonia, ele só chama a atenção para si mesmo quando entra no idioma moderno.

Para percebermos melhor o livro de Stead é de vital importância, situarmo-nos no seu contexto. Stead, um neozelandês de quinta geração, é, por definição, um escritor pós-colonial, e quase tudo o que é escrito por ele se relaciona, de uma forma ou de outra, com os conceitos da pós-colonialidade¹⁸⁹. Neste sentido, o escritor neozelandês reconhece como a literatura bíblica e religiosa tem influenciado fortemente a sociedade e de maneira especial esta nova sociedade na Nova-Zelândia. Neste contexto, o autor, procura ir mais além do texto bíblico e no seu processo de desenraizamento social e cultural com o país do pacífico, Stead encontra na personagem de Judas uma grande riqueza literária na qual consegue ver uma personagem para além daquilo que normalmente é visto.¹⁹⁰

Nesta sequência, no seu livro, coloca Judas e Jesus juntos. De facto, estes foram educados juntos, o primeiro filho de um rico comerciante e o segundo filho de um carpinteiro. Jesus era um aluno brilhante, inteligente e carismático, mas com uma mãe preocupantemente maníaca e adorável que ele achava embaraçosa. Judas observa o seu amigo, impressionante, mas não adorável, tornar-se cada vez mais fervoroso na sua religião, enquanto a crença morna de Judas num "Pai Celestial vago, flexível e inclusivo" fica cada vez mais fria. Jesus torna-se um dos muitos pregadores itinerantes que vagam por aquela parte do mundo. Eles seguem os seus próprios caminhos até que a adorada esposa de Judas morre no parto, e na tristeza ele aceita o convite de Jesus para se juntar a ele na estrada.

Judas segue o desejo de uma velha amizade, mas tem pouco respeito pelos seus companheiros discípulos, alguns dos quais o autor considera que eram estúpidos, até ao ponto de ser comparados com tijolos. Jesus substituiu a antiga observação perspicaz dos outros por uma tolerância fixa, e o cerebral Judas, perdendo a vantagem discriminatória do seu amigo, não está convencido de que a sua falta de julgamento seja uma coisa boa. Judas vê os milagres como metáforas: os pães e os peixes referem-se a uma reunião onde a multidão trazia comida para

¹⁸⁹ Cf. Black Sheep Kimber, « Rehabilitated: The World According to Judas and C. K. Stead», *British Review of New Zealand Studies*, [s. l.], v. 16 (2007): 34.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=81956f25-530b-3151-9175-eebdeb2cbf5d>.

¹⁹⁰ Cf. Black Sheep Kimber, « Rehabilitated: The World According to Judas and C. K. Stead», 36.

alimentar todos, expressão da generosidade que resulta de ouvir a exortação de Jesus para que se amem. Ele acha as parábolas ofuscantes, sem ser inteligente ou necessário. Neste sentido, Judas é crítico perante as parábolas utilizadas por Jesus. Já que não comunicam nada e pelo contrário acabam por criar confusão na comunicação, de facto seria mais fácil dizer aquilo que quer dizer. Mas esta crítica de Judas não é única, também questiona e desaprova outros factos, como o caro óleo derramado sobre os pés de Jesus por Maria Madalena e sugere que pode ter sido vendido para melhorar a vida dos necessitados. Ele não se impressiona com a leveza da resposta de Jesus de que «os pobres sempre tendes convosco; mas a mim, nem sempre». Os outros discípulos percebem a sua distância do fervor do culto e desconfiam dele. Ele observa Jesus passar de um bom senso caridoso a uma crença cada vez mais febril na sua missão messiânica.

Nesta sequência, a prisão e a morte de Jesus, a qual Judas observa à distância, têm uma terrível inevitabilidade que ele tende a pensar que foi feito pelo homem para se adequar às profecias, ao invés da obra de qualquer deus. E enquanto vagam pelo Oriente Próximo contando a história de Cristo, os discípulos encontram uma maneira útil de punir Judas pelo seu ceticismo. E assim Judas acaba por se tornar no culpado e responsável pela morte de Jesus.

Neste sentido, no livro *My Name Was*, a personagem de Judas é uma tentativa séria e amplamente bem-sucedida de raciocinar a irracionalidade da história de Cristo. Stead mantém um olhar totalmente oposto ao transcendental, mas talvez até ateus convictos ocasionalmente se perguntam se na sua racionalidade quotidiana, eles não estão a perder um pouco a diversão da especulação. Nesta sequência, pode dizer-se que muito do trabalho de Stead como poeta diz respeito à sua própria noção de identidade e ao que significa ser um neozelandês e um cidadão pós-colonial. A sua voz sempre foi cética, com uma sensação ocasional de desconexão e separação. O lugar que escolhe para Judas, no final do romance, é o deslocamento, vivendo os seus últimos dias numa comunidade grega, e para Stead, 'deslocado' na distante Nova Zelândia, talvez revelando a seu próprio sensação de desconexão com o mundo além do Pacífico¹⁹¹.

A seguir, no ano 2014, encontramos o romance, *Judas*, de Amos Oz¹⁹². Neste, o escritor israelita aborda a história dessa personagem bíblica que, segundo os Evangelhos, “traiu” o seu Mestre, mas que pode ser visto de outra forma, entre outras, como instrumento de Deus para realizar o seu plano. A trama do livro passa-se na cidade de Jerusalém, uma cidade sombria e chuvosa no final dos anos 50 (1959). É no espaço fechado de uma casa de pedra que se tece a narrativa deste romance; o livro apresenta várias questões importantes dentro do mundo judaico da época. Entre outros, aborda os tópicos religiosos e políticos, incluindo a conformação do

¹⁹¹ Cf. Black Sheep Kimber. «Rehabilitated: The World According to Judas and C. K. Stead», 40.

¹⁹² Cf. Amos Oz, *Judas*, Traducción de Raquel García Lozano, (Madrid: Pinguin Random House Editorial, 2019).

Estado de Israel. Neste livro Amos Oz aborda temas tão profundos a nível existencial, a partir desta personagem bíblica, que nesse aspeto, mais do que ser visto pelo lado subversivo convida o leitor a fazer uma reflexão profunda, não ficar no exterior, mas ver para além do superficial, para além daquilo que podemos considerar como factos verídicos. Nesse sentido, o escritor interpela o leitor a partir de uma personagem que tem sido difamada e caluniada durante o percurso da história, sem lhe ter dado a possibilidade de ser analisado, avaliado ou questionado.

2. *Judas em Amos Oz*

No livro “*Judas*” podemos identificar uma veia autobiográfica do escritor israelita, frequente em vários dos seus livros, no entanto, neste parece estar ainda mais presente, ainda que indiretamente, na personagem principal, Shmuel Ash, refletindo, de certa forma, a persistente tristeza que o atormentou ao longo da vida, pelo suicídio de sua mãe quando ele era criança. Mas não é apenas esse reflexo da sua própria vida, mas também o facto de ser considerado pelo seu povo como um traidor por pensar que é possível viver em paz entre dois povos, o povo de Israel e da Palestina. No entanto, os títulos adquiridos durante o percurso da sua vida não param apesar da sua morte, a sua memória ainda continua a causar provocações e controvérsias, não só pelos seus conterrâneos, mas também pela sua família. De facto no início do ano 2021 houve um escândalo que foi capa de diversos jornais. Amos Oz um pai déspota e castigador, o homem que fala da paz e da reconciliação foi acusado pela sua filha de não ter sido um pai exemplar. Esta notícia acabou por colocar em rivalidade uma família, por um lado uma filha que acusa o seu pai e por outro dois filhos e uma esposa que defendem a figura do escritor¹⁹³. Tudo isto é um claro exemplo daquilo que pode causar e provocar uma obra que sempre foi considerada candidata ao prémio Nobel de literatura¹⁹⁴. Amos Oz é um escritor que causa nos seus leitores e familiares diferentes impressões.

Judas é o vigésimo livro de ficção de Amós Oz. Como o título indica, o livro quer pôr à discussão a figura do traidor, que, no romance, aparece com várias fisionomias. Quem são esses traidores? Todo o grande romance tem um subtexto mais ou menos aparente. Em *Judas*, Amos Oz tem a possibilidade de apresentar um autêntico romance teológico, cuja história central é na verdade apenas o pretexto para uma segunda história, que pretende ser subjacente

¹⁹³ Viuda e hijos de Amos Oz salen en su defensa, tras acusaciones de maltrato, disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/cultura/viuda-e-hijos-de-amos-oz-salen-en-su-defensa>
Acesso em: 10 sep 2020

¹⁹⁴ Cf. Randy Rosenthal, «Searching for Amos Oz in Jerusalem: The Acclaimed Novelist, Who Died in 2018, Translated Israeli Reality», *American Scholar* 89, no. 2 (April 1, 2020): 103.
<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=d58900b2-2963-37ef-b64f-b43cec2e7e55>.

e ser a sua pedra angular. De facto, *Judas* é um romance, no qual a trama e as personagens servem como pretexto e veículo para o autor transmitir determinadas ideias sobre a política e a sociedade israelita. No seu livro o escritor apresenta a história do homem que supostamente beijou e traiu Jesus e questiona até mesmo a criação do Estado de Israel. Com um golpe de caneta e sem excessos literários, Oz questiona a história do Cristianismo e do seu povo. Dito assim, *Judas* pode parecer um livro subversivo, mas na realidade não o é assim tanto. Pelo contrário, é um convite sereno à reflexão.

Em *Judas*, o escritor israelita, através da boca do protagonista do seu romance, um estudante em luta com a tese de doutoramento sobre "Jesus na visão dos Judeus" leva-o a questionar o papel seminal de Judas na História do Cristianismo. Neste sentido, o protagonista vê-se obrigado a estudar e a explicar como foi Judas e percebe que, ao contrário dos outros discípulos, Judas, era educado (por isso era o tesoureiro do pequeno grupo) e pertencia a uma família rica. Nesta sequência, não teria necessidade de trair o Mestre por dinheiro, tendo em vista que trinta denários não era nada de extraordinário. Além do anterior, o protagonista considera que a cena do beijo não faria sentido, já que Jesus era bem conhecido pelos guardas romanos, bem como pelos membros do Santuário, tendo pregado publicamente, mesmo no templo, e sendo assim bem conhecido pela sua aparência. Não era preciso que alguém indicasse aos guardas quem era Jesus. Estas duas premissas utilizadas por Amos, certamente causam um grande assombro e interpelam o leitor. O conhecimento do texto bíblico faz com que o texto do escritor israelita possa parecer bastante convincente, mas a intenção do autor não radica em convencer o leitor, pelo contrário, procura despertar a sua curiosidade e reflexão, a partir destes dois elementos que podem levar o leitor a discernir e a pensar por si. De facto, a história que apresenta Amos Oz, não revela em si uma grande novidade. Como temos visto, a figura de Judas foi explorada muitas vezes ao longo de 2.000 anos. À volta dele, elaboraram-se e surgiram diversas teorias. No entanto, a imagem de Judas como traidor foi aquela que perdurou pelo tempo. A partir desta palavra muitas vezes utilizada, mas nem sempre aprofundada, Oz, implicitamente interpela-nos: os traidores são sempre maus?

Judas combina uma exploração da motivação do apóstolo renegado e aquilo a que ele chama uma história de erro, desejo de amor não correspondido. O Judas que se forma é um espião, enviado pelas autoridades judaicas, para se infiltrar no círculo íntimo de Jesus, um pregador na distante Galileia que atraiu seguidores entusiastas com os seus milagres e a sua releitura do que significa seguir a Deus. Mas Judas tornou-se o crente mais fervoroso na divindade de Jesus. Neste sentido, Amos revela um Judas que acreditava firmemente na divindade do seu Mestre, o que o levou a traí-lo, porque aos seus olhos, sua traição deveria finalmente trazer uma prova irrefutável da sua divindade e, portanto, a salvação dos judeus e a

salvação do mundo. É por isto que Judas incentiva Jesus a levar a sua mensagem a Jerusalém, e é Judas quem pressiona o sumo sacerdote a crucificar Jesus, acreditando que ele ressuscitará dos mortos na cruz. Quando Jesus não o faz, Judas reconhece-se potencialmente como o “primeiro e o último cristão” e, em desespero, tira a própria vida enforcando-se numa árvore.

Neste sentido, a traição de Judas foi por uma boa causa. De facto, esta não é uma ideia nova. Já no século 14, Vicente Ferrer, um célebre pregador dominicano próximo do papado, referia que, se Jesus era realmente o filho de Deus, veio à Terra para redimir a humanidade, então a sua traição tinha que fazer parte do plano de Deus. Judas estava, portanto, a agir segundo Deus, e não segundo o diabo.¹⁹⁵

2.1 Estrutura e contexto literário

Com o seu último romance, Amos Oz dá um passo à frente e posiciona-se em relação a outros escritores judeus, colocando no centro do seu livro as relações judaico-cristãs. Nesta obra, mostrando um conhecimento preciso de referências e fontes, Oz oferece ao leitor a chance de explorar a atitude de autores e pensadores judeus em relação ao cristianismo ao longo dos tempos. Neste sentido, é de reconhecer os profundos conhecimentos do escritor israelita em religião. A partir das suas personagens, oferece ao leitor a possibilidade de conhecer mais sobre o judaísmo, os judeus, sua história e ao mesmo tempo o cristianismo. Nela encontramos uma abordagem religiosa, mas também política, de uma forma especial existencial, abordando como tema central as escolhas humanas.

a. Personagens

Num dos becos da Cidade Santa vive Shmuel Eish, o protagonista da história que é construída em torno de três personagens: Shmuel, um jovem universitário lânguido e culto; um velho culto, e a sua nora, uma viúva. Ali, numa casa de pedra é onde se discutem as grandes questões religiosas e políticas.

O elo entre as personagens é claramente o jovem e sensível Shmue, um jovem idealista que acredita ser possível mudar o mundo, e que tem cartazes dos irmãos Castro e Che Guevara na parede do seu quarto¹⁹⁶. Shmue vive uma fase crítica da vida: a sua namorada deixou-o, para se casar com um ex, e o fracasso financeiro da família obriga-o a interromper os seus estudos universitários e tese de doutoramento sobre o tema "Jesus visto pelos judeus". Além

¹⁹⁵ Cf. Marie-Laura Delorme, «Judas Amos Oz Sylvie Cohen» *Revue des Deux Mondes*, (2016): 230. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=cc7baa35-3cde-3a6f-936e-9c623b0f580d>.

¹⁹⁶ Cf. Amos Oz, *Judas*, 33.

disso encajado num beco sem saída. Shmue decidiu deixar Jerusalém quando, por acaso, se deparou com uma oferta de emprego singular: manter a companhia cinco horas por dia a um idoso, deficiente, mas de grande cultura, em troca de comida, casa e um salário modesto. O jovem aceita e, assim, entra numa casa envolta em mistério. O velho é Guershom Wald, um homem desiludido, mas não cínico, um ex-professor, um amante da conversa. Compartilhando a casa sombria, carregada de história não dita, está Atalia Abravanel, uma mulher sensual e misteriosa na casa dos 40 anos, que parece ser a nora de Wald. Ela, vive como uma sombra que emana dos seus longos silêncios, já que, ao contrário dos idosos, ela gosta pouco de falar e até mesmo de ouvir falar. Uma câmara dolorosa e apaixonada apodera-se das três personagens e, claro, de Shmuel e Atalia, conhecida pela sua frieza, que o romance não nega. Neste livro, Shmuel apaixona-se por ela tornando-se um conto de amadurecimento; Wald, entretanto, incentiva o seu jovem ajudante a retomar os seus estudos sobre as visões judaicas sobre Jesus. Isso leva-o com bastante naturalidade a uma exploração do caráter de Judas. Neste sentido, a história secundária passa por cima do romance, uma história que é de fato o objeto de estudo de Shmuel. É sobre o amor de Judas por Jesus, que termina em duas mortes, uma programada, é preciso acreditar, a outra sendo apenas a sua consequência.

Neste romance, a releitura de Judas por Oz é feita a partir de uma personagem, o pai falecido de Atalia, Shealtiel Abravanel, o qual é revelado lentamente a Shmuel. Assim, esta personagem, já morto parece no livro ter vida, na medida em que as suas ideias permanecem presentes na vida e nos diálogos dos protagonistas. Ele foi o único membro do comité executivo sionista a opor-se a David Ben-Gurion (de quem ele suspeitava ter um complexo messiânico) durante a fundação do estado de Israel em 1948¹⁹⁷. Abravanel desenvolveu laços estreitos com a população árabe local e defendeu, em vez disso, que judeus e árabes deveriam viver lado a lado como iguais num país sob controle internacional. Os seus colegas rejeitaram as suas opiniões, suspeitaram que ele tivesse conspirado com os seus inimigos, forçaram a sua renúncia e rotularam-no de traidor. Abravanel viveu a sua vida como um Judas, um traidor, trancado na casa sombria. No entanto, Oz sugere, sem nunca o dizer exatamente, que ele pode ter tido razão no seu pensamento. Políticos como Churchill ou mesmo Lincoln, cujas opiniões desafiantes e impopulares levaram-nos, às vezes, a serem rotulados de traidores. O seu amor pelo seu país não foi correspondido, e nesse aspeto Abravanel morreu como profeta sem honra na sua própria terra.

Shmuel Ash, devido a todas as vicissitudes, sem dúvida concorda com a tese aqui apresentada por Amos Oz, quando Judas, em desespero, se suicidou: “Assim morreu o primeiro

¹⁹⁷ Cf. Oliveira, Maria Clara Castellões, «Amós Oz e "Fima": política e literatura (s)e(m) ressentimento,» *Aletria - Belo Horizonte*, Vol. 23 (2013):175.

cristão, conclui Shmuel noseu bloco de notas. O único”¹⁹⁸. Ao longo do seu livro, Amos Oz desenvolve a ideia de que uma das três personagens deste trio, ou mesmo todos os três, se traem ou traem um ao outro de alguma forma. Ele vai longe, quando confidencia “às vezes o traidor é aquele que está à frente do seu tempo”¹⁹⁹.

b. Espaço geográfico

Existem no livro elementos muito importantes os quais ajudam o leitor a localizar-se no contexto e no momento histórico no qual se desenvolve o romance. Amos Oz, contextualiza o seu livro no inverno de 1959-1960. O centro é Jerusalém, a cidade natal de Oz, mas também o lugar onde o conflito do Oriente Médio pode ser sentido em cada esquina. De igual forma, percebe-se aquela Jerusalém um tanto sombria, mas acolhedora, aquela quotidiana Israel, pobre, cheia de gente um tanto ímpia vinda dos mais diversos países, com diferentes línguas, trajes, costumes e culinária. A história do povo judeu também é revelada. E tudo com uma linguagem bonita, sem adjetivos desnecessários, sem babados, onde se descrevem os becos, as árvores (simbolicamente, a figueira e sua sombra), a chuva, as montanhas, a lua.

Neste romance, o escritor israelita, apresenta uma história entre personagens imaginárias e reais. Nesse aspeto constrói uma estreita linha entre a ficção e a realidade. Neste sentido, é muito cativante, ver como o escritor aborda personagens históricas tanto para Israel, como para a humanidade. Assim, encontramos David Ben Gurion (1886-1973) que foi Primeiro Ministro (em dois mandatos) desde a fundação do Estado de Israel²⁰⁰. Amos no meio dos diálogos das personagens do seu livro vai abordar esta personagem; nestes diálogos o escritor não fica pelo aparente, oferece uma visão diferente, suscitando no leitor um contínuo apelo à interpelação da realidade; nesta perspetiva, para dar maior apelo e argumentar a oposição do autor, surge uma personagem, não histórica, Abravanel, que apesar de estar morto, as suas ideias ainda continuam presentes; A sociedade é uma pequena casa. Assim, este romance acontece numa frágil linha que se cruza entre a ficção e a historiografia, uma ficção que não procura mudar a historiografia pelo contrário, com a sua liberdade procura interpelar e levar a perceber melhor o seu passado.

As figuras históricas geralmente são mais bem vistas através dos olhos de quem está ao lado delas. Não é sem razão que os biógrafos procuram material de fonte primária; a verdade do contemporâneo torna-se a verdade de todos nós. Em *Judas*, Guershom Wald conta a

¹⁹⁸ Cf. Amos Oz, *Judas*, 111.

¹⁹⁹ Cf. Amos Oz, *Judas*, 173.

²⁰⁰ Cf. Oliveira, Maria Clara Castellões. «Amós Oz e "Fima": política e literatura (s)e(m) ressentimento». *Aletria - Belo Horizonte*, Vol. 23 (2013):175.

Shmuel, de 25 anos, a vida de um contemporâneo. Shealtiel Abarbanel foi um dos líderes da “Agência Judaica” antes da fundação do Estado de Israel. A oposição aberta de Abarbanel ao ideal sionista de um estado judeu colocou-o em conflito com o líder da “Agência Judaica”, que realizaria esse ideal em 1948.²⁰¹ Abarbanel tentou convencer Ben Gurion de que ainda era possível, em colaboração com os árabes, expulsar os britânicos e chegar a uma solução de dois estados, desde que Ben Gurion desistisse da ideia de um estado judeu. A visão retrospectiva quase utópica de Abarbanel custou-lhe o lugar na “Agência Judaica”.²⁰²

O nome de Abarbanel remonta à casa onde Guershom Wald e Shmuel trazem memórias, a casa para onde convergem diferentes vozes em conflito. Atalja Abarbanel, filha do já falecido Shealtiel, foi quem mandou chamar Shmuel para cuidar de Guershom à noite e lhe fazer companhia. Atalja é possivelmente ainda mais antissionista do que o seu pai, enquanto Wald favorece explicitamente Ben Gurion. Porquê esses dois opostos numa casa? A resposta está no filho de Guershom, o esposo Atalja, o qual foi morto durante a guerra de 1948.

Assim, surge a pergunta: quem será Ben Gurion aos olhos de um homem que estava completamente do seu lado? Um ideal, uma utopia. A interação entre Guershom e Shmuel separa a visão cega das nuances; é Shmuel quem coloca o idealismo de Guershom numa estrutura mais ampla. Uma estrutura onde há espaço para críticas. Shmuel argumenta que um dos maiores problemas existenciais do Estado de Israel é a vontade de fazer os árabes cederem a longo prazo. A ideia de que eles acabarão rendendo-se, passando de inimigos a camaradas.²⁰³ Shlaim considera Ben Gurion um político pragmático, que sabia muito bem que os árabes não partiriam por conta própria. Nesse sentido, a aproximação apresentada em relação às várias superpotências ocidentais não foi ideológica, mas prática.²⁰⁴ Durante a Segunda Guerra Mundial, Ben Gurion foi capaz de se tornar mais assertivo ao afirmar o direito que os judeus tinham de declarar o seu próprio, negligenciando ainda mais o possível direito dos palestinos. No contexto da perseguição que os judeus tiveram que suportar, a reivindicação de Ben Gurion era logicamente mais forte e urgente.

Ambos os pontos de vista colocam a conversa entre Guershom e Shmuel sob uma luz diferente. Guershom só vê uma figura pública poderosa, embora o pai da sua nora fosse um dos confidentes mais próximos de Ben Gurion. Shmuel e coloca as nuances, mas não vê o pragmatismo e o medo. Essas são ideias lógicas para uma época em que a crítica historiográfica de historiadores como Shlaim ainda não tinha sido discutida. Uma época em que não havia

²⁰¹ Cf. Randy Rosenthal, «Searching for Amos Oz in Jerusalem: The Acclaimed Novelist, Who Died in 2018, Translated Israeli Reality», 105.

²⁰² Cf. Amos Oz, *Judas*, 26.

²⁰³ Cf. Amos Oz, *Judas*, 27.

²⁰⁴ Cf. Shlaim Avi, *The Iron Wall: Israel and the Arab World*, (Londen: Penguin Books, 2000): 105.

assentamentos e a significativa mudança para um sionismo de orientação religiosa ainda não havia ocorrido.

Quando Guershom e Shmuel falam sobre a campanha do Sinai, fica ainda mais evidente que as percepções estão sempre fortemente relacionadas com o tempo. O romance de Oz, 1956 está apenas quatro anos atrás das personagens principais e ainda não foi ofuscado pela Guerra dos Seis Dias de 1967. Como é que os diálogos de Guershom e Shmuel se relacionam com uma seleção de historiografia mais recente? Uma pequena explicação histórica é necessária em primeiro lugar. Em 1956, Ben Gurion, em conjunto com as tropas britânicas e francesas, coordenou a invasão da área do Sinai no Egito.²⁰⁵ O acordo era que as forças israelitas invadiriam o Egito do então presidente árabe Gamar Abdel Nasser (1918-1970), enquanto uma coligação franco-britânica requisitaria o Canal de Suez e declararia um cessar-fogo geral. Na curta guerra que se seguiu, Israel assumiu o controle da Faixa de Gaza e grande parte da desejada área do Sinai. Embora as forças militares se tenham retirado dessas áreas sob pressão da ONU e dos Estados Unidos, o tom foi dado para uma situação relativamente pacífica que duraria onze anos.²⁰⁶

Nas conversas entre Guershom e Shmuel, pouco pode ser visto de uma situação relativamente pacífica. Compreensível também; uma solução para o conflito árabe-israelita de forma alguma surgiu entre 1956 e 1967. Enquanto Guershom expressa claramente a sua simpatia por Ben Gurion no que diz respeito à campanha do Sinai, Shmuel vem com notas críticas. O problema, através do jovem intelectual, está na rejeição de Ben Gurion à política de não identificação de Israel. Ao comprometer-se politicamente com duas potências ocidentais no seu caminho de regresso (Grã-Bretanha e França), o primeiro-ministro levou o seu estado a uma aliança com navios naufragados.²⁰⁷ Dentro desse raciocínio, a colaboração ocidental não é pragmática, mas uma fonte de polarização adicional entre árabes e judeus. Nenhum benefício de retrospectiva para Shmuel, mas um temor bem fundado para o futuro.

Shmuel estava certo. A história de 1967 começou com um movimento de tropas iniciado por Nasser. Guershom só se pode defender aqui por motivos pessoais. "Eu perdi o meu único filho só para adiar o desastre que você acha que é inevitável?" diz o homem após o longo discurso de Shmuel.²⁰⁸ Então há silêncio, mas também há compreensão. Assim, as palavras trocadas por Guershom e Shmuel estão fortemente enraizadas no tempo e nas experiências pessoais dos porta-vozes inspirados. O idealismo de Ben Gurion, compartilhado por Guershom, não pode ser separado do medo de que seu filho possa ter morrido de uma morte sem sentido. O

²⁰⁵ Cf. Shlaim Avi, *The Iron Wall: Israel and the Arab World*, 109.

²⁰⁶ Cf. Shlaim Avi, *The Iron Wall: Israel and the Arab World*, 110.

²⁰⁷ Cf. Shlaim Avi, *The Iron Wall: Israel and the Arab World*, 111.

²⁰⁸ Cf. Amos Oz, *Judas*, 78.

conhecimento dos próprios medos existenciais de Ben Gurion e do seu pragmatismo político parece faltar a Guershom. Shmuel reconhece-o e chama a isso pragmatismo, mas vê-o meramente como uma falha, uma fraqueza que colocará árabes e judeus ainda mais uns contra os outros.

O anterior, não surge por acaso no romance. De facto, para aqueles que sabem da própria posição de Oz em Israel ouvirão ecos do próprio romancista em Abravanel, por ter defendido firmemente, desde 1967, um acordo de dois estados com os palestinos e ter criticado vigorosamente os governos israelitas que se recusam a envolver-se com essa política. Por essa razão foi considerado traidor por alguns dos seus companheiros israelitas. Nesta sequência, surge a questão: acaso Amos é um traidor por considerar o anterior? É neste contexto que a figura de Judas tem uma grande relevância, nesse sentido é válido perguntar se o apóstolo Judas terá sido verdadeiramente um traidor, ou foi, alguém que pensou de forma diferente daqueles que o rodearam?

2.2 Temáticas da obra

Amos Oz confirma-se como um Mestre em traçar uma trama intrigante, cheia de mistérios, alusões, significados que às vezes parecem revelar-se, e depois voltam novamente ao escuro. O autor afirmou que *Judas* pretende refletir sobre o conceito de traição. Traidor é qualquer um que ousa tentar novos caminhos, lançar o seu olhar além dos limites do presente e do convencional, para mudar a realidade dada em virtude de alguma intuição. Foi, na história do povo judeu e do Estado israelita, Abravanel, assim como outras figuras históricas que pagaram por sua coragem e seu impulso inovador ao sofrer a infâmia de serem julgados traidores. A reinterpretação de Oz do conceito de traição é sugestiva: o profeta é o traidor, aquele que vê além, que chama os outros para experimentar novos caminhos, para atualizar suas categorias mentais. Não vendo o que o profeta vê, a sociedade tende a expulsá-lo, humilhá-lo, acusá-lo de traição. Esse significado fascinante torna-se problemático quando o escritor israelita o aplica a Judas, por duas razões fundamentais: a primeira é que Judas não foi forçada por um projeto superior a trair Jesus, mas livremente escolheu fazê-lo; a segunda é que Jesus era de facto o filho de Deus. Esta fé não era uma visão errada e falaciosa de Judas.

a. *Jesus sempre amou a todos?*

Como já foi mencionado anteriormente, a religião ocupa um papel importante no livro, nesta sequência, podemos encontrar como Amos Oz, a partir da personagem principal, Shmuel, explora os argumentos que diversos autores judeus tinham sobre cristianismos; assim, começa

desde os tempos antigos: em Judas, cita passagens do Talmude, Joseph Flávios, o sábio Shimon Ben azai, expõe muitos contos polêmicos que datam da Idade Média, lendas e escritos de diferentes contextos históricos e geográficos. O protagonista refere que a maioria das fontes judaicas menciona Jesus em termos negativos, com foco numa série de clichês dominantes ao longo dos séculos e que “ainda se ouvem em os corredores da universidade”²⁰⁹. Jesus é descrito como um falso profeta, um idólatra devotado à feitiçaria, um filho ilegítimo ou uma personagem subversiva que tentou trazer revoltas na sociedade. Wald, principal interlocutor de Shmuel, recusa-se a ouvir aquilo a que ele chama “contos horríveis”²¹⁰, de acordo com as suas opiniões, esses textos polêmicos circularam em época de perseguições, sempre que os judeus foram submetidos à opressão por cristãos, ou nos momentos em que as autoridades perceberam a religião cristã como um perigo para a sua fé. Ele até compara os terríveis preconceitos contra Jesus às difamações contra os judeus e Judaísmo, referindo-se a eles como “insultos sujos”²¹¹. Tanto Shmuel como Wald concordam que estudiosos judeus que examinaram as questões do cristianismo, focaram a sua atenção em detalhes fúteis, tentando demonstrar que Jesus nasceu do adultério de sua mãe ou contestando a história da sua crucificação. Em vez disso, todos eles falharam em lidar com as questões mais essenciais, o real significado da sua mensagem, isto é, o amor universal “é possível amar a todos?” pergunta Wald:

«É realmente possível que todos, sem exceção, amem a todos e o tempo todo, sem exceção?» Jesus sempre amou a todos? Ele realmente amava os vendilhões às portas do templo? Em vez disso sentiu raiva, saltou por cima das arquibancadas e virou-os de cabeça para baixo furiosamente! ... sim, é assim que se deve discutir com Jesus o Nazareno”²¹².

Shmuel também ficou surpreso ao verificar que a maioria dos judeus persistiu em negar o seu nascimento não natural, a sua morte e milagres, ignorando completamente os significados espirituais e morais dos seus ensinamentos. É por isso que todas as suas polêmicas deveriam ser consideradas sem valor e sem quaisquer fundamentos. Ao contar a Atalia sobre uma discussão entre Ramban e um judeu convertido ao cristianismo, que teve lugar no século XIII, ele diz: “esse raciocínio não me convence porque não está relacionado com a mensagem real, a mensagem de Jesus, a mensagem do universal amor, perdão, bondade e misericórdia”²¹³. Refletindo sobre as diferentes posições que ele explora na sua pesquisa, Shmuel observa que os cristãos parecem esquecer completamente que Jesus foi antes de tudo

²⁰⁹ Cf. Amos Oz, *Judas*, 33.

²¹⁰ Cf. Amos Oz, *Judas*, 45.

²¹¹ Cf. Amos Oz, *Judas*, 83.

²¹² Cf. Amos Oz, *Judas*, 51.

²¹³ Cf. Amos Oz, *Judas*, 51.

um judeu que nunca rejeitou a sua fé. Ele considera-o definitivamente como uma espécie de “reformado Judeu”²¹⁴ que não veio para criar uma nova religião, mas para restaurar os valores autênticos do judaísmo, para libertá-lo de todos os rituais supérfluos, que haviam sido impostos pela classe sacerdotal. Quando questionado sobre a sua visão pessoal, Shmuel relaciona-se com Jesus com palavras muito marcantes: «“eu sou ateu ... não acredito nem por um momento que Jesus era Deus ou o filho de Deus. ainda assim, eu o amo”»²¹⁵.

b. “Eles o chamaram de traidor”

Ao começar a ler a narração do romance de Oz, a primeira pergunta que surge na mente é: por que razão um autor judeu sente a necessidade de voltar a sua atenção para o homem que é considerado o arquétipo do traidor na tradição cristã? é apenas um elemento ficcional ou há algum significado particular?

O encontro de Shmuel com o cristianismo ocorreu quando ele leu pela primeira vez o Novo Testamento aos 15 anos de idade. Desde então, ele ficou particularmente fascinado por aquele que ele considera o mais leal e devoto dos seus discípulos²¹⁶: Judas, o apóstolo, que o mundo cristão tornou como emblema dos judeus e o símbolo de um “traidor” o qual consideram que levou Jesus até à cruz. Surge como assunto interessante que esta personagem nunca é mencionada nas fontes judaicas que tratam do cristianismo. Nesta sequência, surgem perguntas como: por que razão os judeus não disseram uma palavra sobre ele? Porque é que ninguém dedicou a sua atenção ao papel que Judas teve na vida de Jesus? de acordo com a perceção pessoal de Shmuel, a figura de Judas tem sido mal compreendida ao longo dos tempos, e esta tem sido uma das principais causas das relações hostis entre cristãos e judeus tanto no passado como no presente. Ele quer demonstrar que a sua traição foi necessária para o nascimento do cristianismo, de facto, afirma Shmuel: «“sem ele nenhuma crucificação teria acontecido e sem a crucificação o cristianismo nunca teria existido”»²¹⁷. Esta ideia surge no polémico texto, conhecido como “o evangelho de Judas”, que é na verdade, o mesmo título escolhido para a edição original em hebraico do romance de Oz. O evangelho apócrifo relata um diálogo entre Jesus e os seus discípulos, recentemente reconstruída por especialistas, o que evidencia claramente que o apóstolo de Kerioth foi o único que realmente entendeu a mensagem de Jesus; de acordo com este evangelho, a sua traição foi na verdade o resultado do pedido de Jesus,

²¹⁴ Cf. Amos Oz, *Judas*, 83.

²¹⁵ Cf. Amos Oz, *Judas*, 98.

²¹⁶ Cf. Amos Oz, *Judas*, 84.

²¹⁷ Cf. Amos Oz, *Judas*, 63.

porque ele precisava da sua ajuda para cumprir a missão de redimir a humanidade através da sua morte.

Na verdade, os adeptos gnósticos, então condenados pelos padres da igreja, acreditavam que Jesus tinha de ser libertado do seu corpo para revelar a sua natureza divina, embora o escritor israelita não exclua o anterior, Oz está familiarizado com a tradição gnóstica²¹⁸, o seu herói constrói a defesa de Judas traição com “provas mais concretas”. Em primeiro lugar, ele destaca que Judas foi o único apóstolo vindo da Judeia, o único judeu aculturado no meio dos apóstolos. Judas era um saduceu inteligente e sábio, foi escolhido na classe sacerdotal para verificar se Jesus realmente fez milagres e prodígios e teve que ser considerado um perigo para o judaísmo ou simplesmente um dos muitos pregadores da área. Portanto Judas aproximou-se de Jesus fingindo ser um de seus discípulos, mas ficou tão impressionado com o seu ensino, com a sua humildade e empatia para com a humanidade, que acabou tornando-se o seu discípulo mais devoto. Na opinião de Shmuel, ele foi o primeiro a acreditar na natureza divina de Jesus o qual queria que mostrasse os seus prodígios ao resto do mundo; por isso, o apóstolo tentou convencer Jesus a ir a Jerusalém, mas o Mestre estava incerto e com medo; ele sentiu que algo terrível estava para acontecer. Nesse contexto, Judas pensou então em organizar a prisão de Jesus e empurrá-lo para a crucificação corrompendo membros da classe sacerdotal.

Oz dedica um capítulo comovente do seu livro à narração das últimas horas de Jesus e o conseqüente fim de Judas. Shmuel refere que o apóstolo, que vinha de uma família muito rica, não precisava dos trinta dinares que recebeu em troca da “traição”. Quando o apóstolo entregou Jesus aos romanos, tinha a certeza de que o milagre teria de acontecer, este seria descer da cruz e assim mostrar ao mundo que ele era o Messias. No entanto, isto não acontece, no momento da morte de Jesus o apóstolo foi surpreendido pelo pesar e pelo desespero. Então decidiu pendurar-se a si mesmo na mesma figueira que, algum tempo antes, Jesus tinha amaldiçoado porque não havia fruta nela. Shmuel escreve: «“Por que nenhum crente se perguntou como um homem, que vendeu seu Mestre pela miserável quantia de trinta dinares, logo após a morte de Jesus, decide matar-se pela dor?”»²¹⁹ o protagonista destaca que a morte de Judas é outra prova de que ele realmente acreditava no Messias e percebeu sua a morte humana na cruz como uma traição do Mestre para com os seus discípulos. Perante o anterior, Judas escolhe morrer com Jesus, e foi naquele momento, que o apóstolo realmente traiu o seu Mestre, o momento em que pela primeira vez Judas perdeu a fé.²²⁰

²¹⁸ Cf. Saul Kirschbaum, «Amós Oz: De Lealdades e Traições» *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos Da UFMG* 9, no. 17 (January 1, 2015): 300.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=00401483-3537-329f-bf89-67ed724af5c0>.

²¹⁹ Cf. Amos Oz, *Judas*, 174.

²²⁰ Cf. Amos Oz, *Judas*, 174.

Continuando com a leitura, descobre-se que todas as personagens vivenciam a “traição”, que na verdade é o assunto principal do romance. Ao mostrar a outra face de Judas, Oz quer demonstrar que às vezes a traição é necessária para mudar o curso da história. Isto aconteceu a Judas, a Jesus, que foi um traidor dos judeus, e a muitos políticos líderes de nosso tempo. Oz cita entre os outros: Abraham Lincoln, Charles de Gaulle, David Ben Gurion. Eles conseguiram fazer grandes coisas porque tinham a coragem de trair os ideais de seu próprio povo²²¹. O Sr. Wald diz a Shmuel: aquelas pessoas que têm coragem de mudar são sempre consideradas traidoras por aqueles que são incapazes de mudar, aqueles que têm medo, desprezam e não entendem alterar”²²². Nessa frase dita pelo professor, encontramos uma referência a outra personagem misteriosa que ocupa um lugar importante neste romance: Shaltiel Abravanel. Como já foi anteriormente apresentado, ele era um membro do comitê executivo sionista, o único que se opôs à decisão de Ben Gurion de estabelecer o Estado de Israel, um traidor da sua nação. Segundo Wald, Shaltiel era um sonhador, porque gostava de Jesus, ele acreditava no amor universal²²³. Noutra passagem ele afirma: “o mundo é torto e triste, cheio de dores, mas todo homem que vem para resgatá-lo imediatamente realmente causa fluxos de sangue”²²⁴. Ao explorar o tema da traição, Amos Oz examina uma das questões-chave do seu universo criativo: a existência de Israel. Como muitos outros intelectuais israelitas, Oz discute o próprio significado de Estado, a sua fundação e o conflito atual com os palestinos. O romance tem então uma conotação política precisa, como o autor afirmou numa série de entrevistas realizadas após a publicação do livro²²⁵.

c. Talvez tivesse beijado Jesus para lhe fortalecer o ânimo

As ideias de Shmuel Ash sobre Judas são muito provocativas quando comparadas com as de muitos escritores cristãos. A tradição cristã transmitiu a ideia de que Judas é o maior traidor de todos os tempos e que o famoso beijo de Judas é o ato mais desprezível da história. Muitos cristãos acreditam que não há muitas diferenças entre Judas e os judeus. Shmuel Ash desafia essa interpretação, uma interpretação que foi o Chernobyl do antissemitismo por parte do cristianismo e da sociedade²²⁶. E ele desafia-a porque a história da traição de Judas contada pelos evangelistas é ilógica. Assim, ele assume o papel de um detetive amador, não de um

²²¹ Cf. Amos Oz, *Judas*, 173.

²²² Cf. Amos Oz, *Judas*, 174.

²²³ Cf. Amos Oz, *Judas*, 51.

²²⁴ Cf. Amos Oz, *Judas*, 52.

²²⁵ Cf. Hannan Hever, «Betrayal and Revenge in Amos Oz's *Judas*. » *Interventions: The International Journal of Postcolonial Studies* 20, no. 3 (May 1, 2018): 378.

²²⁶ Cf. Saul Kirschbaum, «Amós Oz: De Lealdades e Traições» 301.

teólogo, mas de um investigador, que também é o papel do romancista. Nessa sequência, encontramos como Amos Oz, a partir dos escritos bíblicos, do dito e do não dito, vai encontrar um argumento, a partir do qual oferece uma nova interpretação do beijo, com o anterior, o autor não quer desafiar ou contradizer aquilo que está escrito nos evangelhos, mas sim o contrário, procura oferecer uma nova leitura, a partir da qual define um novo sentido do beijo²²⁷.

Para o protagonista, o beijo não pode ser visto de um ponto de vista negativo, já que este não era necessário, Jesus pregou em Jerusalém, todos o conheciam, para prendê-lo não havia necessidade de um beijo. Esta história para Shmuel não faz sentido. Em vez disso, considera que Judas acredita que Jesus é Deus e, precisamente, por isso ele causa a sua crucificação como cumprimento de sua missão divina, porque Judas acreditava nisso mais do que qualquer outra pessoa. A partir do anterior, o beijo, segundo o autor, é um sinónimo da profunda proximidade entre o discípulo e o Mestre, é símbolo da amizade, e da fé que Judas tem pelo Mestre. Assim, o beijo, segundo o autor, podia ter como intenção transmitir fortaleza e ânimo perante aquilo que estava prestes a acontecer. Apesar de Judas acreditar em Jesus, também reconhece os medos do seu Mestre, e nesse contexto identifica que é importante dar apoio nesse momento que pode marcar a história da humanidade. Este beijo que tem sido interpretado como o maior ato de traição, na verdade não era mais que uma expressão de amizade e de confiança. Tendo presente esta lógica, comenta Shmuel, poderiam ser evitados muitos acontecimentos antissemitas.

3. *Judas em Leonid Andreiev*

Leonid Andreiev, parece ser um autor bastante ambíguo. O trabalho de Andreiev nos tempos soviéticos não era familiar para os leitores. Este escritor era considerado como um homem extraordinário e muito emocional. Como estudante de direito, ele começou a abusar do álcool. Por algum tempo, a única fonte de rendimento de Andreiev foi escrever retratos sob encomenda: ele não era apenas um escritor, era também um artista. Em 1894, Andreiev tentou o suicídio. Um infeliz acidente vascular cerebral levou ao desenvolvimento de doenças cardíacas.²²⁸ A fama como escritor veio à sua mente em 1901. Mas mesmo assim causou sentimentos contraditórios entre leitores e críticos. Leonid Andreiev conheceu com prazer a revolução de 1905, mas logo ficou desiludido com

²²⁷ Cf. Amos Oz, *Judas*, 174.

²²⁸ Cf. Hutchings, Stephen. «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev.» *Modern Language Review* 85, no. 1 (January 1, 1990): 107.
<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=ca49db0e-c89a-392e-96e9-5d44534ff9d7>.

ela.²²⁹ A obra literária “Judas” foi publicada em 1907²³⁰. Claramente o nome de Judas é sinónimo de traição, no entanto, a natureza da sua traição tem-se mostrado difícil de entender, já que, nos relatos bíblicos Judas é como “uma presença ausente”. Embora não seja mencionado em muitos estudos culturais da “tradição”, em 1907 o escritor russo Leonid Andreiev vai apresentar através de Judas, as visões sobre a revolução, a religião e a condição humana, e que a partir daí reflete sobre assuntos existenciais. Leonid era um defensor da liberdade individual, mas discordava das formas violentas usadas pelos anarquistas e bolcheviques para alcançá-la. A sua posição sobre a situação política de seu país e sobre a frustrada Revolução de 1905 é coletada em *O Governador*, uma história que lembra a carnificina do Domingo Sangrento e que é inspirada, para a construção da personagem principal, no governador de Moscovo, grão-duque Sérgio Alexandrovich Romanov, assassinado no mesmo ano da Revolução.²³¹ Andreiev era um liberal convencido e um defensor da abolição da pena de morte, um homem que alegou que era necessário “ganhar com a cabeça e não com as mãos”.²³² Este escritor russo, que olha dentro do homem como através de um buraco de fechadura, que foge do instantâneo fotográfico, mas não da realidade que tem de viver, parece estar interessado em demonstrar o carácter destrutivo do ser humano e o carácter irreversível de cada evento que acontece. “Judas Iscariotes”, de Leonid Nikolayevich Andreiev, é, na opinião de muitos críticos, uma das maiores obras dos clássicos russos.²³³ A história faz o leitor pensar antes de tudo sobre o que é o verdadeiro amor, a verdadeira fé e o medo da morte. É como se o autor se perguntasse o que está escondido atrás da fé, quanto é o amor verdadeiro?

3.1 Estrutura e contexto literário

Judas foi escrito em 1900 e 1907, no auge do movimento anarquista russo. Mas grande parte do trabalho de Leonid Andreiev (1871-1919) situa-se entre a Revolução de 1905 e a Revolução de 1917. Independentemente das datas e das peculiaridades em todas as histórias a se reflete a inquietação de uma era que se caracterizava pela presença da violência. O escritor russo coloca ao serviço das suas personagens, para que eles possam usá-las, duas correntes literárias que compartilhavam espaço e tempo naquela época: expressionismo e simbolismo.

²²⁹ Cf. Hutchings, Stephen. «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev.» 108.

²³⁰ Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos*, (Madrid: Lom ediciones, 2014)

²³¹ Cf. Stephen Hutchings. «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev» 112.

²³² Cf. Stephen Hutchings. «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev.» 113.

²³³ Cf. Rolet Serge. «Qui Est Le Judas De Leonid Andreev?» *Revue Des Études Slaves* 77, no. 4 (January 1, 2006): 599. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=2d9420cb-8ec7-3171-98a3-4f627204adac>.

Certamente *Judas Iscariotes* é um clássico da literatura do século XX. O autor, a partir da história contida na Bíblia, apaga a linha tênue que separa o bem do mal. Nesta narrativa, o medo transforma o bom homem num traidor. Mas *Judas Iscariotes* também adverte sobre o perigo representado para a sociedade pelo homem transformado em massa, homem despojado da sua identidade de livre e espontânea vontade. No seu livro, o autor demonstra que não importa que o ser humano seja bom, a questão é se a pessoa deixa que outro pense por si. Nesse sentido, Andreiev adverte-nos dizendo que não importa que a pessoa seja muito boa, ou que tenha muitas competências, interessa sim o poder que podem ter as outras pessoas nas nossas vidas, e nesse aspeto, as decisões que deixamos que as outras pessoas tomem por nós podem afetar consideravelmente a vida dos indivíduos.

Em *Judas*, como no teatro simbolista, a atmosfera é alcançada com um conjunto que, em vez de cumprir a função tradicional de complemento, assume a representação externa do espírito da obra. Uma das coisas que me chama a atenção é a forma como o autor constrói os espaços que acolhem Jesus, os discípulos submissos e Judas, o único disposto a preservar a sua personalidade, por pior que seja. Andreiev usa os ambientes para gerar estranheza e usa nas suas alegorias três elementos: o clima, as partes em que o dia está dividido e os sons que imaginamos a partir das descrições que ele faz do rumor do vento, do toque das águas, do barulho das pedras, do que range sob os passos, das armas dos soldados, do toque das vozes. Estes elementos ocupam um papel importante conseguindo que o leitor se possa introduzir no contexto em que se desenvolve a história.

3.2 Temáticas da obra

O tema principal do romance "Judas", de Leonid Andreiev, pode ser definido como uma tentativa de entender a psicologia da traição mais conhecida na história da humanidade. O autor interpreta a trama à sua maneira, tenta penetrar nas profundezas da alma humana, tenta entender a natureza das contradições internas de Judas, estudar a sua psicologia e, possivelmente, justificar as suas ações.

A história do Evangelho, no centro da qual está a imagem de Jesus Cristo, é descrita por Andreiev de um ponto de vista diferente, a sua atenção está inteiramente focada num único discípulo, aquele que por trinta pedaços de prata condenou o seu Mestre ao sofrimento da morte. O autor mostra que Judas Iscariotes é muito mais nobre no amor de Cristo do que muitos de seus fiéis discípulos. Ao assumir o pecado da traição, ele supostamente salva a obra de Cristo. Ele aparece diante de nós sinceramente amando Jesus e sofrendo imensamente com o mal-entendido dos seus sentimentos por parte dos outros. A partir da interpretação tradicional da

personalidade de Judas, Andreiev completa o quadro com detalhes e episódios imaginários. Judas Iscariotes divorciou-se da sua esposa e abandonou-a sem meios de sustento, forçando-a a vagar em busca de comida.

O autor leva o leitor a avaliar Judas não do ponto de vista das suas ações, mas de acordo com as experiências e paixões que se enfurecem na alma desse judeu egoísta, enganador e traidor. No livro é dada muita atenção ao aparecimento do traidor, a sua dualidade começa precisamente com o rosto. Um, vivo, tinha um olho afiado e rugas curvas, o outro estava morto, e o olho cego estava apertado com um véu branco. E todo o crânio por alguma razão inexplicável foi dividido em dois, mostrando que nos seus pensamentos não há consenso. O cabelo vermelho deu-lhe uma aparência demoníaca, como se fosse apresentado pelo diabo²³⁴.

O aspeto de Judas foi uma surpresa para os apóstolos, de facto, Pedro, João e Tomé não conseguem entender as razões pelas quais o Filho de Deus aproximou este homem horrível o qual parece a personificação de um vício enganoso, mas não era só o aspeto exterior de Judas, mas também os seus comportamentos. No entanto, Andreiev mostra que Jesus amava este apóstolo, assim como todos aos outros.²³⁵

O escritor russo, além de apresentar Judas, tenta apresentar algumas características dos outros apóstolos. Pedro, o chefe dos apóstolos, estava ocupado pensando no reino do céu enquanto Judas vive no mundo real, e faz uso da mentira para roubar dinheiro. O escritor russo é muito sincero ao mostrar em Judas todas as vantagens e desvantagens humanas.

Apesar do anterior, e das características que pode ter este apóstolo, ele acredita sinceramente em Cristo e, mesmo decidindo traí-lo, espera no seu coração pela justiça de Deus. Ele segue Jesus até à morte e acredita que um milagre acontecerá, mas nenhum milagre acontece, e Cristo morre como uma pessoa normal.

Depois de perceber o que fez, Judas não vê outra saída, a não ser acabar com a sua vida. Com o seu suicídio, ele despede-se de Jesus para sempre, porque percebe que as portas celestiais para ele agora estão fechadas, eternamente. A partir desta personagem, Andreiev tenta despertar no leitor a ideia de consciência humana, procura fazê-lo refletir sobre a psicologia da traição, repensar as suas ações e guias de vida.

²³⁴ Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos*, 25.

²³⁵ Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos*, 35.

a. Jesus chamou-o para o seu lado, dando-lhe um lugar entre os eleitos

Na leitura do texto surge uma pergunta a qual é pensada e feita pelos apóstolos, mas também deve ser pensada pelo leitor, considerando o aspeto de Judas e a sua personalidade; como conseguiu ele ganhar a confiança do Mestre? Jesus Cristo foi avisado muitas vezes que ele era um homem de má fama. Ele foi advertido para ter cuidado. Judas foi condenado não só pelo povo "justo", mas também pelos bandidos. Foi o pior dos piores. Quando os discípulos perguntaram a Judas o que o motivou a fazer coisas terríveis, ele respondeu que cada homem era um pecador. O que ele disse foi em consonância com as palavras de Jesus. Ninguém tem o direito de condenar o outro.²³⁶

Este é o problema filosófico da história "Judas Iscariotes". O autor, é claro, não construiu um herói positivo, mas colocou o traidor em pé de igualdade com os discípulos de Jesus Cristo. Esta ideia colocada por Andreiev não deixa de ressoar no leitor, já que coloca e igualdade a Judas junto com os outros apóstolos.

É de destacar que o livro, contem muitos diálogos, e muitos destes carregados de perguntas, nesse aspeto percebemos como os apóstolos de Jesus fazem várias perguntas a Judas, uma delas sobre a identidade do seu pai. Ele respondeu que não sabia, talvez o diabo, o galo, o bode. Como poderia ele conhecer todos com quem a sua mãe dividia a cama? Esta resposta assim como outras acabavam por abalar ainda mais os apóstolos. Judas ofendeu os seus pais e, portanto, para as pessoas ele estava destinado à perdição.²³⁷

Além do anterior, há um elemento a considerar o qual é uma surpresa para os apóstolos e para o leitor, apesar da condição de Judas, Cristo tem confiança em manter a economia do grupo sob a responsabilidade de Judas. Ele fica com algumas moedas, que os discípulos, logo descobrirão. Mas Jesus não condena esta situação, de facto acontece o contrário, reprova e fica ofendido perante as acusações que fazem sobre Judas. Na noite em que isto acontece, Judas Iscariotes está muito alegre. Mas é a partir deste exemplo, desta situação, que o apóstolo João entendeu o que era o amor ao próximo.

Outra situação que é de destacar refere-se ao momento em que uma multidão ataca Cristo e os seus discípulos. Eles são acusados de roubar uma criança. Mas Judas, perante esta situação, corre para a multidão dizendo que o Mestre não possui um demónio, ele só ama o dinheiro como todo mundo. Jesus deixa a aldeia com raiva. Ele é seguido por seus discípulos, amaldiçoando Judas. Mas a intenção de Judas era salvar o seu Mestre e de facto assim foi.

²³⁶ Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos* 39.

²³⁷ Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos* 40.

b. Quando se ama, não se pergunta o que se deve fazer

O herói do livro Andreiev, um traidor. Judas vendeu Cristo por 30 moedas de prata. É o pior de tudo que já viveu o nosso planeta. Poder-se-ia ter compaixão dele? Claro que não. O escritor oferece uma resposta como se tentasse o leitor.

Mas vale a pena lembrar que a história de Andreiev não é um trabalho teológico. O livro não tem nada a ver com a igreja, a fé. O autor simplesmente sugeriu que os leitores olhassem para uma história bem conhecida de um ponto de vista diferente e desconhecido²³⁸.

Uma pessoa está errada quando acredita que pode determinar com precisão os motivos do outro. No contexto de Judas, que trai Cristo, poderíamos pensar que isso significa que ele é uma pessoa má e pode levar a pensar que ele não acredita no Messias. Por outro lado, poder-se-ia pensar que os apóstolos que confiam em Jesus deixam o seu Mestre à mercê dos romanos e dos fariseus. E eles fazem isso porque acreditam no seu Mestre. Jesus será ressuscitado, eles acreditarão no Salvador. Andreiev ofereceu-se para olhar para o ato de Judas e dos discípulos fiéis de Cristo de forma diferente.

Judas está loucamente apaixonado por Cristo. No entanto, parece-lhe que outros não apreciam Jesus o suficiente. E provoca os judeus: traindo o seu Mestre adorado para testar a força do amor das pessoas por ele. Judas tem uma decepção cruel: os discípulos fugiram e o povo pede para matar Jesus. Mesmo as palavras de Pilatos que não encontraram a culpa de Cristo não foram ouvidas por ninguém. A multidão anseia por sangue.²³⁹

Não é à toa que os apóstolos não arrancaram Cristo das mãos dos guardas, não porque acreditavam nele, mas porque tinham medo - esta era, talvez, a ideia principal da história de Andreiev. Após a execução, Judas dirige-se aos discípulos com reprovações. Parece que nas suas palavras os seus sentimentos de indignação são verdadeiros.

Judas fez uma cruz pesada. Tornou-se um traidor, forçando as pessoas a acordar. Jesus disse que o culpado não pode ser morto. Mas a execução dele não violou este postulado? Na boca de Judas - seu herói - Andreiev coloca as palavras que ele poderia ter desejado dizer a si mesmo. Cristo foi morrer com o consentimento tácito dos seus discípulos?

Ao finalizar o livro Andreiev refere que Judas, no dia seguinte à morte de Jesus, visita aqueles que juraram dar o seu último suspiro por Ele.

«Ao chegar, ele descobre que a dor não os impediu de dormir e comer. Os discípulos de Jesus acusam-no de ser um traidor e pretendem expulsá-lo do abrigo. Mas Iscariotes, com um olhar frio e desdenhoso, foca-se no que negou Jesus três vezes e, assim,

²³⁸ Cf. Rolet Serge. «Qui Est Le Judas De Leonid Andreev?» 605.

²³⁹ Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos* 43.

responde aos insultos: "Por que você não foi? Por que não foi, Pedro? E mesmo se você tivesse ido lá, de que serve sua alma se você não se atreve a jogá-la no fogo quando quiser?»²⁴⁰

Obediência cega, medo de decidir e perder a vida fazem dos bons homens que amavam o seu Mestre desertor do mesmo. Assim, para o autor Judas ama profundamente o seu Mestre, mas este amor leva-o a decidir colocar um ponto final na sua vida, uma vez que não aconteceu aquilo que estava à espera, o seu amor leva-o a decidir por si, sem consentimento dos outros, acreditando que o seu agir era bem-intencionado²⁴¹.

²⁴⁰ Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos* 44.

²⁴¹ Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos* 44.

CAPÍTULO III - CONTRIBUTOS DA LITERATURA PARA UMA HERMENÊUTICA BÍBLICA E TEOLÓGICA, AS QUESTÕES ESQUECIDAS

A literatura como ciência vai ao profundo do ser humano explorar as intimidades da existência das pessoas e, de facto, os mesmos escritores, como é o caso de Amos Oz e Andreiev, conseguem no meio dos seus livros aprofundar nas realidades mais fundas das pessoas, mas mais do que isto, eles nas suas personagens fazem um reconhecimento da sua intimidade. Neste sentido o autor coloca nos personagens parte da sua história, sua vida, sua existência, seus medos e desejos.

Nesta perspectiva, este capítulo procura realizar uma abordagem teológica, na qual vai partir de alguns princípios teológicos até chegar aquilo que é natural e presente nas pessoas. Um processo antropológico no qual a teologia entra a dialogar com a literatura sem perder a sua essência, nem sua tradição ou fundamentos.

1. A Tradição como ponto de reflexão

Perguntar qual é a função da tradição na Teologia leva a uma questão anterior, a qual parte da pergunta: o que é a Tradição? Dar resposta a esta pergunta, oferece uma grande possibilidade a nível reflexivo, já que, nem tudo aquilo que se pode pensar que é Tradição corresponde a essa categoria; nesta sequência, é de identificar que na Tradição não acontece como com a Sagrada Escritura - "alma da teologia" - que está perfeitamente delimitada: é interpretada ao longo da história, mas sempre com referência a um texto. Tampouco acontece como nas artes nas quais o artista tem uma grande liberdade no seu fazer.

No caso da tradição é reconhecido uma variedade de tipos (Divino, Apostólica, Eclesiástica) e uma multiplicidade de testemunhos de autoridade desigual, que não permitem estabelecer uma delimitação material da tradição. Ao mesmo tempo, porém, essa tradição difícil de consertar é normativa para a fé.²⁴² A dificuldade de harmonizar a variedade ou a diversidade, de um lado, e as regulamentações, de outro, tem sido acompanhada ao longo da história por excessos em ambas as direções. Por um lado, temos encontrado interpretações que transformaram a tradição num elemento ideológico, junto com outras que a esvaziaram o seu conteúdo e valor histórico.²⁴³

A partir do referido anteriormente, surgem dois conceitos, história e tradição, os quais para alguns podem ser vistos como sinónimo, de facto entre estes dois termos existe uma grande

²⁴² Cf. Yves, Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*. Traducido por F. Revilla, (Andorra: Casal I Vall, 1964), 234.

²⁴³ Cf. Yves, Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 235.

relação, no entanto, são diferentes; nesse sentido, tentar entender esta relação segundo o teólogo Congar é complexo, já que pelo seu uso frequente na fala popular estas palavras têm ido adquirindo significados que podem causar certa confusão na sua definição, de facto o dicionário por si deixa uma margem considerável na definição da palavra tradição²⁴⁴. No dicionário teológico bíblico de Bauer, encontramos:

- *Transmissão de notícias, composições literárias, doutrinas, ritos, costumes, etc., feita de geração em geração.*
- *Notícia de um evento antigo transmitida.*
- *Doutrina, costumes, etc., preservados em uma cidade por transmissão de pais para filhos.*
- *Elaboração literária, em prosa ou verso, de um acontecimento transmitido oralmente.*
- *Entregue algo a alguém.*
- *Conjunto de textos, conservados ou não, que ao longo do tempo transmitiram determinada obra²⁴⁵*

Uma primeira dimensão da complexidade da tradição diz respeito ao objeto multiforme daquilo que se transmite: notícias de fatos ou acontecimentos, doutrinas, textos literários, ritos, costumes. Uma segunda dimensão refere-se à própria ação envolvida na tradição: transmissão, entrega, preservação, elaboração de textos. Uma terceira dimensão diz respeito aos atores ou agentes dessa tradição, que são sujeitos vivos e já envolvidos em uma relação: membros de uma geração, a relação pais-filhos. Uma quarta dimensão leva em conta as mediações dessa comunicação: oralidade, escrita, de diferentes maneiras, enfim, o encontro. E, por fim, uma quinta dimensão está relacionada ao meio em que essa ação é realizada, a história, que não é mero veículo ou canal asséptico ou indiferente ao que se transmite e a quem o transmite, mas que envolve tanto e condições, uns aos outros.

Outra forma que nos permite pensar a complexidade da articulação entre Tradição e história é dada, desta vez, pela ação pastoral da Igreja e pelo contexto em que se inscreve. Com efeito, em diferentes contextos socioculturais, observa-se uma crise na transmissão ou tradição da fé, nas suas expressões espirituais, celebrativas, dogmáticas, imaginativas, artísticas e normativas, de uma geração para outra²⁴⁶.

Numa primeira abordagem à realidade da Tradição, encontramos a seguinte definição:

«A tradição é uma entrega através da qual o dom do Pai é comunicado a um grande número de homens através do espaço e na sucessão de gerações, de tal forma que uma multidão de indivíduos, separados materialmente pela distância e pelos anos, vivem de a mesma e idêntica. Realidade que é dom do Pai e, antes de mais nada, a verdade salvadora, a Revelação divina realizada em Jesus Cristo. É a comunicação de um tesouro que se mantém idêntico a si mesmo: é uma vitória sobre o tempo e sua expiração, sobre o espaço e se distanciar da distância»²⁴⁷

²⁴⁴ Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 235.

²⁴⁵ Cf. J.B. Bauer, «Judas», em *Diccionario de Teologia Bíblica*, 231.

²⁴⁶ Cf. Yves, Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 236.

²⁴⁷ Yves, Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 238.

Nesta definição são sintetizados todos os elementos que constituem a complexa realidade da Tradição e sua conexão com a história. A partir do referido, destacamos que o processo de tradição consiste em receber e dar, processo de comunicação, aprofundamento e atualização de uma relação entre o Senhor Vivo e os homens e mulheres de todos os tempos e lugares, relação que se torna existencialmente contemporânea deles.

Nesta sequência, identificamos que o que se transmite não é algo fixo, estático, mas alguém vivo, dinâmico. A ponto de ser toda a Tradição qualificada por quem assim é transmitido: é a Tradição viva. Por outro, distancia-se de uma compreensão historicizante e meramente documental da Tradição, segundo a qual o seu verdadeiro conteúdo é aquele a partir do qual podem ser fornecidas peças documentais, verificáveis por meio de procedimentos historiográficos.

Para melhor compreender o alcance do conteúdo da Tradição, é importante distinguir entre o aspeto mais objetivo dela, entendida como a crença comum e unânime da Igreja, considerada não apenas em sua época, mas também ao longo da história; é o modo de ser cristão comum aos fiéis de ontem e de hoje, recebido dos primeiros cristãos e dos apóstolos. Assim, o que foi transmitido não é apenas uma afirmação teórica, nem mesmo uma profissão de fé, mas a própria realidade do Cristianismo, sempre presente, especialmente na Palavra proclamada e acolhida na Igreja e nos Sacramentos. Por outro lado, o sentido subjetivo corresponde à forma como a dita realidade presente é recebida pelas testemunhas.

Essa articulação entre o conteúdo da tradição e os sujeitos é possível porque a tradição também diz respeito ao processo de "transmissão vital do Cristianismo" e, assim, "é possuída e tida em sua totalidade e como totalidade além do que se pode compreender e formulá-lo e mesmo para além do que pode ser justificado por referências externas de tipo histórico crítico"²⁴⁸. Nesta perspectiva, não há oposição entre a transmissão viva e a uma conceção historiográfica dela, em primeiro lugar, pelo fato de que o conteúdo fundamental da Tradição, Deus que comunica, especialmente em Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado, aconteceu em uma história e cultura particular, cujos traços e impacto sobre aqueles que a encontraram são efetivamente identificáveis historicamente. Então, a atitude subjacente aos testemunhos historiográficos é a mesma que anima a Tradição como transmissão vital do Cristianismo, ou seja, como expressão da forma como a comunidade recebeu, viveu e moldou a vitalidade do Cristianismo tradicional. No entanto, a comunicação vital do cristianismo não se esgota nem se

²⁴⁸ Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 241.

reduz a seus testemunhos históricos verificáveis, nem, *mutatis mutandi*, a obra escrita de uma pessoa esgota sua passagem e seu devir pela história.

A isso se soma o facto de que a realidade da Tradição não é apenas residual viva na memória de quem a preserva, mas também seu gesto e sua dedicação se atualizam existencialmente para cada homem e cada mulher na fé. A tradição é apreciada, portanto, em seu valor real não só ou exclusivamente pelos documentos historiográficos que atestam sua veracidade, mas também e sobretudo, nas testemunhas que em suas próprias vidas verificam a realidade sempre atual e presente da ação do Ressuscitado, elas oferecem uma síntese vital do Ser Vivo, uma síntese que certamente implica elementos históricos, mas também intelectuais, afetivos, morais.

Seguidamente, referente ao sujeito da Tradição, em correlação com seu objeto ou conteúdo, entretanto, esta distinção é mais formal do que real na medida em que o conteúdo da Tradição não é um objeto fixo, mas um Sujeito atuante que continua a comunicar a força deste acontecimento quando homens e mulheres da história o fazem seu. Sendo a Tradição a comunicação vital da relação religiosa - filial e fraterna - de Deus em Jesus através do seu Espírito, ela se faz presente na relação entre dois sujeitos: O Espírito Santo como sujeito transcendental da Tradição e a Igreja como sujeito visível e histórico da Tradição. Esses dois sujeitos interagem sinérgica e assimetricamente, envolvidos mutuamente na mesma história.

Quer isto dizer que a vida segundo o Evangelho, cujas características essenciais se tornaram visíveis de uma vez por todas na missão histórica e visível do Verbo Encarnado, visa precisamente ser conhecida e oferecida como forma válida para todos os tempos, que deve por tanto alargar ao mundo e à história, aplicando-se à infinita variedade de situações e pessoas. A característica da ação do Espírito é o seu vínculo infalível tanto com o acontecimento único de Jesus, em sua vida e sua história, como em sua realidade ressuscitada presente e ativa. E, ao mesmo tempo, como Espírito do Ressuscitado, ele atualiza, universaliza e internaliza o *pro nobis* que define o ser, as atitudes e as ações de Jesus.²⁴⁹

Esta comunicação na Tradição do que Deus é por aquilo que faz em favor da humanidade implica uma verdadeira sinergia de todos os atores envolvidos neste processo. Cada um na sua esfera e nível de corresponsabilidade é chamado a tornar visível o que o Espírito do Ressuscitado faz por todos. O Magistério pastoral, os teólogos e os fiéis em geral são chamados a colaborar na tarefa de discernimento e de tornar visível a ação do Espírito de Deus. Essa ação é especialmente evidente nas testemunhas cujas vidas são uma resposta confiável ao que Deus, por meio de seu Espírito, faz por elas. Nesse sentido, os fiéis não se contentam apenas

²⁴⁹ Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 245.

com a preservação e transmissão da Tradição, não devolvem ao Magistério pastoral um mero eco do seu ensinamento, mas algo que consegue uma receção original, produzindo algo inédito como "o eco de alguns sujeitos vivos"²⁵⁰ numa autêntica colaboração entre a hierarquia e os fiéis e também entre as Igrejas particulares entre si. Mas esta colaboração funda-se em outra sinergia mais fundamental, que é aquela que ocorre no coração do ser humano entre o Deus que caminha entre as aspirações, obstáculos, desejos e esperanças do homem. Lá eles se dão e se recebem como sujeitos vivos. Mais uma vez, a própria realidade de Deus, cujo ser nos é conhecido pela relação que estabelece com a humanidade e pelo que continua a fazer por ela, requer a participação das energias e das melhores capacidades de todos os fiéis. A riqueza sempre transbordante de Deus resplandece assim de uma forma mais homogênea com esta realidade, na diversidade também sem precedentes dos ministérios e carismas que interagem na Igreja. Desta maneira, os fiéis com suas faculdades, contribuem para a transmissão viva, a receção e a comunicação eclesial mediada da Tradição e para seu desenvolvimento multiforme ao longo do tempo:

«Fazem-no com piedade e no exercício da vida religiosa. É facto que assim contribuíram fortemente para revelar a fé da Igreja, por exemplo, em relação ao mistério mariano: isso se viu no dogma da Imaculada Conceição. Mas também o fazem através do estudo científico das fontes da fé e dos monumentos da Tradição, através da reflexão filosófica e mesmo teológica, através de criações artísticas e culturais que afetam a religião, e através de suas iniciativas apostólicas e missionárias, sem dizer tudo que monges e homens de elevada espiritualidade que não eram sacerdotes contribuíram para o tesouro da espiritualidade cristã»²⁵¹.

Visto que o que se transmite é a relação religiosa, a relação que Deus estabelece com a humanidade e que para atualizá-la e aprofundá-la, requer as melhores energias e recursos à disposição dos atores nela envolvida, o que define a Tradição como processo é que ela é da ordem de uma comunicação viva. Isto implica não só conhecer as normas que regem toda a comunicação humana e submeter-se a elas, mas também aceitar a comunicação específica que Deus estabeleceu com a humanidade, principalmente ao entrar na história de um povo e fazer aliança, por meio dele, com toda a humanidade. Nesse sentido, a Tradição tem uma dimensão comunicativa que abarca toda a história em virtude da própria modalidade pela qual Deus se comunica conosco.²⁵²

Referente ao anterior, podemos encontrar uma visão mais tomista, essencialista, centrada nos atributos de Deus como absolutos, para uma visão mais bíblica, existencial, centrada na relação que Deus quer estabelecer com a humanidade. Há imagens de um Deus em

²⁵⁰ Cf. Yves Congar, *El Espíritu Santo*. Traducido por A. Martínez de Lopera, (Barcelona: Herder, 1983), 23.

²⁵¹ Cf. Yves Congar, *El Espíritu Santo*. 27.

²⁵² Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 245.

si mesmo que parece ignorar seu real compromisso com a história da humanidade, seja na figura do grande arquiteto ou do relojoeiro do mundo, de um Deus que teria agido no mundo, impulso inicial de criação e depois desaparecer. Por outro lado, encontramos uma imagem de Deus com fortes raízes bíblicas, o Deus vivo, ativo e presente, um Deus voltado para a humanidade e com ela se relaciona de forma permanente.

Uma vez admitido que Deus, no seu diálogo com a humanidade, assume a historicidade para torná-la um lugar de encontro salvífico com Ele. Esta afirmação implica reconhecer que a história não é alheia à obra e ao ser de Deus, mas antes o espaço mediador onde ele realiza a sua ação salvífica e onde a humanidade, na fé, pode abrir-se a essa mesma ação. Em outras palavras, o compromisso de Deus com a história é uma expressão do seu estar permanentemente voltado para a humanidade e onde vislumbramos o seu ser na inter-relação eterna do Pai, do Filho e do Espírito. Esta aproximação económica a Deus implica também para a Tradição a tarefa de discernimento, reconhecimento e colaboração hoje desta relação salvadora de Deus com toda a humanidade. A tradição é, então, normativamente orientada para o serviço dessa relação ativa e efetiva de Deus com Deus. Para isso, deve procurar e criar os modos de comunicação mais adequados ao Deus que assim age e à humanidade em cujo favor opera²⁵³.

Pela união indissociável que existe no seio da tradição entre o que Deus é e o que faz e continua a fazer a favor da humanidade, a atenção prestada à história em toda a sua contingência e evolução permanente corresponde a um ato de fidelidade à humanidade. Deus que assim se revelou e continua a agir²⁵⁴. Desse modo, a novidade da ação presente de Deus precisa ser discernida nas circunstâncias sempre novas e mutáveis da história. De alguma forma, a ação definitiva de Deus já manifestada em Jesus, de uma vez por todas, aprofunda-se e desdobra-se nas coordenadas dinâmicas da história, com suas próprias perguntas e desafios, mas mantendo abertas as testemunhas dessa ação-futuro.

«A tradição é algo vivo porque é transmitida por alguns espíritos vivos e eles vivem no tempo. Nele encontram problemas ou adquirem recursos que os levam a dar à Tradição, ou a verdade que ela contém, as formas e reações de um ser vivo: adaptação, reação, crescimento e fertilidade. A tradição é algo vivo porque se sustenta por espíritos que dela vivem na história, uma história que é atividade, problemas, discussões, contribuições e demandas de resposta»²⁵⁵.

Todos esses esforços de adaptação exigidos pelo próprio conteúdo da Tradição não são meramente pragmáticos, no sentido de que visariam que a mensagem fosse mais bem transmitida ou recebida. Trata-se de uma renovação da compreensão daquela mesma mensagem de que a Igreja é portadora, na medida em que acolhe as questões e desafios inéditos que o

²⁵³ Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 245.

²⁵⁴ Cf. Yves Congar, *El Espíritu Santo*. 25.

²⁵⁵ Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 247.

presente histórico coloca e é dotada de novos recursos categóricos, em consonância com o carácter também inédito da ação de Deus na história. De alguma forma, o próprio conteúdo da Tradição e os atores envolvidos na fidelidade testemunhal se renovam na busca de novas formas de expressão. A relação de conteúdo e forma não é extrínseca mútua, mas são referidas e condicionadas mutuamente.

Nesta continuidade, tendo presente a dúvida colocada no início do texto, surge a pergunta sobre as tradições, mas antes disto é importante reconhecer o valor delas, segundo Congar: «são modos de agir e expressar a fé, costumes, ritos, disposições práticas, todo o tipo de determinações concretas, também herdadas, que constituem uma certa disciplina da vida cristã.»²⁵⁶ Essas tradições incluem o jejum pascal, o batismo infantil, o culto a imagens, as orações fúnebres, etc. De facto, essas tradições obedecem ao esforço constante da Igreja em proporcionar uma vestimenta cultural adequada aos conteúdos fundamentais da fé e que se expressam nas formas doutrinárias, litúrgicas, rituais, disciplinares, normativas e artísticas. Essas formas configuram uma visão de mundo, ordenando a existência, que surge como resultado de um trabalho criativo dos diferentes atores da Igreja para articular a vitalidade da fé com as formas de crença e pensamentos que se oferecem em cada época. Ainda mais, a fé tradicional recebida dos pais tem sido capaz, em muitos períodos da história, de engendrar e promover novas formas culturais. Neste contexto, poder-se-ia pensar nas obras de Miguel Angel, as quais têm significado uma contribuição para o pensamento da humanidade. Angel Buonarroti na Capela Sistina ou Henri Matisse na Capela de Vence ou em um contexto mais nosso as esculturas de Pedro Horn e os retábulos de Claudio Di Girólamo. Em última análise, são essas tradições que criam um meio, um lar, um contexto que não só qualifica a cultura de uma determinada época, mas também permite a socialização dos valores, conhecimentos, normas e imaginários que constituem a Tradição. Encontramos a definição de Congar o qual define muito bem o anterior:

«As tradições são também o meio humilde de calor sem o qual a Igreja, mais do que uma casa, pareceria uma sala de escola do século passado: formam aquele clima de calor, familiaridade e segurança típico de uma casa habitada, de um casarão de família. No entanto, eles não têm o mesmo valor absoluto que a Tradição de fé. Em vez disso, são suas roupas»²⁵⁷.

No entanto, o contexto atual do cristianismo parece não corresponder às realidades e desafios do mundo atual, assim encontramos dentro da Igreja a falta de novas formas culturais nas quais a Tradição possa falar a língua dos homens e mulheres de hoje. A partir do referido,

²⁵⁶ Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 248.

²⁵⁷ Cf. Yves Congar, *La tradición y la vida de la Iglesia*, 249.

encontramos que esse diálogo construído entre a fé e a cultura na qual os teólogos ocupavam um papel muito importante, hoje este espaço é ocupado pelos artistas. Neste caso, temos encontrado nos últimos anos um grande interesse por parte dos artistas pela fé, pela religião, pela bíblia, este é o caso de Leonid Andreiev, Amos Oz e outros, os quais encontraram na bíblia e nas tradições uma fonte de inspiração para os seus livros. De facto, é a tradição um grande elemento de inspiração a partir da qual os artistas como sujeitos vivos e transformadores, fazem uma leitura da Tradição e das tradições nas suas obras artísticas, assim, em vez de ser uma limitação no seu agir artístico tornam-se no contrário, num elemento de reflexão e inspiração a partir do qual conseguem criar e dialogar com a sociedade atual, tornam-se assim numa fonte geradora de cultura e construtora de novas relações.

O que se refere, deve ser considerado pela teologia a qual não deve esquecer que tem em si uma vocação cultural e geradora de cultura, como expressão do dinamismo da fé, do seu carácter abrangente do todo, da pessoa e das suas relações. A mostra da vitalidade da fé é precisamente uma teologia, capaz de utilizar com discernimento crítico os recursos da racionalidade humana para nos dar razão para pensar na novidade permanente de Deus voltada para a humanidade e sua relação com as questões fundamentais a que todo ser humano, mais cedo ou mais tarde, ele se depara com sua própria tarefa de existir.

1.1 A memória de Judas, uma tradição presente

A memória de Judas continua muito presente na sociedade. É facilmente lembrado e recordado como o traidor, aquele que entregou o seu Mestre com um beijo, não bastava só indicar quem era Jesus se não que tinha de lhe dar um beijo. Ou seja, um símbolo de proximidade e amizade como o beijo o qual expressava a comunhão de Jesus com o seu apóstolo, foi utilizado como um sinal para o identificar no meio da noite. No entanto, foi verdadeiramente assim? Durante o percurso dos anos a figura de Judas tem sido fortemente alimentada num sentido negativo, tornando-se numa figura odiada e desprezada, nesse contexto parece ser que o amor e a misericórdia de Deus são para todos menos para este apóstolo.

De facto, em algumas culturas fortemente marcadas pelo cristianismo existem festivais onde fazem um boneco de Judas e logo é queimado. Mas isto afinal não parece ser tão preocupante, comparado com outras associações, de facto, Amos Oz como outros autores colocam esta personagem como o símbolo do antissemitismo, afinal parece que o único Judeu era Judas. Nesse contexto, tem surgido uma tese bastante lógica, mas muito errada. Judas é judeu, Judas traiu a Jesus, porém foi um judeu o responsável da morte do Filho de Deus, este

argumento bastante simples tem sido o detonante do antissemitismo. Neste sentido, uma tradição por mais simples que possa parecer pode trazer consigo consequências perigosas. No entanto, surge uma questão, o que tem alimentado esta tradição? Perante o referido, poder-se-ia pensar que a base pode ser a Bíblia já que neste livro é descrito esta personagem, descreve sua vida e sua morte, narra em *grosso modo* algumas características da sua personalidade e de maneira especial aquilo pelo qual seria recordado na história, ter entregado Jesus. No entanto, são as histórias e as lendas populares as causadoras de alimentar o repúdio por este personagem. Mas é Judas verdadeiramente credor desta fama? Perante o anterior, a literatura tem feito um grande esforço em ver esta personagem desde outra perspectiva, uma perspectiva mais humanista, psicológica, porque afinal a traição é uma realidade muito presente e latente na nossa humanidade.

Amos Oz e Andreiev são prudentes na maneira como fazem a abordagem de Judas, as suas intenções não são mudar o conceito e a percepção de Judas, de facto estão longe disto, o que procuram é a partir de uma descrição literária apresentar este drama que faz parte de nós, a traição. O que procuram os autores é que o leitor possa ser interpelado na medida como aborda este personagem que afinal, a realidade não é tão simples, senão que é o contrário, complexa e interpelante, onde cada decisão feita pelo Homem tem suas consequências. A partir disto, os autores querem apresentar Judas, como uma pessoa que fez escolhas, tentou fazer aquilo que achava que seria o melhor segundo aquilo que acreditava. Estes escritores, não se preocupam por explicar se Judas é ou não é salvo, a sua intenção é outra, é apresentar o drama da nossa existência, na qual todos estamos expostos a ser considerados de traidores.

2. Os sentimentos como fonte do agir humano

A mensagem cristã não contém uma doutrina específica sobre os sentimentos, mas pode fornecer algumas inspirações. Nesta sequência, é importante partir de uma afirmação fundamental sobre o tema: o ser humano é um ser capaz de conhecimento e ação moral. Essa afirmação nos permitirá deduzir a visão de ser humano que temos: uma visão integral onde sensibilidade, intuição, inteligência, razão, sentimento, liberdade, intersubjetividade e abertura para a transcendência constituem à pessoa e condiciona todo o seu ser e suas ações²⁵⁸.

O ser humano, ao desenvolver sua vida nos diversos campos de significância, mostrado como sujeito criador de cultura, que dá sentido e valor à realidade. O fluxo de sentimentos que acompanha o dinamismo da vida das pessoas merece atenção especial, pois desenvolve um

²⁵⁸ Cf. Von Balthasar, *¿Qué es un cristiano?* Traducido por A. Sánchez Pascual, (Madrid: Omega 10, 1967): 25.

papel importante na vida de cada indivíduo. Sem estes, nosso conhecimento e nossa ação seriam como uma folha fina de papel.

Os sentimentos dão à vida humana o seu peso, movimento, impulso, potência. Somos orientados dinamicamente, no mundo mediado pela significação, através de nossos sentimentos e medos, nossas esperanças e desesperos, nossas alegrias e tristezas. No ser humano, inteligência, razão e os sentimentos são integrados e acompanham o funcionamento humano sobre a realidade em todas as suas realizações transformadoras.

Os sentimentos correspondem a duas categorias principais de objetos: por um lado, o agradável e o desagradável, o satisfatório ou o insatisfatório e, por outro, os valores. O bem humano é construído na medida em que os sentimentos são capazes de responder a valores e alcançar o mais alto. Estes surgem espontaneamente antes de um objeto (pessoa, situação, imaginação, etc.) e assim que isso acontece, eles se desenvolvem, e podem ser fortalecidos ou enfraquecidos através da reflexão e atenção aos objetos que despertá-los, no discernimento de seu valor e de suas riquezas para a vida²⁵⁹.

O facto de os sentimentos serem respostas intencionais pode sugerir que eles acabam quando o objeto que os despertou não está mais presente. Às vezes, isso acontece porque nem todos os sentimentos têm a mesma intensidade. Mas temos sentimentos que podem se tornar o horizonte de todos nas nossas vidas, por exemplo, o amor. Outros podem permanecer reprimidos e ser a causa de muitas das nossas neuroses e relacionamentos intrigantes. Neste caso, é necessário conhecer uns aos outros para libertar nossas repressões. Existem também os sentimentos negativos que deixamos crescer e nos impedem de perceber o bem humano que possivelmente nós desejamos.

Nesta sequência, é de destacar que a cultura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de sentimentos. Ela ajuda a discernir objetos que nos causam certos sentimentos e ter clareza de seu valor real. Mas também pode nos dar uma resposta inautêntica e sentimentos negativos que tornam o bem humano uma ilusão impossível de alcançar.

Perante o referido, surge uma questão, considerando que os sentimentos estão intimamente ligados à nossa existência, a Bíblia diz algo referente a estes? Antes de abordar esta resposta, é primeiro de definir a Bíblia como uma grande obra literária, composta por diferentes géneros, escritos em diversos momentos da história, nesta sequência, e considerando que a literatura é uma fonte vital para expressar sentimentos, podemos de entrada já ter uma resposta. No entanto, a Bíblia não possui uma linguagem crítica e não distingue especificamente entre as diferentes capacidades humanas. Ela não estabeleceu uma psicologia racional. Seu

²⁵⁹ Cf. Von Balthasar, *¿Qué es un cristiano?* Traducido por A. Sánchez Pascual, 26.

interesse é religioso, ela busca relacionar a vida humana com Deus. Nessa perspectiva, talvez o segundo termo de interesse antropológico, depois de "ruah" (espírito-vitalidade-animação que vem de Deus), seja "leb" (coração).

Na Bíblia, o coração é o núcleo do homem, onde ele toma suas decisões e o lugar do seu encontro com Deus. Com isso, uma tonalidade muito mais quente é dada ao centro do homem do que quando está situado na mente ou inteligência. E marca outro ponto de diferença com a cultura ou pelo menos com a filosofia grega. Enquanto, nestes, o centro do homem geralmente está localizado na mente ou inteligência, na Bíblia, o centro do homem está no coração, que é o lugar onde as decisões morais são tomadas. Numa ocasião, o cardeal Ratzinger enfatizou a importância que essa categoria bíblica pode ter para superar a tendência racionalista que a antropologia ocidental tradicionalmente tem. No coração, simbolicamente reconhecido como o centro do homem, o conhecimento e a avaliação ou resposta emocional vêm juntos. Uma pura racionalidade que não valoriza a resposta afetiva não dá conta do que é o homem²⁶⁰. Este elemento tem um profundo valor, de facto representa uma grande novidade ainda para os nossos tempos, os quais podem reduzir os sentimentos a condicionamentos culturais, históricos ou raciais.

No entanto, sem importar a origem dos sentimentos, há um elemento essencial em toda obra literária. Além dos sentimentos do autor e das personagens há um ponto adicional e, é aquilo que consegue transmitir ao leitor. De facto, a resposta emocional é de fundamental importância para o sucesso da comunicação literária, pois uma área disciplinar que lida com a literatura não pode ignorá-la ou tratá-la como um evento inacessível produzido pela experiência única de cada leitor e que, portanto, deixaria de fora todas as especulações disciplinares possíveis.

No caso dos romances, como o caso de Judas de Amos Oz e Leonid Andreiev, lemos e gostamos destas obras porque nos oferecem a possibilidade de entrar em histórias que são criadas a partir de diferentes contextos que envolvem sentimentos entre seus personagens. Isso implica um acesso a uma exibição de eventos e situações dirigidas pelo autor no qual envolve o leitor. Mas há uma particularidade quando o leitor se conecta com os personagens, uma rede de convenções entra em comunicação, que ele segue ou desafia. Da mesma forma, há uma série de questões que podem surgir: Todo leitor sente necessariamente essa conexão emocional? Existem diferenças nas experiências emocionais entre obras de mérito artístico desigual? Como se marca a realização de uma transmissão adequada da emoção literária? A partir do anterior, é importante reconhecer os sentimentos e as emoções como atos de liberdade, no qual, o leitor

²⁶⁰ Cf. Von Balthasar, *¿Qué es un cristiano?* Traducido por A. Sánchez Pascual, 29.

está na autonomia de sentir ou não alguma emoção. É nesta liberdade que existe uma grande riqueza por parte da literatura, na qual o leitor se pode identificar e sentir aquilo que o autor e os personagens querem transmitir. Por outro lado, os sentimentos podem ser totalmente diferentes, ou pode nem haver sentimentos. De facto, essa é a riqueza e a liberdade do leitor e do autor, existe um grande espaço no qual o leitor também se torna não só uma testemunha, senão num protagonista da sua leitura.

No caso dos livros de Judas de Amos Oz e Leonid Andreiev, encontramos um contexto marcado por muitos sentimentos, os diálogos são uma clara expressão destes, as emoções por parte dos protagonistas são tão intensas e contraditórias que desafiam e interpelam ao leitor. De facto, essa é exatamente a intenção dos autores, mas não só se limitam ao aspeto sentimental, senão que este além de ser sentido pelo coração deve ser sentido pela mente. Já que são obras muito racionais, os diálogos estão carregados de um sentido histórico, político, mas de maneira especial existencial²⁶¹.

2.1 O desespero de Judas

Todo o ato tem uma consequência, os textos bíblicos são muito explícitos em expressar o fim da vida de Judas, são muitos claros em definir aquilo que sente Judas depois de ter entregado o seu Mestre. São muitos os sentimentos que invadem ao apóstolo, no entanto, deixa um espaço para o leitor pensar sobre o sucedido.

O suicídio de Judas poderia ser interpretado, então, como a decepção por essa reação esperada não ter ocorrido e seu desejo de querer acompanhar Jesus na morte. Porém, historicamente, Judas é identificado com a traição e, por consequência, com a relação entre o Judaísmo e a traição: “Judas, o traidor, tornou-se a repulsiva representação arquetípica de todos os judeus em todos os lugares e em todos os tempos”, diz o protagonista do romance de Amos Oz. É interessante que apesar das diferenças entre Amos Oz e Andreiev, respeito a morte de Judas, coincidem, os dois concordam que a morte do apóstolo foi o resultado da sua decepção por não ter acontecido aquilo que se esperava. Os dois colocam Judas isolado e afastado em relação aos outros discípulos. Judas fica sozinho e sua resposta perante o desespero é a morte²⁶².

²⁶¹ Cf. Jesualdo Eduardo de Almeida Junior, « ‘Judas,’ Amos Oz : A Thinking of Law Review and Show Thought. » *Conpedi Law Review* 1, no. 3 (May 1, 2016): 8–22.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=9d7d0a57-75ea-3fef-8185-49b8b4e5b734>

²⁶² Cf. Saul Kirschbaum, «*Amós Oz: De Lealdades e Traições*», 302.

3. As perguntas não feitas

Cada época da história humana tem novas experiências de si mesma em relação a seu Deus, portanto, novas categorias e práticas com as quais se tenta compreender e especificar sua relação de fé com seu Deus. A questão da teologia não está isenta de ficar continuamente impaciente com os desafios de seu tempo, para que a fé, razão pela qual surge a teologia, não termine perdida em outros tempos.

Diante da realidade dos diferentes cenários e contextos históricos, o indivíduo sempre é interpelado pelo sentido da sua existência, a partir do anterior, por meio de diversos mecanismos o Homem procura dar respostas. No entanto, este processo não é exatamente assim, tão linear, de facto a busca da resposta traz consigo mais perguntas. Na busca de respostas o indivíduo pode encontrar mais perguntas. Neste contexto, podemos dizer que o problema das ciências não são as respostas, senão não ter perguntas. No fundo de tudo saber científico sempre há perguntas, de facto a teologia tem a ver com as perguntas que todo ser humano crente, e possa ter sobre sua origem, seu presente e o seu futuro, perguntas sobre a sua fé.

Entender que a teologia surge para estar a serviço da fé, por meio da reflexão sistemática da relação vivencial-histórica de crer na humanidade com Deus, e vice-versa, é fundamental; mas hoje é imprescindível ampliar esta categoria para as diferentes realidades teológicas que o compõem. A chave é entender que não há uma teologia, mas tipos de teologias e que a definição possível de um tipo de teologia é construída de acordo com e a partir do contexto do cenário teológico e do processo de fé que cada comunidade de crentes está vivendo. A partir dessas claridades é que será possível entender o que é, como fazer e viver um tipo de teologia.

A chave constante da questão da teologia diante da realidade incontornável de seus diferentes cenários teológicos com seus processos de fé pessoais, comunitários e de época, que geram um tipo de teologia, é que ela nunca perca a fé na revelação como princípio constitutiva e inalienável. Antes, de maneiras diferentes, afirma-a nas tematizações e interpretações da história humana, como possibilidades de ser vividas no horizonte do que é revelado. Assim, a práxis humana, a ação histórica, é um sinal revelador do ser de Deus em sua relação pessoal com o mundo e do mundo em sua relação constitutiva com Deus.

A realidade que a teologia reflete nos diferentes contextos teológicos é a história real, diversa e vivida e não escrita, que permite que a vida de cada crente, nos diferentes contextos teológicos, seja sempre interpretada no horizonte da revelação e da salvação. Cada crente e cada comunidade teológica combina o aspeto objetivo da revelação de Deus dada

gratuitamente, independente da receção humana, e o aspeto subjetivo, a resposta que o ser humano dá à revelação. Mas, a forma de expressar e viver esta conjugação de crenças será através dos diferentes termos, práticas, crenças, etc. que o contexto de seu ambiente teológico e processo de fé trazem para si.

Agora, sobretudo, alguns teólogos não vão concordar que pensar na fé já é fazer teologia ou que rezar o rosário, acender velas, rezar aos mortos, etc., é teologia popular, mas prática religiosa, porque para eles, pensar e fazer teologia ocorre apenas quando há uma sistematização das compreensões de fé que ali acontecem. Visto desta forma, o pensamento e o trabalho teológico correm o risco de omitir e utilizar o primeiro ato da teologia, a vida da qual é criado, privilegiando sobre ele. O segundo ato da teologia, sistematizando, teorizando as respostas de: por que rezar o rosário, acender velas, rezar aos mortos? O que move os crentes a viver e manter essas práticas? O que eles expressam por meio dessas práticas? Sua fé? E a teologia não está a serviço da fé? Como? Refletindo e sistematizando as compreensões que ali acontecem? Então, é assim que se faz teologia? Sim, mas a partir de um cenário teológico e de alguns teólogos académicos profissionais que acreditam e vivem nele.

Então, pensar na fé já faz teologia? Viver algumas práticas religiosas já faz teologia? Sim, no sentido de que pensar e fazer teologia é uma realidade feita de diferentes cenários onde os fiéis configuram e expressam sua fé, com a sua respetiva linguagem, conhecimento, cultura, e não só refletir e sistematizar os entendimentos que ocorrem, mas também projetar e executar pastoralmente perspectivas teológicas, viver tradições religiosas herdadas e preceitos.²⁶³

A partir do anterior, surgem várias questões, um escritor no momento de abordar assuntos de Deus, ou da religião, poderia ser chamado de teólogo? Neste caso, Amos Oz e Leonid Andreiev poder-se-iam categorizar como teólogos? A resposta é não. Já que a intensão principal deles não é esta, não é a fé, a relação Deus e os homens. A intenção deles é literária, embora abordem temas religiosos. No entanto, o anterior não significa que os seus livros não têm nenhum valor para a teologia, de facto é o contrário. No momento que aceitamos várias teologias, damos espaço para a teologia literária, a qual, a partir de diversos métodos pode subtrair o sentido que os livros podem ter de Deus, da sua antropologia, do seu conceito de Deus. Neste aspeto, é de destacar o método da teopoética que ao igual que o método antropológico oferece recursos importantes. Este método foi proposto por Karl Josef Kuschel e consiste em uma nova linha de estudos académicos voltada para o discurso crítico literário sobre Deus, no campo da Literatura e da análise literária, a partir da reflexão teológica presente

²⁶³ Von Balthasar, *¿Qué es un cristiano?* Traducido por A. Sánchez Pascual, 32.

nos autores. ²⁶⁴São análises literárias realizadas por meio de uma reflexão teológica e de um possível diálogo interdisciplinar entre Teologia e Literatura. Neste contexto, surgem perguntas como: o que poderia aportar Amos Oz e Leonid Andreiev para a teologia? Acaso atrás do seu livro existe um conceito de Deus? Como resposta a estas perguntas, destacamos as perguntas que deixam estes dois livros, os escritores, pelo facto de estarem livres no momento de escrever, não estão condicionados por dogmas, cânones, a tradição, os magistérios vão abordar temas e perguntas às quais muitos teólogos não chegariam. Isto não significa que as perguntas não tenham valor, de facto é todo o contrário. Estas perguntas são muito valiosas e significativas as quais interpelam os teólogos e trabalho realizado. Amos Oz e Leonid Andreiev vão mergulhar nas profundezas da existência do apóstolo que é considerado o traidor, e nesse contexto vão colocar perguntas sobre aquilo que pensamos sobre esta figura. Assim vão colocar perguntas que ainda não foram feitas, mas que precisam de respostas teológicas. Estes autores conseguem construir uma ponte entre a Bíblia e os seus livros e, os seus livros e a teologia.

3.1 As perguntas que nos deixa Judas

Os autores tendo como base a Bíblia, mais do que se preocuparem por apresentar respostas, procuram questionar ao leitor, a partir de uma leitura e interpretação dos textos bíblicos. Procuram interpelar o leitor. Assim, mais do que salvar Judas, o que procuram é abrir um debate sobre a nossa humanidade, sobre aquilo que somos, sobre as nossas escolhas, porque afinal, todo o ato feito ou não feito tem consequências. Mesmo no silêncio, o Homem fala. Nesse sentido, o texto bíblico é também uma fonte de inspiração e de leitura a partir do escrito e o não escrito.

A partir dos dois livros, mais do que respostas encontramos muitas perguntas que ficam à volta do leitor, perguntas como: e se Judas não traísse? E se fosse uma aliança entre Jesus e Judas? Se isso fosse um pacto entre dois homens que queriam mudar o mundo e um precisava do outro para traí-lo? Haveria um Cristo se ele não tivesse morrido na cruz? Haveria um Cristo se não tivesse havido traição? A traição de Judas é apresentada como necessária. Jesus renuncia isso, mas não existe uma aliança secreta? Cristo teve de morrer na cruz para redimir a humanidade.

4. A traição como um novo paradigma de reflexão

²⁶⁴ Karl-Josef. Kuschel, *As escrituras e os escritores: retratos teológicos-literários*. (São Paulo: Loyola, 1999), 27.

Do ponto de vista cristão, não falamos apenas das tendências inferiores e, portanto, da desordem das paixões, mas também das inclinações humanas mais importantes, entre as quais está a caridade. Os sentimentos espontâneos de misericórdia, compaixão, solidariedade, fraternidade (e quando não estão satisfeitos, remorso), imediata e concretamente ilustram muitos dos deveres humanos, quando estão presentes na consciência. Deve ser lembrado que a parte mais importante e ampla da moralidade se refere ao relacionamento com os outros.

O ideal moral cristão está ligado ao bom coração. O homem bom é aquele que se sente bem e aquele que se afirma nos bons amores, a Deus e ao próximo, a começar por aqueles a quem deve amar: sua família, amigos, colegas, etc. Este amor natural é elevado e transformado pela caridade como impulso interior do Espírito Santo. O bom coração aprende a seguir o impulso da caridade e reage adequadamente a cada situação. Ele realiza em amplitude concreta e heroica o amor a Deus e ao próximo²⁶⁵.

A caridade tem uma função diretiva, pois orienta todas as condutas. E, purificadora, porque, ao absorver as energias psicológicas, limita e impede o desenvolvimento de outras tendências. Esta experiência é sintetizada numa ideia de Santo Agostinho, amor *amore impeditur*, amplamente recolhida na obra de João da Cruz²⁶⁶. Estruturando o amor segundo o verdadeiro, categoria das coisas (Deus, próximo, si mesmo), cria o *ordo amoris*, a ordem dos amores, na qual Santo Agostinho sintetiza a perfeição moral.

O Cristianismo tem uma experiência do coração que ama a Deus e sua matéria. É piedade ou, em seu sentido mais forte, zelo pelas coisas de Deus. A palavra "piedade" já existe no vocabulário da cultura clássica, principalmente romana, referindo-se aos amores familiares e à pátria, além da devoção aos serviços religiosos tradicionais. Na cultura cristã, que tem uma imagem clara de Deus como Pai, ela se dirige pessoal e diretamente a Ele. A consciência cristã reconhece a proximidade do Deus criador e redentor, que é e atua em todas as coisas e, em particular, em Ele, passado do homem; precisamente no seu coração, no dizer bíblico, ou no *apex mentis*, no dizer de alguns místicos. Há a consciência, junto com a experiência, de que na parte mais íntima do homem, Deus se encontra. Essa consciência funda uma proximidade e um amor permanente por Ele.

Em oposição ao referido anteriormente, ao amor e à caridade, encontramos em Santo Agostinho, que toda infidelidade a essa lei íntima e transcendente, à qual Santo Agostinho chama de *Memória Dei*, é uma traição do ser humano a si mesmo naquilo que lhe é mais essencial. Nesse sentido, todo pecado é uma frustração fundamental e essencial do próprio ser, em sua constituição ontológica, não simplesmente psicológica.

²⁶⁵ Cf. Von Balthasar, *¿Qué es un cristiano?* Traducido por A. Sánchez Pascual, 27.

²⁶⁶ Cf. Von Balthasar, *¿Qué es un cristiano?* Traducido por A. Sánchez Pascual, 28.

Assim, surge a pergunta, o que se entende por traição? De facto, este termo embora muito presente nos escritos e na tradição popular, não tem sido muito aprofundado teologicamente, deixando assim um vazio que espera ser ocupado. Nesta sequência, encontramos no dicionário que traição significa:

«Ação tomada contra a esperança de alguém que tinha direito à lealdade ou, pelo menos, ao comportamento esperado adequado aos seus interesses ou expectativas. A traição é um dano à verdade e à sinceridade, desde que quem a sofre tem direito à lealdade e à sinceridade e quem a pratica tem o dever, seja justiça ou simples misericórdia, de se comportar de acordo com as esperanças dos outros. Se não for esse o caso, mesmo que se fale frequentemente de traição, ainda não passa de decepção ou frustração, desprezo ou engano.»²⁶⁷

Como se pode ver, o significado presente no dicionário não deixa muita margem para a interpretação, no entanto, surge uma questão: não existirá outra maneira de ver e definir a traição? Procurando responder a esta pergunta, encontramos que apesar da caridade e o amor de Deus estarem muito presentes nos livros e os tratados de teologia, parece que esta não se aplica para uma pessoa, Judas Iscariotes. A teologia perante este personagem tem tido um silêncio, embora o seu nome ter estado muito presente em diferentes livros, documentos e tradições culturais, não se tem escrito o suficiente, deixando assim um vazio teológico que, no entanto, tem sido ocupado por diversas histórias e lendas que têm surgido no percurso dos anos, nas diversas populações. De facto, este nome está muito inserido na memória coletiva das pessoas. Ainda assim, durante os últimos anos, temos encontrado um grande esforço dos artistas em abordar esta personagem, de facto a sua figura tem sido uma grande fonte de inspiração para escritores, pintores e cantores. Estas abordagens feitas pelos artistas têm oferecido uma grande riqueza na perspetiva como se pode ver este personagem e a traição. Assim, a Bíblia que parece que não ter espaço na sociedade resulta ser o contrário, tornando-se numa fonte de inspiração, de reflexão e interpelação. Este é o caso de Amos Oz e Leonid Andreiev os quais, a partir dos textos bíblicos nos quais falam de Judas, constroem uma história, estes escritores conseguem ver para além daquilo que é evidente, vai ao fundo procurando encontrar respostas para explicar o motivo da traição.

4.1 Judas é o traidor?

Arquetípico da traição, vilão por excelência, Judas acumula todos os vícios há mais de mil anos. É considerado como alguém que violentou a bondade divina e levantou questões

²⁶⁷ Cf. «Traição». Em *Dicionário Editora da Língua Portuguesa, Acordo Ortográfico*, (Porto, Porto Editora, Setembro 2020), 450.

teológicas terríveis. Dos evangelhos aos poetas do século XIX, dos Padres da Igreja a Lady Gaga, ele é apenas uma figura que fascina e repugna, ao mesmo tempo. Mas, como explicar que um Deus todo-poderoso fosse surpreendido apenas por um homem? Será preciso de um traidor para realizar o plano salvífico?

Judas antes de ser considerado como um traidor acaso não deve ser visto como um homem comum, com sua covardia e seus tormentos? Acaso, este apóstolo não é mais do que uma ilustração de nossa natureza humana? Talvez seja por isso que ele permanece cercado de enigma, bem como os gatilhos de ser demasiado humano como para ser compreendido e aceite. No entanto, este enigma vai ser abordado, como é o caso de Amos Oz e Leonid Andreiev.

A figura central que sobrepõe este romance de teses é a de Judas, a par da ideia de traição que acompanha a personagem. É comumente aceite que foi Judas, cometendo traição, quem denunciou Jesus aos romanos para prisão e execução. Para reafirmar essa tese, Amos Oz lembra que sem Judas não teria havido crucificação e sem crucificação não teria havido cristianismo.

No seu livro Judas, o escritor israelita rejeita a ideia de traição em todos os momentos. Citando fontes históricas, ele aponta que Judas era um membro da casta sacerdotal corrupta que Jesus queria purgar. Sua união com os seguidores do Nazareno foi concordada em espia-lo e informar Jerusalém de suas ações. No entanto, fascinado e seduzido pela personalidade de Jesus, pelo amor que irradiava à sua volta, pela sua simplicidade e humildade, acabou por se tornar o mais devotado e incondicional dos seus discípulos e aquele que queria mostrar ao mundo toda a sua grandeza. Se o levou à morte, foi porque estava convencido de que Jesus desceria da cruz diante de toda Jerusalém e diante de todo o mundo, demonstrando assim que era o verdadeiro filho de Deus. No entanto, para dar mais suporte a este argumento, além do uso da Bíblia, Amos Oz, em cada um dos seus personagens vai transmitir o conceito de traição, Oz acaba por ser muito pragmático transmitindo ao leitor que a traição vai para além daquilo que pensamos. Nesse sentido, afirma que a traição é uma realidade latente sempre presente na dimensão humana. De facto, fazer uso da liberdade implicitamente conduz ao indivíduo em momentos a escolher aquilo que não é bem considerado pelos familiares, amigos, conterrâneos.

«O profeta Jeremias foi considerado um traidor tanto pela turba de *JERUSALÉM* quanto pelo palácio real. Os sábios do Talmude excomungaram Eliseu ben Abuya e o chamaram de estrangeiro. Mas pelo menos não apagaram do livro suas ideias e sua lembrança. Abraham Lincoln, o libertador de escravos, foi chamado de traidor pelos adversários. Os oficiais alemães que tentaram matar Hitler foram fuzilados como traidores. Na história de vez em quando surgem pessoas corajosas que estão à frente de seu tempo e por isso são chamadas de traidoras ou exóticas. Herzl foi chamado de traidor só porque ousou conceber o estabelecimento de um Estado judeu fora de Erets Israel quando parecia claro que a Erets Israel otomana estava vedada ao povo judeu. Até David Ben Gurion, quando há doze anos concordou com a divisão do

território em dois Estados, um judeu e um árabe, foi chamado por muitos de traidor. Meus pais e também minha irmã me acusam agora de ter traído a família ao interromper meus estudos. De facto, talvez tenham mais razão do que eles mesmos pensam, porque a verdade é que os traí ainda muito antes de ter interrompido os estudos. Eu os traí desde que era um menino e sonhava que tinha outros pais. Os que estão dispostos a mudar, os que têm a força para mudar, sempre serão vistos como traidores pelos que não são capazes de qualquer mudança, que têm um medo mortal de mudanças, não entendem o que é mudança e abominam toda mudança. Shaltiel Abravanel sonhou um lindo sonho, e por causa desse sonho houve quem o chamasse de traidor.»²⁶⁸

O anterior texto, expressa claramente aquilo que o autor quer transmitir com o sentido de traição, de facto é interessante como utiliza uma figura bíblica como Jeremias, figuras históricas como Abraham Lincoln e figuras imaginárias como Abravanel para explicar aquilo que percebe por traição. Neste sentido oferece um novo paradigma de reflexão, a traição como o exercício da liberdade para além dos condicionamentos. Para além disto, é de destacar o drama com o qual vivem as pessoas que decidem agir contra as opiniões ou considerações dos seus. O escritor afirma que é preciso mais traidores, pessoas que façam o certo apesar que essas decisões possam ser impopulares. Este exemplo de traição aplica-se a Judas, a leitura que faz o escritor da Bíblia encontra alguns motivos que o levam a pensar uma opção diferente para aquilo que sempre foi dito, nesse sentido, para aludir a sua reflexão vai até o extremo ao considerar a Judas como o primeiro homem no mundo a acreditar piamente na divindade de Jesus. Mas não só fica aqui como que aumenta a sua intensidade ao dizer que Judas é: «O primeiro cristão. O último cristão. O único cristão»²⁶⁹

Por outro lado, em Leonid Andreiev a traição tinha uma perspectiva maior que acabar com a vida do Mestre, o seu desejo era ainda superior, era que todos conhecessem a Jesus, Judas apesar da sua humanidade altamente contraditória carregada de vulnerabilidades e imperfeições age segundo aquilo que pensa que é o melhor, nesse aspeto quando entrega a Jesus a sua intenção é que todos conseguissem ver o milagre na Cruz²⁷⁰. Nesse aspeto, o que move a Judas é o amor.

«Quando se ama, não se pergunta o que se deve fazer. Vai-se e age-se. Chora-se, morde-se, afoga-se o inimigo, quebram-se-lhe os ossos. Quando se ama! Se teu filho se afoga, tu vais à cidade dizer aos transeuntes: "Meu filho se afoga, que devo fazer? "Não te lanças na água? Não te afogas com teu filho? Quando se ama!..."»²⁷¹

²⁶⁸ Cf. Amos Oz, *Judas*, 111.

²⁶⁹ Cf. Amos Oz, *Judas*, 111.

²⁷⁰ Cf. Hutchings, Stephen. «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev», 108. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=ca49db0e-c89a-392e-96e9-5d44534ff9d7>.

²⁷¹ Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos*, 100.

A partir do anterior, o escritor russo vê em Judas que o seu agir é inspirado pelo amor; que quando se ama não é preciso perguntar. Além disso, o autor também expressa que apesar de Judas agir por amor sabia aquilo a que se estava a expor.

«Existem sacrifícios sublimes? Que dizes discípulo predileto? Quando existe uma vítima, existem, também, verdugos e traidores. O sacrifício é sofrimento para um só e vergonha para os demais. Traidores, traidores, que fazeis na terra? Agora, olham-na em todos os sentidos e riem e clamam: “Vejam essa Terra na qual crucificaram Jesus!”»²⁷²

A partir do texto anterior, identificamos como o autor ressalta mais o agir de Judas. Ele não age por ignorância, age por fé, e também percebe que o seu agir o pode levar a ser considerado de traidor. Porém, assume esse risco porque acredita firmemente em Jesus.

5. *Uma nova reflexão teológica sobre a figura de Judas*

Durante os últimos anos, a figura de Judas Iscariotes além de ser uma fonte de inspiração para os artistas, também tem sido muito utilizada pelo Papa Francisco. De facto, nos último três anos, temos escutados homilias que falam deste personagem. Como já foi mencionado no primeiro capítulo, o Papa Bento XVI já fez referência a Judas. Mas agora a questão não é fazer ou não referência, senão o modo como é abordado este personagem misterioso.

É interessante ver como durante os últimos anos tem tratado pelos artistas de diversas perspectivas. Como vimos no capítulo anterior, houve um processo. Um processo que vai desde a sua condenação para sua canonização e, por último, uma perspectiva contemporânea que vai abordar mais o seu perfil psicológico e existencial. De facto, a nível eclesial podemos ver que nos últimos anos tem havido uma mudança de paradigma na maneira como se pode aproximar a este personagem, que implícita ou explicitamente as artes têm sido as responsáveis por esta mudança. De facto, o Papa Francisco tem dois quadros de Judas Iscariotes, onde podemos ver uma nova perspectiva: o amor e a misericórdia. Neste sentido é de identificar que nas últimas catequeses que o Papa Francisco deu sobre Judas, tem abordado esta figura não a partir de uma reflexão condenatória ou salvífica, mas pelo contrário, Judas surge como o irmão perdido, aquele que precisa da misericórdia, aquele que num momento de desespero é deixado sozinho. Tem igualmente destacado um elemento essencial, o Judas que habita em cada um de nós, revelando esse aspeto da nossa humanidade que muitas vezes queremos esquecer ou esconder. Na verdade, expressa essa fragilidade humana que é muito visível em Judas e certamente, comum a todos. Esta questão ainda salienta um assombro para uma Igreja que não quer tocar

²⁷² Cf. Leonid Andreiev, *Judas Iscariote y otros relatos*, 102.

nas feridas da nossa humanidade. Nesse sentido, apesar da abordagem por um prisma diferente; através de uma nova reflexão, são ainda muitos os que negam aproximar-se de Judas, noutra ótica. Não conseguem ver para além do traidor que não é digno de perdão. Neste contexto, a literatura, do alto da sua liberdade e com a criatividade do escritor tem mais habilidade e possibilidade de falar com a sociedade e até com a Bíblia. O espaço que num determinado momento foi apenas ocupado pelos teólogos e os biblistas, hoje parece ser ocupado pelos artistas que sentem vontade de falar daquilo que é comum a todos nós. De salientar que afinal a traição é uma realidade presente em nós e na sociedade.

Conclusão

O contexto atual, no qual constatamos uma certa crise na transmissão da fé às novas gerações, pode ser lido simplesmente como um espaço ameaçador que leva a petrificar certas formas tradicionais como resposta aos tempos que correm. Por trás de uma desconfiança das gerações mais velhas para com os jovens e, das acusações recíprocas de indiferença de uns e da rigidez de outros, esconde-se um problema que tantos vivenciam e que é real. Urge, então, levantar questões e encontrar as respectivas respostas. Qual é o terreno mais propício para que a transmissão tradicional da fé possa passar de uma geração para outra? Uma questão que se torna urgente pelo desfazamento cada vez maior, mais heterogênea e mais rápido que se instala entre uma geração e outra.

Para enfrentar este desafio é necessário discernir não apenas as ameaças, mas também sobre as oportunidades. No novo contexto, as experiências religiosas são não só marcadas por um processo de desinstitucionalização das práticas e desfiliação dos bens coletivos, mas também pela crescente individualização. Isto não significa o desaparecimento dos religiosos, mas uma nova configuração que estaria em andamento.

Partindo deste ponto, identificamos que na atualidade há espaços que estão abertos ao diálogo: um deles é o mundo literário. Na literatura, a teologia encontra uma porta suscetível de se abrir a novas realidades e contextos que esperam ser habitados. Como já foi visto anteriormente, a literatura e a teologia partilham elementos comuns. Um deles é o ser humano.

Como verificamos no texto de Amos Oz e de Andreiev, encontramos uma busca de sentido, uma busca de redenção e de explicação. Nestes casos em particulares, Judas, um personagem bíblico, é o elemento essencial a partir do qual os escritores revelam parte de si, da sua identidade, dos seus dramas, das suas preocupações. Perante isto, Judas torna-se num personagem que explica muito bem o drama da liberdade das escolhas, as quais acabam por ter as suas consequências. Pela maneira como é apresentado, Judas acaba por questionar o leitor, que afinal deixa para segundo plano a pergunta que muitos teólogos se colocam e que incide sobre a salvação de Judas. Todavia, para estes autores, a principal preocupação não é esta. O que procuram é ver o mais íntimo do apóstolo, as suas emoções, os seus sentimentos, os seus motivos. Afinal, atrás de cada escolha há sempre um motivo; há sempre uma opção. Os autores, em si, não têm interesse em salvar o apóstolo. Pelo contrário, querem mostrar o drama que podemos vivenciar quando fazemos certas escolhas.

Afinal, quando uma vida é vivida com autenticidade; quando as escolhas estão em sintonia com aquilo em que acreditamos, há claramente uma consequência. No caso de Judas,

e segundo os escritores estudados, a decisão de entregar o Mestre tinha uma clara intenção. Porém, não correu como pensava e a sua decisão levou-o a pôr fim à vida. Sem cair em extremos, os escritores procuram expressar o drama de escolher; o drama de ser livre; de ter de optar e constataam que, afinal, as situações podem não acontecer como imaginamos. De facto, cada personagem expressa isto, de maneira especial, no livro de Amos Oz.

Em Amos Oz, cada personagem é um claro exemplo do quão difícil é a vida. Do quão difícil é escolher e, que no fim, as nossas escolhas não só influenciam a nossa vida, mas também a vida de outras pessoas. O escritor israelita é o exemplo desta realidade. Apesar do seu grande talento literário, foi considerado como um traidor pelo seu próprio povo, por defender a paz entre Israel e a Palestina. Mas esta categoria de traição não é comum a todos?

O exemplo do filho que não quer estudar aquilo que os pais desejam é fundamental. Neste sentido, encontrar-me com Shmuel, o protagonista de Amos Oz, foi demasiado revelador. Há inevitavelmente um reflexo, um convite, uma interpelação. Parece que esta personagem foi pensada para mim. A literatura tem esta característica: interpela tão profundamente o leitor que acabamos por nos rever no outro. Nesse contexto, Shmuel é muito revelador. A sua experiência de se sentir um traidor aos olhos dos pais é o que sinto por ter deixado o Seminário. Sinto-me, muitas vezes, um traidor perante as pessoas que esperavam mais de mim. Mas não termina aqui, Shmuel estava a redigir uma tese que estava prestes a interromper. Esse é exatamente o meu caso. Mas afinal, sou ou não um traidor? Serei um traidor? Seremos traidores por escolhermos aquilo que para nós faz sentido? Na verdade, sim, mas é exatamente isso que o autor quer provocar: quer que as pessoas façam escolhas, apesar de não serem as mais populares. Neste contexto, Amos indica que o traidor está para além do seu tempo; consegue ver para além daquilo que os outros veem.

Neste contexto, no momento que a teologia vai ao encontro de Amos Oz, surgem perguntas, provavelmente, sobre as quais não tinha refletido. Um exemplo disso é a abordagem que Amos e Andreiev fazem de Judas. Na maioria das vezes, a teologia tem olhado para Judas e questiona, apenas, se foi salvo ou não. Porém, deixa de lado todos os sentimentos que podem ter habitado o apóstolo e que o levaram a atentar contra a própria vida.

Assim, a partir desta leitura, a teologia é enriquecida e olha uma realidade comum e muito presente em todos os seres humanos. E o Papa Francisco é um exemplo disto, pois tem olhado para Judas com outra perspetiva. Através dos seus dois quadros, tem refletido para além do que é visto nas tradições sociais. Neste sentido, a arte é um elemento que interpela e que, ao mesmo tempo, catequiza.

Bibliografia

1. *Edições da Sagrada Escritura e Instrumentos de Apoio*

- Ausejo, S, *Diccionario de la Biblia*, Barcelona: ed. Lit 1963.
- Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada*, Lisboa e Fátima: Difusora Bíblica, 2013
- Balz, h. – Schneider, G, *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, I-II*, Salamanca: Ed. Sígueme, 2012.
- Bauer, J. B, «Judas». Em *Diccionario de Teologia Bíblica*, Ed Herder, 230-231. Barcelona: 1967. Coenen, Lothar – Brown, Colin, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, II*, São Paulo: ed. Vida Nova, 2000.
- Coggins, R. J. – Houlden, J. L, *A Dictionary of Biblical Interpretation*, London: SCM Press, 1990.
- Dictionnaire Encyclopédique de la Bible*, Brepol, Turnhout, 2002.
- Dhully, J, *Dictionnaire Biblique*, Desclée, Paris 1964.
- Kittel – G. Friedrich, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Roma: Paideia 1965.
- La Sainte Bible*, Paris: Ed. du Cerf, 1955.
- Léon-Dufour, X, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Ed. Vozes, Petrópolis, Brasil, 1972.
- Mckenzie, Jonh., *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1983.
- Nestle, E. – Aland, K, *Novum Testamentum Graece et Latine*, Deutsche, Stuttgart: Bibelgesellschaft, 1986.
- New English Bible*, Oxford Cambridge: Oxford University Press, Cambridge University Press, 1970.
- Novo Testamento Interlinear, Grego – Português*, Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- Tradução Ecuménica da Bíblia, São Paulo: Ed. Loyola, 1995.
- Pereira, Isidro, *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*, Braga: ed. Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.
- Profesores de Salamanca, *Bíblia comentada. V: Evangelios (1-4)*, Madrid: Ed Autores Cristianos, 1977.
- Scholz, V. *Novo Testamento Interlinear Greco-português*, Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- The New Interpreter's Bible Commentary Volume VII: *The Gospels and Narrative Literature, Jesus and the Gospels, Matthew, and Mark*, Oxford: Abingdon Press, 2015.
- The New Interpreter's Bible Commentary Volume VIII: *Luke and John*, Abingdon Press, Oxford, 2015.

«Traição». Em *Dicionário Editora da Língua Portuguesa, Acordo Ortográfico*, Ed. Porto Editora, 450. Porto: Setembro 2020.

Zerwick, Max – Grosvenor, Mary, *Análisis Gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, Estella: ed. Verbo Divino, 2008.

2. Literatura

Oz, Amos, *Judas*, Traducción de Raquel García Lozano, Madrid: Pinguin Random House Editorial, 2019 Andreiev, Leonid, *Judas Iscariote y otros relatos*, Madrid: Lom ediciones, 2014.

Borges, Jorge Luís, *Ficciones*, Madrid: Alianza Editorial, 2002.

Bosch, Juan, *Judas Iscariote, el Calumniado*, Madrid: A. Machado Libros S. A, 2009.

Caldwell, Taylor, Yo, *Judas: La verdadera historia de Judas Iscariote contada por él mismo*, Madrid: Maeva Ediciones, 2007.

Petrucelli, Ferdinando, *Memorias de Judas*, Madrid: Martínez Roca, 1989.

Stead, C.K, *My Name Was Judas*, Hardcover: Harvill Secker 2006.

Walter, Jens, *Der fall Judas*, Stuttgart, 1975.

3. Bibliografía geral

Aguirre, Rafael – Rodriguez, Antonio, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Estella: ed. Verbo Divino, 2012.

Alday, Salvador Carrilo, *El Evangelio Según Mateo*, Estella: ed. Verbo Divino, 2010.

Avi Shlaim, *The Iron Wall: Israel and the Arab World*, Londen: Penguin Books, 2000.

Balthasar, von, *¿Qué es un cristiano?* Traducido por A. Sánchez Pascual, Madrid: Omega 10, 1967.

Barret, Charles Kingsley. *El evangelio según san Juan. Una introducción con comentario y notas a partir del texto griego*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2003.

Bovon, Francois, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo I. Salamanca*, España: Ediciones Sígueme, 1995.

_____, *El Evangelio Según San Lucas. Tomo IV. Salamanca*, España: Ediciones Sígueme, 2010.

Beutler, Johannes. *Comentario al evangelio de Juan*. Navarra: Verbo Divino, 2016.

Blank, Josef. *El evangelio según San Juan*, Barcelona: Editorial Herder, 1984.

Bover, José Maria, *El Nuevo Testamento: Traducido del Griego y Comentado*, Barcelona: Balmes, 1946.

- Bruce, Frederick Fyvie, *The new international comentary on the New Testement: the Book of the Acts revised*, Michigan: ed. Eedmans Publishing Company, Grand Rapids, 1988.
- Castro Sánchez, Secundino, *El sorprendente Jesús de Marcos: el evangelio de Marcos por dentro*, Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2007.
- Couto, António, *Introdução ao Evangelho segundo Mateus*, Lisboa: ed. Paulus, 2015.
- Congar, Yves, *La tradición y la vida de la Iglesia*. Traducido por F. Revilla, Andorra: Casal I Vall, 1964.
- _____, *El Espíritu Santo*. Traducido por A. Martínez de Lapera, Barcelona: Herder, 1983.
- _____, *La Parole et Le Souffle*, Paris: Mame Desclee, 1983.
- Delorme, Jean, *Para ler o Evangelho segundo S. Marcos*, Lisboa: ed. Difusora Bíblica, 2005.
- Dodd, Charles, *Interpretación del cuarto evangelio*. Madrid: Cristiandad, 2004
- Erdman, Charles R, *The Gospel of Matthew*, Grand Rapids: ed. Baker Book House, 1983.
- France, Richard Thomas, Matthew. *Tyndale New Testament Commentaries*, Michigan: ed. Inter Varsity, 1997.
- Fitzmyer, Joseph, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo II*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1987.
- _____, *El Evangelio Segun Lucas. Tomo IV*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 2005.
- _____, *Los Hechos de los Apóstolos II*, Salamanca: ed. Sígueme, 2003.
- Galizzi, Mario, *Evangelio según Marcos*, Madrid: ed. San Pablo, 2007.
- Guijarro, Santiago, *El camino del discípulo. Seguir a Jesús según el Evangelio de Marcos*, Salamanca: ed. Sígueme, 2015.
- Johnsrud Zorgati, Ragnhild, Bohlin, Anna, *Tracing the Jerusalem Code: Volume 3: The Promised Land Christian Cultures in Modern Scandinavia (ca. 1750–ca. 1920)* London; De Gruyter, 2021.
- Kuschel, Karl-Josef. *As escrituras e os escritores: retratos teológicos-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____, *Talvez Escute Deus Alguns Poetas: A Literatura Enquanto Desafio à Fé Cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2018.
- Kasser, R. *El Evangelio de Judas*, Barcelona: RBA, 2006.
- Klassen William, *Judas: Betrayer or Friend of Jesus?* Minneapolis: Fortress, 1996.
- Kurz, W. S., *Reading Luke-Acts. Dynamics of Biblical Narratives*, Couisville (Keutucky): Ed. Westminster, 1993.

Léon-Dufour, Xavier. *Lectura Dell'Evangelio secondo Gioavanni, Volume I*. Milão: Edizioni San Paolo, 1990.

Léon-Dufour, Xavier. *Lectura Dell'Evangelio secondo Gioavanni. Volume II*. Milão: Edizioni San Paolo, 1990.

MacDonald, Deven K. *Allegiance, Opposition, and Misunderstanding: A Narrative Critical Approach to Mark's Christology*, London: Wipf and Stock, 2018.

Mateos, Juan, *El Evangelio de Marcos: Análisis Lingüístico y Comentario Exegético*, Madrid: Fundación Épsilon, 1993.

_____, *El Evangelio de Mateo: Lectura Comentada*, Madrid, Cristiandad, 1981.

Mateos Juan, Barreto Juan, Hurtado Enrique, *El Evangelio de Juan: Analisis Linguistico Y Comentario Exegético*, Madrid: Cristiandad, 1979.

Meyer, M.W. *Judas: the definitive collection of gospels and legends about the infamous apostle of Jesus*. New York: HarperCollins, 2007.

Mitch, Curtis – SRI, Edward, *The Gospel of Matthew*, Grand Rapids: ed. Baker Academic, 2010.

Martín-Moreno, J. M, *Personajes del cuarto evangelio*, Madrid, Ed. Desclée de Brouwer, 2002.

Nadine Fludore, Mengue Nguema. *La réécriture du personnage biblique de Judas Iscariote dans " Carnet secret de Judas Iscariote " d'Auguy Makey et Judas, le deuxième jour" de Jacques Duquesne. Littératures. Français: Université Paris-Est, 2012.*

Moloney, Francis J, *El evangelio de Juan*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2005.

Nolland, Jonh, *The Gospel of Matthew*, ed. Eerdmans, Grand Rapids, 2005.

Oliveira, A. Cunha, *A Morte do Justo, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura*, 2013.

Ramos, F, *Evangelio según San Juan, Comentario al Nuevo Testamento, 5ª Ed*. Madrid: Verbo Divino, 1995.

Schnackenbrg, R, *El evangelio según San Juan, versión y comentario, tomo primero*, Barcelona: Herder, 1980.

Schmid, Josef, *El Evangelio según San Mateo; versión castellana de Mercedes González-Haba*. - Barcelona: Herder, 1967.

_____, *Evangelio según San Lucas, versión castellana de Mercedes González-Haba*. - Barcelona: Herder, 1968.

Schneiders, S. M., *Lectura del Evangelio de Juan, Jn 1-4, vol.1*, Salamanca: Ed. Sigueme, 1989.

Scopello, Madeleine. *The Gospel of Judas in Context*, Leiden, The Netherlands: Brill, 31 Aug. 2008. <https://doi.org/10.1163/ej.9789004167216.i-404>

Stener, Christophe, *Judas Iscariot dans la littérature modern*, Paris: Books on Demand, 2021.

Stöger, Alois, *El Evangelio según San Lucas: Volume 1*. Barcelona: Herder, 1979.

_____, *El Evangelio según San Lucas, Volume 2*. Barcelona: Herder, 1979.

Tuñi, Josep-Oriol. *Escritos joánicos y cartas católicas*. Navarra: Verbo Divino, 2008.

Wikenhauser, Alfred. *El evangelio según san Juan*. Barcelona: Herder, 1967.

_____, *Los Hechos de los Apóstoles*, Barcelona: Herder, 1973.

4. Artigos

Arellano, Ignacio, «Judas, mito y personaje en el teatro del Siglo de Oro. La versión de Antonio Zamora», *Neophilologus*; Vol. 99 Issue 1 (Jan2015) 47-62.

https://jabega.uma.es/discovery/fulldisplay/cdi_chadwyckhealey_abell_R05326127/34CBUA_UMA:VU1.

Aizenberg, Edna «Three Versions of Judas Found in Buenos Aires: Discovery Challenges Biblical Betrayal: Special to Variaciones Borges. » *Variaciones Borges*, no. 22 (January 1, 2006): 1–13. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=dc4c61d9-d8b0-3ac6-a70b-e50d38534266>.

Albert, Marie-Aude, « Judas Iscariote ou les Avatars littéraires du douzième apôtre (Leonid Andreev, Maksimilian Vološin, Paul Claudel) » *Revue des Études Slaves* (1999): 359-375.

Adur, Lucas. «Un Dios Despedazado y Disperso Imágenes de Jesús En La Obra de Borges», *Lexis. Revista de Lingüística y Literatura* 42, no. 2 (July 1, 2018): 327–367. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=dc3fdd33-941f-3cba-8101-9de63c358784>.

Almut-Barbara Renger, «The Ambiguity of Judas: On the Mythicity of a New Testament Figure» *Literature and Theology*, Volume 27, Issue 1, (March 2013):1–17. <https://doi.org/10.1093/litthe/frs012>.

Bar-Yosef, Hamutal. «The Reception of Leonid Andreev in Hebrew and Yiddish Literature.» *Symposium* 58, no. 3 (September 1, 2004): 139–51. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=55ea416a-3cfa-34cd-a98534ed8eb6004a>.

Barreneche, Ana María, «Borges y los Símbolos», *Revista Iberoamericana*: Vol. XLIII, Núm. 100-101, (Julio-Diciembre 1977)

Best, Ernest, «The role of the Disciples in Mark», in *New Testament Studies*, vol. 23 (1977), pp. 377-401.

Díaz, Pablo, «Los Hilos de la Trama Oscura: La Diversidad Teológica en La Poesía de Borges», *Epos* Issue 29 (2013) 227-236. <https://discovery.ebsco.com/c/ljojij/pdf/lnciupdgb>.
Delorme, Marie-Laura. «Judas Amos Oz Sylvie Cohen» *Revue des Deux Mondes*, (2016.)120-140<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=cc7baa35-3cde-3a6f-936e-9c623b0f580d>.

Di Bianco, Nicola, Emma Grimaldi. «Giuda Iscariota Tra Memorie Neotestamentarie E Interpretazioni Letterarie», *Asprenas* 65, no. 3/4, (July 1, 2018): 313–336. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=5624ce61-2c42-386f-b5ee-85041cb7fcd3>.

Gatrall, Jefferson J. A. «The Color of His Hair: Nineteenth-Century Literary Portraits of the Historical Jesus. » *Novel: A Forum on Fiction* 42, no. 1 (March 1, 2009): 109–130. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=58bdcc31-3a16-3ff1-8f07-fcf7d5665237>.

Kasser, Rodolphe, «L'Évangile de Judas, damné, perdu, retrouvé, mais très maltraité » *Le Monde*, (August 11, 2006): 1561-1581. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=f27750d4-2287-356a-aef8-10f5c99074e1>.

Kimber, G. Black Sheep, « Rehabilitated: The World According to Judas and C. K. Stead», *British Review of New Zealand Studies*, [s. l.], v. 16 (2007): 32–57. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=81956f25-530b-3151-9175-eebdeb2cbf5d>.

Koet, Bart J. «Judas, verrader of de trouwste leerling? ». *Tijdschrift voor Theologie* 57, N°2, (2017): 103-115. <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=3217943>.
Hamilton, Catherine Sider. «Journal of Biblical Literature». 137 N°2 (2018), 419-437. <https://muse.jhu.edu/article/699582>.

Hale, F, Rehabilitating the traitor in Taylor Caldwell's I, Judas» *Koers*, vol.76, n.3, (2011): 459-478. http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2304-85572011000200003.

Hever, Hannan, «Betrayal and Revenge in Amos Oz's Judas» *Interventions: The International Journal of Postcolonial Studies* 20, no. 3 (May 1, 2018): 367–88. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=84e40d91-73af-32f9-abfc-2e700f8b7a87>.

Honess, Claire E, « Leeds Centre for Dante Studies, and Matthew Treherne». *Reviewing Dante's Theology*, Volume 2, (2013).

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=3b7c2100-5557-3a78-b5af-1b1af7e9a02d>.

Hutchings, Stephen. «Mythic Consciousness, Cultural Shifts, and the Prose of Leonid Andreev.» *Modern Language Review* 85, no. 1 (January 1, 1990): 107–123.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=ca49db0e-c89a-392e-96e9-5d44534ff9d7>.

Jesualdo Eduardo de Almeida Junior, «‘Judas’ Amos Oz: A Thinking of Law Review and Show Thought.» *Conpedi Law Review* 1, no. 3 (May 1, 2016): 8–22.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=9d7d0a57-75ea-3fef-8185-49b8b4e5b734>.

Kirschbaum, Saul, «Amós Oz: De Lealdades e Traições» *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos Da UFMG* 9, no. 17 (January 1, 2015): 293–302.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=00401483-3537-329f-bf89-67ed724af5c0>.

Kraft, Dina «Prophet, or Prattler of the Impossible? Israel Recalls Amos Oz.» *Christian Science Monitor*, (January 2, 2019) 100-125.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=01747da2-a06e-39eb-ba36-f8ee58ae526c>.

Lippi, D, P. Charlier, R. Bianucci, A. Coralli, O. Appenzeller, and A. Perciaccante. «The Autopsy of the Prophet Muhammad in Dante’s Inferno.» *Journal of Religion & Health* 59, no. 4 (August 1, 2020): 1838–1842.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=ea87a995-72f3-313e-a193-92a34c5ce6bf>.

Marie-Aude Albert, Marie-Aude Albert. «Judas Iscariote Ou Les Avatars Littéraires Du Douzième Apôtre (Leonid Andreev, Maksimilian Vološin, Paul Claudel).» *Revue Des Études Slaves* 71, no. 2 (January 1, 1999): 359–75.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=a5d1745a-291e-3d90-8a60-ae05c2952336>.

Menzinger, Sara. «Dante, La Bibbia, Il Diritto. Sulle Tracce Di Uzzà Nel Pensiero Teologico-Giuridico Medievale.» *Dante Studies* 133 (January 1, 2015): 122–146.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=8633b5ba-6a25-3fef-a538-fafeddeed033>.

Merrill, Jason. «Religion, Politics, and Literature in Larisa Shepit’ko’s The Ascent» *Slovo Maney Publishing* 18, no. 2 (October 1, 2006): 147–62.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=41e532db-1c45-3658-996e-72eebda536a5>.

Montefusco, A, Milani, G. «Le Lettere Di Dante: Ambienti Culturali» *Contesti Storici e Circolazione Dei Saperi*. Vol. 00002, (2020).120-130.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=b02c6724-6cbe-39fb-b8d5-64afa334aa7c>.

Murray, Luke, «The Church Fathers and the Fall of Judas ». *Augustiniana* 65, N° 3-4, (2015): 185-203.

<https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=3144289>.

Nora Moll, «The Myth of Ulysses in the Postwar Novel: Tragic and Anti-Tragic Mode in Stefano D'Arrigo and Walter Jens» *Between* 7, no. 14 (November 1, 2017).

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=f69aa6e2-3463-3e56-8745-4db7157c03a4>.

Novick, Tzvi. «The First Christian? » *Commonweal* 144, no. 6 (March 24, 2017): 25–26.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=5b91272d-4ec4-3122-83ae-ab6977897a63>.

Oliveira, Maria Clara Castellões, «Amós Oz e "Fima": política e literatura (s)e(m) ressentimento, » *Aletria - Belo Horizonte*, Vol. 23 (2013):175-184.

Papiasvili, Eva D. «Continued Relevance of Dante Alighieri's Comedy That Transformed the Soul and the Culture. » *International Forum of Psychoanalysis* 29, no. 1 (March 1, 2020): 39–49.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=bc01210-f239-33b7-b2f528635454c3eb>.

Puche López, Maria. «La Leyenda de Judas Iscariote En La Tradición Catalana de La Legenda Aurea y Su Modelo Latino: Algunas Reflexiones» *Cultura Neolatina*, no. 3/4 (July 1, 2018): 211–238.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=6e908fca-541a-3a06-9d6f-1c7f4c1cb233>.

Ricci, Piero. «The Fourth Version of Judas. » *Variaciones Borges* 1 (January 1, 1996): 10–26.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=62cc235e-e822-327d-8bb2-06575c08d400>.

Roukema, Riemer. «The Historical Context of the Gospel of Judas and its Presentation to the Wider Audience». *Journal of Coptic Studies* 12, (2010): 1-18.

<https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=2062428>.

Ryan, Maurice. «Creating Judas Iscariot: Critical Questions for Presenting the Betrayer of Jesus. » *Journal of Religious Education* 67, no. 3 (October 1, 2019): 223–137.

<https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=8c5b573f-a22f-3ecd-a691-57047103ed67>.

Rosenthal, Randy, «Searching for Amos Oz in Jerusalem: The Acclaimed Novelist, Who Died in 2018, Translated Israeli Reality» *American Scholar* 89, no. 2 (April 1, 2020): 103–109. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=d58900b2-2963-37ef-b64f-b43cec2e7e55>.

Schenke Robinson, Gesine. «The Relationship of the Gospel of Judas to the New Testament and to Sethianism». *Journal of Coptic Studies* 10, (2008): 63-98. <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=2030847>.

Serge, Rolet. «Qui Est Le Judas De Leonid Andreev?» *Revue Des Études Slaves* 77, no. 4 (January 1, 2006): 599–610. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=2d9420cb-8ec7-3171-98a3-4f627204adac>.

Trompf, Garry W. « The Epistle of Jude, Irenaeus, and the Gospel of Judas ». *Biblica* 91, N°4, (2010): 555 – 582. <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=3188885>.

Veljović, Jelica, «Una lectura posmoderna de Borges: Judas Iscariote como Otriedad del Dios, Colindancias», *Revista de la Red Regional de Hispanistas de Hungría, Rumanía y Serbia*, (2013) 171. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5249334>.

Wiser, Antonin. «Fidélités du traître Contribution à une poétique des « Romans de Judas » après 1945 », *Littérature*, vol. 153, no. 1, (2009) 61-74.

Woodward, James B. «Structure and Characterisation in the Stories of Leonid Andreev» *Scando-Slavica* 15, no. 1 (January 1, 1969): 13–20. <https://discovery.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=be52cfba-733c-3c6b-a652-2be82d3112e3>.

5. Sites:

PAPA BENTO XVI, *AUDIÊNCIA GERAL, Quarta-feira, 18 de Outubro de 2006*, Disponível:
http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061018.html
Aceso em: 8 jun 2020

Viuda e hijos de Amos Oz salen en su defensa, tras acusaciones de maltrato, Disponível em:
<https://www.eluniversal.com.mx/cultura/viuda-e-hijos-de-amos-oz-salen-en-su-defensa>

Acesso em: 10 sep 2020